

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

CIRO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

ESSA GRAÇA QUE É OLHAR ATRÁS: NOVELA E TRAJETÓRIA DE ESCRITA

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Ficha Catalográfica

O48e Oliveira, Ciro Nogueira

Essa Graça que é Olhar Atrás : Novela e Trajetória de Escrita
/ Ciro Nogueira Oliveira . – 2018.

112 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jose de Moraes Bueno.

1. Ficção Brasileira. 2. Processo Criativo. 3. Patologias
Psiquiátricas. 4. Criação de Personagem. 5. Estratégias
Narrativas. I. Bueno, Bernardo Jose de Moraes. II. Título.

CIRO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Essa graça que é olhar atrás

Novela e trajetória de escrita

Novela e ensaio apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre
2018

Resumo

Essa graça que é olhar atrás é uma novela que acompanha três momentos cruciais da vida de Magda, sua personagem principal. Neste trabalho, além da leitura do texto ficcional, podemos acompanhar o registro da *Trajétoria de escrita*: ensaio que demonstra onde e como o processo criativo das personagens e enredo ganhou corpo. Estão ali reflexões sobre alguns dilemas autorais, comentários sobre as obras ficcionais e teóricas que influenciaram a produção e, por fim, as pesquisas que subsidiaram o manejo de conhecimentos específicos na narrativa, principalmente sobre patologias psiquiátricas e seus tratamentos, um elemento chave da trama.

Palavras-chave: Ficção brasileira. Processo criativo. Patologias psiquiátricas. Criação de personagens. Estratégias narrativas.

Abstract

Essa graça que é olhar atrás is a short novel that accompanies three crucial moments in life of Magda, its main character. In this work, besides reading the fictional text, we can follow the record of the *Writing path*: an essay that shows where and how the creative process of characters and plot grew up. There are thoughts on some of the author's dilemmas, commentaries on the fictional and theoretical works that influenced the production, and, at last, the research that subsidized the management of specific knowledge in the storytelling, especially on psychiatric pathologies and their treatments, some important elements of the novel.

Keywords: Brazilian fiction. Creative process. Psychiatric diseases. Character development. Storytelling skills.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	6
2. Concepção da obra	
2.1 Sinopse.....	7
2.2 Estrutura, enredo e justificativas.....	7
2.3 Parte I.....	8
2.4 Parte II.....	9
2.5 Parte III.....	11
2.6 Discussões teóricas.....	12
2.7 O fazer literário.....	15
3. Parte I: Magda, 1999.....	16
4. Trajetória de escrita da Parte I.....	63
5. Parte II: Lena, 1989.....	67
6. Trajetória de escrita da Parte II.....	94
7. Considerações finais.....	106
8. Referências.....	111

1. Apresentação

Este ensaio pretende fornecer um relato sobre a trajetória de composição da novela *Esta graça que é olhar atrás*, trabalho final para obtenção do título de mestre em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS.

Desde o começo de sua execução, a escrita da novela vem passando por um processo constante de transformação em relação ao planejamento inicial. A condução da trama, o ritmo, as características das personagens e os pontos de destaque da história ganharam novos contornos à medida que o texto ficcional veio tomando corpo, em uma dinâmica de retroalimentação e diálogo com a ideia original. Parte das opções feitas e decisões tomadas geraram reflexões em diários de escrita ou, se não chegaram a tanto, ao menos deixaram rastros significativos em minha própria noção a respeito do que *querer* da obra.

Como mantive boa parte dos registros da composição e principalmente do planejamento fundado antes do início da execução, será possível compararmos, em uma perspectiva temporal, o que se transformou ao longo do processo. Além dos aspectos fundamentais da ficção elencados no parágrafo anterior, a aparição de novos personagens e a reorganização cronológica dos eventos contados serão também tema de discussão.

Por fim, apresentarei um balanço a respeito das pesquisas realizadas, tanto aquelas relacionadas aos temas específicos da história, como as patologias psiquiátricas, quanto as que tratam de técnicas de composição ficcional em geral.

A organização do trabalho apresentando capítulos do ensaio intercalados com cada uma das partes da novela foi proposital, para que a noção do andamento, tanto no que diz respeito ao planejamento quanto à execução, fosse mais facilmente transmitida e captada.

2. Conceção da obra

2.1 Sinopse

Magda, a personagem central de *Essa graça que é olhar atrás*, vive realidades bastante distintas em diferentes momentos de sua vida, situações que em geral não imaginamos possuir conexão entre si. Proveniente de uma ex-colônia rural de italianos no Brasil, a mulher chega a pertencer a uma espécie de elite urbana, tornando-se pequena empresária e mãe de uma família de classe média, posição invejável para muitos de sua geração e origem. Algum tempo depois, se verá internada em um hospital psiquiátrico, sozinha, por conta do desenvolvimento tardio de um quadro psicótico de difícil diagnóstico. Esta trajetória de sucessos e percalços será trabalhada em um enredo focado em histórias de afetos que nos propõem reflexões sobre temas humanos, como tomadas de decisão na vida, possibilidades de mudança, carmas, loucura, lucidez, maternidade, desejo e solidão. Dividida em três partes, a narrativa acompanhará a história de vida da protagonista desde o final de sua adolescência, no fim nos anos 1970, até o ano de 1999, com foco nos momentos decisivos.

2.2 Estrutura, enredo e justificativas

Trata-se de uma estrutura diacrônica simples: serão três momentos da vida da protagonista narrados em terceira pessoa, sendo o primeiro deles, a parte 1 do livro, situada no fim dos anos 1990; a parte dois no fim dos anos oitenta e a parte três no fim dos anos setenta. A história volta no tempo, se observada a sequência de ordenação das partes, com a personagem principal tendo 36 anos de idade na parte 1, vinte e seis na parte 2 e dezesseis na parte 3.

Ao contrário do que se poderia esperar deste tipo de cronologia, não há no passado da protagonista algo que encerre algum mistério ou que proponha explicações objetivas para problemas deixados em aberto na trama, desenvolvida no período correspondente a sua fase mais adulta. Pelo contrário, é uma história de uma pessoa comum, dentro dos limites cabíveis para o conceito, com um conflito principal representado em três diferentes problemas – cada qual situado em uma diferente etapa de sua vida.

A pretensão é que cada uma das partes funcione como uma história independente,

como se fossem três pequenas novelas, de modo que as ligações que venham a existir entre uma e outra sirvam para fortalecer a caracterização das personagens, mas não necessariamente resolver ou desenvolver uma trama global. O que pode haver neste sentido é tão somente a trajetória de vida da protagonista a ser costurada pela leitura, inclusive com o recurso do *não-dito*, já que haverá lacunas de cerca de dez anos entre uma parte e outra.

Magda, a protagonista, é nascida em uma ex-colônia italiana no interior de Minas Gerais, na região da cidade de Barbacena, onde vive até o fim de sua adolescência, quando sai para a capital, prossegue estudos, trabalha, casa, tem filhos, passa por problemas conjugais, dilemas profissionais, adocece, passa por internações em hospitais psiquiátricos, passa por um divórcio, pensa em recomeçar a vida em outro lugar – isso já anos depois. Apresento, em seguida, um breve apanhado do enredo que compõe cada uma das partes e, à medida que forem surgindo, as justificativas referentes à estrutura escolhida.

2.3 PARTE I

A parte um acompanha a fase mais adulta da protagonista, quando ela vive a indecisão a respeito de brigar ou não pela guarda dos filhos, que ficaram com o ex-marido desde o momento de sua separação. As opções que se abrem são: desistir da guarda e da companhia dos filhos – menino e menina, 9 e 13 anos, respectivamente – e com isso talvez até aceitar a proposta do namorado para que se mudem para uma cidade no litoral nordestino, onde ele teria uma possibilidade de trabalho, para que comecem uma vida nova; a outra opção seria tentar estruturar sua vida como mãe de família em Belo Horizonte, com a companhia dos filhos e uma possível pensão alimentícia. Em suma: via alternativa contra via tradicional, com a segunda alternativa incluindo o dissabor de uma batalha judicial.

A narrativa da parte 1 acompanha o mês final onde esse dilema terá de ser resolvido. Ela está indecisa. *Flashbacks* curtos são usados para auxiliar a contextualização dos anos mais recentes, mas apenas os mais recentes, pois os mais distantes serão trabalhados nos demais blocos (partes 2 e 3) com mais detalhes. As personagens secundárias desta parte 1 são o Astro (Astrogildo), namorado/companheiro que acena com a possibilidade de uma vida nova em outro lugar, caso a decisão de Magda seja por abrir mão da guarda das crianças; Roberto, o ex-marido, com quem mantém uma relação de distância e respeito e que não sabe bem o que

acontecerá no dia da audiência pela assinatura do divórcio – quando terão que ser decididas as questões de sua permanência ou não com as crianças; os próprios filhos, com quem a convivência eventual acirra seu dilema, suas reflexões a respeito de responsabilidade, afeto, liberdade individual, bem como as sensações de transgressão que uma mulher no fim dos anos noventa poderia experimentar abrindo mão de ficar com seus filhos.

A personalidade da protagonista aparece nas ações cotidianas, em que sua organização de vida – à época com tons de provisoriedade, vivendo em uma pensão, emprego em período de experiência etc – transmite a ideia de fase transitória. A iminência da decisão importante a ser tomada faz com que o período acompanhado pela narrativa seja um provável divisor de águas em sua vida.

A única menção a um evento mais antigo que parece significativo para sua estrutura mental de fins dos anos noventa é uma referência a algo que figura como “a internação”.

2.4 PARTE II

O evento central da parte 2, como mencionado acima, é a internação da protagonista em um hospital psiquiátrico, que acaba sendo um ponto de inflexão em sua vida. A proposta desta parte é acompanhar os dias finais do período de internação, quando a narrativa de seu cotidiano no hospital – no fim dos anos oitenta – será intercalado com *flashbacks* referentes aos anos anteriores. Como na parte um, apenas o passado recente aparecerá, para fins de composição da trama.

A gestação inicial desta personagem previa a exposição de um quadro psiquiátrico de psicose ou esquizofrenia leve, um limite tênue de difícil detecção, comum a diversos pacientes que padecem de crises onde veem suas personalidades alteradas ou mesmo sua noção de realidade completamente relativizada, necessitando tratamento hospitalar e medicamentos. Após a primeira etapa de pesquisas sobre estas patologias, tive a impressão que trabalhar literariamente o momento da aparição das instabilidades mentais poderia transformar a história em uma narrativa que por vezes beirasse um tecnicismo médico, o que estaria longe de ser minha intenção. Ao mesmo tempo, por se tratar de um momento de notável passividade – *sofrer* de uma doença, *perder* gradativamente sua noção de realidade – faria com que a personagem corresse o risco de subsistir páginas e páginas com seu conflito

diluído, já que ausente *por excelência* das ações, em termos de voluntariedade. Não obstante, a ideia deste desenvolvimento tardio de uma fragilidade psiquiátrica seguia dando coerência e vivacidade à personagem, pelo menos na explosão de ideias que foi sua criação. Temos aí, portanto, a segunda justificativa para a escolha desta estrutura: deixar de fora da narrativa o desenvolvimento da doença – assim como seu tratamento no médio prazo – sem que isso descaracterize a ideia inicial.

A leitura prévia da parte 1, adiantada cronologicamente, já trará a noção de que o desequilíbrio psiquiátrico é algo posto em termo, ou pelo menos pacificado por tratamento. Referências a medicação e a um cuidado especial com bebidas e drogas povoarão a primeira fase e ganharão um sentido maior com a segunda parte do livro.

O dia a dia no hospital, as medicações, alguma confusão mental e as conversas com o médico psiquiatra serão o recheio da segunda parte, cujo ritmo será marcado por um tom de convalescença. A protagonista quer sair do hospital, ela pede alta para o médico, mas sua capacidade de organizar logicamente os momentos que antecederam sua internação ainda está comprometida, estado que pretendo construir pela organização dos diálogos desencontrados da memória que, mais uma vez, aparecerá com o recurso do *flashback*. Pouco a pouco, emerge a revelação de que algo irreversível foi cometido por Magda durante o surto psicótico que a levou à internação. O médico faz menção a certa violência cometida contra sua própria filha (filha de Magda), algo cuja lembrança é dolorosa. Ao mesmo tempo que precisa organizar seu pensamento para provar que consegue discernir logicamente os eventos imediatamente anteriores à sua internação – e com isso comprovar sua lucidez – a lembrança ativa em Magda uma sensação para a qual não está preparada. Sensação de situação onde é posta em cheque pela sociedade, sensação que traz à tona seu conflito pessoal, seu anseio por liberdade que a vida de jovem mãe casada não proporcionava. Mesmo uma perspectiva criminal de sua conduta ameaça entrar em cena. As primeiras conversas com o médico terminam com Magda se escondendo em si, em sua própria confusão de realidade, e com isso ela permanece internada.

A leitura da parte 2 deve ser independente também, embora a noção de “resolução” proporcionada pela parte 1 acabe sendo marcante para a compreensão ou interpretação dos eventos que ocorrem dentro do hospital.

A tensão da narrativa fica por conta deste embate interno que vive a protagonista. Se, por um lado, ela tem um problema de ordem prático a ser resolvido, qual seja: obter a alta

para sair da situação de internação – o que demanda provar que está apta a organizar logicamente seus pensamentos e sua noção de realidade, por outro lado há esta ameaça de suas próprias lembranças, algo que ela não quer encarar de frente. Aos poucos, a história revelará o seguinte: durante um momento de surto, ainda nas primeiras manifestações de sua doença, Magda arremessou um cinzeiro de vidro contra sua filha e acabou ferindo-a na cabeça. A lide com esta lembrança será o ponto de baliza de seu estado mental, a ocorrência que muitas vezes fará com que a protagonista aparente preferir protelar sua alta e permanecer no hospital como uma espécie de refúgio, tanto psíquico quanto social.

Diferente da primeira parte, as ações principais da parte dois estarão mais concentradas nas memórias da personagem, que fará visitas a eventos marcantes da história recente de sua vida amorosa e profissional. O tempo presente da narrativa será marcado por ações rotineiras de um dia a dia dentro do hospital: acordar de noites sem sono, arrumar a cama, tomar remédios, refeições sem apetite, longas caminhadas de poucos metros sob efeitos dos medicamentos, conversas *nonsense* com outras pacientes, o contato com as enfermeiras, banhos desagradáveis, mais remédios, o tempo que não passa. Com menor frequência: visitas, alguma rara atividade prazerosa que surja eventualmente nos pátios e os encontros com o médico, que servirão para colocar em maior evidência, através de diálogos, o que se passa no interior da personagem. Ao fim do segundo ou terceiro encontro, os acontecimentos pregressos se confirmarão na narrativa e Magda os olhará de frente. Também terá sua indicação de alta. Como o bloco anterior terá tratado de um período dez anos à frente, a lacuna deixada funcionará para que o leitor possa inferir acontecimentos relacionados ao desenrolar da história.

2.5 PARTE III*

A parte 3 volta para o fim dos anos setenta e para um momento da vida de Magda em quase nenhuma das personagens secundárias existia até então. Como dito acima, não há um mistério a ser desvendado ou algo que o valha, sendo que a motivação para a continuidade da leitura ficará tão somente por conta de seguir conhecendo um pouco melhor a protagonista que viemos acompanhando.

* Como veremos adiante, a Parte III não foi escrita a tempo de compor o produto final. A manutenção de seu projeto, no entanto, se faz importante para a compreensão da concepção geral da obra.

O ambiente deste momento da história é uma propriedade rural da família, onde há alguma atividade agrícola e onde aparecem as relações de Magda com seus pais e irmãos. A maior parte da ação se desenvolve no tempo presente da narrativa, com uso escasso de *flashbacks*. O tom será mais vivaz, talvez eventualmente nostálgico por conta de um inevitável recurso memorial para a construção do lugar. Nesta fase, o problema com o qual Magda tem de lidar é a elaboração de sua saída da propriedade dos pais. Isso coloca em conflito suas intenções de emancipação, por um lado, e as tradições de seu meio, por outro. Há como elemento marcante uma fala da avó, segundo a qual “a filha que ficasse por último na casa deveria permanecer ali para sempre”, por conta de cuidar dos pais. Embora seja uma tradição descompassada com os tempos ou talvez até mesmo inventada pela senilidade da avó, a mera ideia de permanência assusta Magda, que já não se identifica com a casa e seus moradores.

A personagem secundária talvez mais significativa desta parte é sua irmã mais nova, sendo as duas as únicas filhas remanescentes na casa. As outras já saíram, por conta de casamentos. Nesta terceira parte há como pano de fundo esta questão aparentemente tão antiga mas ainda presente em contextos contemporâneos, sobretudo rurais: a possibilidade de emancipação da mulher praticamente limitada à via do casamento. Neste contexto, a personagem caminhará por situações que a colocam, por um lado, em uma posição de enorme identificação afetiva com a terra e o lugar e, por outro, com uma sensação de urgência de partida, visando o novo, o desbravamento, a abertura de novas possibilidades de vida. Começa a surgir a afirmação de sua personalidade voluntariosa e da consciência de seu lugar social no mundo.

Por fim, acaba deixando a terra dos pais acompanhada de um homem com quem começava a viver um relacionamento afetivo. Este sujeito será o ex-marido que aparece na parte 1.

2.6 Discussões teóricas

A trajetória de Magda é a de uma pessoa comum que busca continuamente sua emancipação como ser humano e autonomia no agir e pensar. Esta motivação ampla e geral coloca em movimento suas ações diante de três momentos de virada em sua vida. No

primeiro, referente à parte três (juventude), há o embate com o que pode ser considerado a tradição, em que ela enfrenta o peso de ser mulher jovem em uma sociedade patriarcal onde a tônica dominante de perspectiva de vida seria o futuro como dona de casa ou algo relacionado a ser esposa. A parte dois coloca em cena, lado a lado com a especificidade da doença, as frustrações provavelmente advindas de uma trajetória de vida pregressa na qual ela teria se tornado, ainda que de maneira heterodoxa, esposa e mãe, e com o tempo acumula um certo desgosto por se sentir pouco protagonista de própria vida. Anos depois, tempo referente à parte 1, já mulher adulta e consciente de boa parte de seus anseios e fraquezas, Magda terá de se planejar de fato pensando o que pretende para si, e nesta etapa pode-se dizer que o embate – mesmo do ponto de vista moral – é com a sociedade e seus costumes, pois ela flerta com a pouco usual situação de ser uma mãe que prescindir da guarda e criação presencial dos filhos, para enfim buscar um estilo de vida que tenha mais a ver com o que identifica como ideal de libertação.

Do ponto de vista estrutural, além dos já mencionados efeitos buscados com a cronologia inversa – explorar o *não-dito* na experiência de leitura, quebrar expectativas de grandes acontecimentos no fim da história – há ainda uma motivação cujo ponto de vista é mais técnico mas não menos importante para a gestação da obra. Trata-se da distinção entre novela e romance. Se considerarmos, grosso modo, que o romance abarca diferentes núcleos de conflito girando em torno de um tema central, havendo um processo de transformação da protagonista ao longo do tempo, ao passo que a novela conduz um núcleo único rumo a um final relevante em si para o sentido da narrativa, teríamos que *Essa graça que é olhar atrás* a princípio parece não se enquadrar em uma ou outra, embora as partes tomadas de maneira independente sejam mais fiéis ao gênero novela.

Há, no entanto, uma outra abordagem possível. Os saltos temporais entre cada fase narrada são de cerca de dez anos. Em um exercício de especulação ontológica, podemos dizer que as pessoas mudam ao longo da vida e, sobretudo na juventude, dez anos são o suficiente para que um observador diga “puxa, mas é outra pessoa”. Nessa perspectiva, Magda é apenas uma protagonista ao longo de sua própria vida, mas ao mesmo tempo figura como três pessoas diferentes, posto que amadurecida e mudada por suas experiências. Assim, ao conhecermos a Magda de trinta e seis, vinte e seis e dezesseis anos de idade, respectivamente, agindo em diferentes situações contra diferentes problemas – ainda que motivada por uma intenção mais ampla ligada à ideia de emancipação e autoconhecimento – temos contato com

três personagens diferentes em foco, o que nos leva a três distintos núcleos de conflito. No fim das contas, a leitura de todo o livro construirá uma visão de mudança da pessoa ao longo do tempo através de suas histórias, mesmo as não contadas.

Assim, podemos dizer que o experimento da estrutura planejada para *Essa graça que é olhar atrás* é também referente ao uso de elementos típicos do romance para a construção de uma narrativa relativamente curta. Se temos apenas uma personagem sob o foco principal da narrativa, o fato de tratarmos de diferentes épocas de sua vida faz com que lidemos com diferentes núcleos de conflito, conferindo à história uma possibilidade de leitura composta por vários casos que, somados, compõem o tema central.

Este tema central pode ser algo enquadrável em uma grande categoria dos temas humanos, como, por exemplo, “mudança” - já que todos os momentos abordados em cada uma das partes da história estão marcando alguma grande mudança da vida de Magda. Alternativamente, a própria personagem pode ser tomada como o tema central, o que colocaria a narrativa no rol de histórias biográficas – ainda que dentro do gênero ficção.

Por fim, seja qual for o tema central a considerarmos, há a trajetória de mudança da protagonista dentro dos vinte anos que separam o começo e o fim da narrativa. O acompanhamento deste processo em si, mais que desfechos significativos das histórias, acaba sendo o atrativo principal, por assim dizer, do livro.

Apresento, a seguir, uma breve lista de obras literárias que influenciaram de alguma maneira este processo, sobretudo no momento da concepção do projeto. São livros que considero dialogarem com o que pretendi, tanto do ponto de vista estrutural, quanto no que diz respeito ao tema e ritmo, como indicado:

- A Morte de Ivan Ilitch, L. Tolstói – estrutura - novela curta com abordagem biográfica da protagonista;

- Marcas de Nascimento, N. Houston – estrutura – cronologia reversa;

- Anna Karenina, L. Tolstói – personagem – mulher em conflito com sociedade de costumes engessados;

- Madame Bovary, G. Flaubert - personagem – mulher em conflito com sociedade de costumes engessados;

- Rakushisha, A. Lisboa – estratégia rítmica – narrativa de convalescença (a ser explorada sobretudo na Parte II);

- 1Q84, H. Murakami – organização da narrativa – recorte temporal de um curto lapso de tempo no presente intercalado com *flashbacks* de construção das protagonistas;

Entre outros. Há também as obras de referencial estritamente teórico, que relaciono ao fim.

2.7 O fazer literário

O processo de escrita de *Essa graça que é olhar atrás* tem sido acompanhado pela confecção de um diário de anotações onde são desenvolvidas reflexões a respeito da trama e das personagens. Desde sua concepção, durante a Oficina de Narrativa ofertada pela PUC no primeiro semestre de 2016, o plano de escrita já passou por diversas alterações e, como esperado, segue mudando, à medida que a narrativa começa a ganhar corpo.

Ao longo do texto, apresentarei as “Trajetórias de Escrita” a respeito do processo de criação do livro, mais especificamente sobre cada uma de suas partes, de seus diferentes momentos de idealização, que tratarão da pesquisa, esquemas, anotações pessoais, e até trechos tomados como “estudos” - cenas descartadas ou totalmente modificadas para a versão final.

Dados referentes a questões históricas e de cunho técnico – como a psiquiatria, por exemplo – foram levantados em pesquisa constante, e as fontes serão citadas nos comentários sobre a trajetória de escrita. Faço, no entanto, bastante uso de memórias pessoais.

3. Parte 1: Magda, 1999

1

Passarinho pousado na janela. Seria um restinho de sonho? A visão de cama e edredom dizia que não. Era manhã de quarta-feira, dia limpo, cheiro de baba seca no lençol – já sobressaindo ao perfume do amaciante. Hora de lavar, talvez. Uma recomendação dizia que todas as meninas dormissem bem fechadas em seus quartos, mas a janela aberta lembrava a Magda que mais uma vez havia subvertido a regra. Nessa época do ano gostava de ser acordada pelo ar fresco. Espreguiçou-se na cama e torceu pela hora: que ainda fossem sete da manhã, para poder curtir mais um pouco o anonimato dos lençóis, defendendo-se do frio.

No interior da casa, o telefone tocava.

Campainha quase estridente pelos corredores, mal chegava a seu quarto, que dava para o quintal, entrada independente. Se quem chama conhecesse as regras da pensão, já seriam pelo menos oito horas. Alguém atendeu. Depois de um tempo, passos se aproximaram do pequeno hall de cimento para onde dava sua janela. O passarinho não estava mais lá.

— Magda, é pra você – disse uma moça batendo na janela, sem aparecer.

Surpresa que levava a automatismos úteis: levantar de um pulo, pantufas, roupão ao lado da cama. Para chegar ao telefone era preciso atravessar corredor, cozinha, outro corredor. Caminho suficiente para repassar alguns momentos da noite anterior. Alguém havia lhe dito que meninos ficam tímidos no meio de mulheres, que não era por causa do cabelo, que ia passar. Tomara.

A noite anterior deixou um desconforto de consciência em relação a seu filho.

Tinham combinado de passarem juntos a terça, a partir do fim de tarde. O pai do menino provavelmente ia sair, pois vestia camisa social e cabelos molhados quando parou o carro para deixá-lo. Magda esperava na janela da casa e saiu para receber o filho com um

abraço. Ainda trocou um rápido aceno com o ex-marido, antes que ele arrancasse o carro.

Notou um interesse maior que o habitual no olhar da criança. Seu próprio figurino de blazer justo, calça jeans e tênis não queria dizer nada, mas talvez o menino tenha reparado em seus novos cabelos, agora entre ruivos e loiros, presos por duas tranças laterais embutidas. Ou talvez ele simplesmente tenha intuído algo, pois perguntou *Pra onde a gente vai?*

Isso foi mais ou menos uma hora depois de o programa da noite ter ficado combinado, e era imperdível: a Wanda, ex-colega de quarto, ia inaugurar o salão! Geladeira cheia, todas as meninas iam e, *Sabe o quê?*, quem quisesse ia poder cortar pela metade do preço. Como recusar?

Nossa, pior que combinei com meu filho hoje, não dá pra desmarcar.

Ah, que bobagem, Mah, leva ele, que que tem?

Será?

Opa, mas era só as mulheres no salão, hein!

Nada, sô. Menino dela é criança. Tem o que, uns cinco?

Dez. Não: nove!

Então!

— A gente vai numa festa — ela disse agachada, mãos nos ombros do filho — uma inauguração. Você vai adorar.

No fundo, não acreditava que ele fosse adorar. Uma inauguração de salão de beleza não era um programa infantil. Por outro lado, foi uma coisa tentadora que apareceu, e eles eram mãe e filho, e seria tão ótimo se tudo se conciliasse.

Lúcia apareceu na porta. *Vamos?* Eram apenas três quadras até o salão. Magda de mãos dadas com o menino, em silêncio. Três quadras marcadas pelo compasso dos saltos da colega contra o calçamento, além de motores esparsos pós hora do *rush*, uma sirene de ambulância, a campainha de um pipoqueiro e a frase abafada de um homem vestindo jaleco com quem cruzaram pelo caminho, que serviu apenas para que as duas mulheres se acusassem sem muito interesse sobre quem havia sido o alvo da cantada.

Chegaram. Era na sobreloja.

Wanda, que lavava a cabeça de alguém em sua cadeira com tanque, deu de longe as boas-vindas. *Ei Mah, ei Lu, cheguem-se. Tem Brahma na geladeira, copo na mesa, fica à vontade. Esse é seu filho, Mah? Ei, querido!*

Outra moça chegou até elas com copos e uma garrafa. Lúcia agradeceu.

– Você não quer, Mah? - perguntou um pouco intrigada a moça alta, negra, com fileiras de tranças coloridas coladas no alto da cabeça.

– Não, Paula, brigada, não tô bebendo.

O salão estava bem montado, com espelhos, dois secadores verticais, as cadeiras de corte e lavagem, boas tomadas, e, no som, uma coletânea antiga do Cauby Peixoto que de tempos em tempos arrancava risadas das meninas. Magda tinha curiosidade pelo negócio. Salão da Wanda: ter de fazer mais de um salário e meio só para o aluguel de meio horário daquele espaço. Era um risco. Valeria a pena?

Pela sensação daquele momento, sim. Sete mulheres erguendo copos de requeijão cheios de cerveja em comemoração à empreitada da vizinha de quarto, agora uma empreendedora, ar impregnado de vapor de tinta de cabelo, cartazes da *Welaton* posicionados com fita dupla face e nenhum tipo de gerente ou patrão a quem dedicar sorrisos profissionais e obrigatórios. Seria bom ser autônoma.

Alguém lembrou que não tinha refrigerante para o menino.

Uai, já sai com a mulherada e não toma cerveja ainda?!

(risos)

Eu vou ali no Carioca pegar uma Coca. Mah, cê financia?

Como de costume, o filho calado em meio às companhias da mãe. Magda começou a lhe fazer um carinho nos cabelos – que como os seus, eram compridos – enquanto ele folheava uma revista em quadrinhos encontrada entre todas as velharias da cesta de vime. Queria poder conversar com ele naturalmente, sem precisar forçar um começo de papo a pretexto de nada, mas ele se isolava na leitura. A essa altura Wanda já cortava o segundo

cabelo da noite e alguém havia trocado a música, enquanto a fumaça dos cigarros engrossava a decoração.

- Tá achando ruim ter vindo? - perguntou para o filho.
- Não.
- Como é que tá a escola?
- Tá legal – ele não tirava os olhos da revista.
- Sua irmã tá boa?
- Acho que sim – subiu e desceu os ombros.

Chegou a Coca!

Brindaram mais uma vez, agora com participação dos dois copos de refrigerante. E o menino de repente virou centro das atenções, para orgulho e apreensão da mãe.

Que série você tá?

É Atlético ou Cruzeiro?

Já beijou na boca?

Que música você gosta?

(risadas)

E seu pai?

Como é seu nome?

(risadas)

Marcos.

Marcos, deixa eu te falar uma coisa: seu cabelo é ma-ra-vi-lho-so. Não corta, tá?!

Como assim, Lau! É lindo mesmo, mas pode cortar. Se fizer um moderninho vai ficar lindo. Assim não te confundem com menina?

O que você acha, Wanda?

Eu a-ma-ria mexer nesse cabelo.

Cê deixa, Magda?

- Ué... se ele quiser, tá liberado.

(Aprovação geral, aplausos)

As mulheres se revezavam entre opinar sobre os cortes de cabelo e conversar em duplas ou trios. Magda seguia no banco de espera, o filho ao lado. Com exceção de Wanda, todas eram mais jovens que ela, embora isso não fosse tão notável. Convivia com aquelas moças havia menos de um ano, desde que alugou um quarto na casa da Dona Léia, a pensão, onde quase todas moravam ou tinham morado. Não se lembrava bem das ocupações de cada uma, não chegou a ter intimidade com ninguém dali. Talvez tenha assimilado no início a ideia de que seria um lugar de passagem, uma fase passageira da vida, e assim também tocava as relações.

Olhava pensativa para dentro de seu copo de coca. Marcos ainda enterrado na revistinha, a música agradável. As mulheres conversando pareciam felizes. Sentia-se distante daquilo, mas ao mesmo tempo à vontade. Se não tivesse ido ao salão, que tipo de programa organizar com o filho em uma terça à noite, ainda mais com pouco dinheiro? De dia ainda havia os parques, as praças. Mas a noite era cara: ir pra um teatro, um shopping, um restaurante. Ainda se tivesse casa, televisão e videocassete, podendo cozinhar o que gosta, ninguém entrando ou saindo ou dando palpite... um refúgio do seu jeito. Pensava nisso quando Lúcia aproximou-se, trocando o sapato por chinelos.

- E aí, Mah.
- E aí – Magda olhou para Lúcia um pouco no susto, improvisando um sorriso.
- E aquela confusão?
- Uai, qual?

Lúcia não era bem uma amiga, mas podia ser considerada a maior companheira de conversa das últimas semanas. Tinha vinte e poucos anos, dizia ser estudante (disso recordava). Há poucos dias tinham saído para tomar uma cerveja e Magda trazia a sensação de ter falado muito, mas não tinha lembranças pontuais dos assuntos, só mesmo da ressaca no dia seguinte.

- A coisa da praia, da guarda, mudança, não mudança – Lúcia relembrou,

gesticulando muito enquanto sorria para dar um toque de humor ao assunto.

– Meio na mesma. Devo decidir esses dias – e dizendo isso olhou para o menino, para conferir se ele ainda estava ausente na leitura ou então para indicar que o assunto não seria apropriado em sua presença.

– ãahn... - ponderou Lúcia.

– Queria era ter mais segurança pra decidir. Audiência tá aí... Não sei direito ainda. Não sei nem se quero morar aqui, se sozinha, se com eles...

– Entendi. E a advogada?

– Tá esperando minha posição também.

Dito isso levantou para dependurar o blazer em um cabideiro. Vestia uma bata branca de algodão por baixo, o que foi logo motivo de gozação por causa da combinação *nonsense*.

Lúcia assentou-se na cadeira de Wanda para cortar o cabelo e retomou o papo:

– E o pai deles? Já sabe?

– Ah, sabe. Porque outro dia eu perguntei que que eles achavam de ficar comigo.

Aí ele até me ligou depois.

– E aí?

Magda teve a impressão de estarem repetindo a conversa de outro dia no bar e desviou o olhar, como se estivesse pensando. Viu pelo espelho que Marcos havia acabado de largar a revista e conversava com Paula, a moça das tranças coloridas, que fazia gestos sobre os ombros como se estivesse falando do passado. O menino deu uma risada, a primeira da noite. Seria um alento conviver com aquele sorriso, entender aquele sorriso, fazer parte daquele sorriso, caso ele estivesse disposto.

Naquele momento Lúcia e Wanda discutiam que corte seria feito. A cabeleireira encorajava Lúcia a optar por um bem curto, tipo *Joãozinho*, e a moça parecia quase convencida. Magda, ouvindo a discussão, riu, e, encarando Lúcia também pelo espelho, comentou que o corte Joãozinho não teria nada a ver com aquela *Louis Vuitton* falsificada que ela tanto gostava de usar.

– Mah, de onde cê tirou isso, mulher? - Wanda reclamava.

Por fim, Lúcia pediu à cabeleireira para se limitar a retocar as pontas.

A inauguração seguia animada com Rita Lee, Amado Batista, Caetano, Brahmas. Comércio de cosméticos, *Frees* e *Derbys* enfumaçando o ar, gargalhadas e assobios brindando as tesouradas da anfitriã. Então depois de mais tantos copos, depois de Clara ter feito um *chanel*, depois de Ana contar como o ex-namorado havia insistido para ela não fazer aborto mas atrasava a pensão e, provavelmente, depois de repassadas todas as possibilidades de leitura da Magali, Magda sentiu um puxão no bolso de sua calça jeans:

– Mãe, posso cortar só as pontas?

Lembranças da noite anterior. Agora Magda avistava o aparelho de telefone. No relógio da cozinha, oito e cinco. Oito e cinco da manhã e ela já teria que ouvir a voz do ex-marido tirando satisfações. Que assim era difícil confiar. Que coitado do menino. Que irresponsável. Que imagina se fosse pra ser assim todo dia.

Pigarreou para limpar o cigarro da garganta antes de pegar o fone.

– Alô.

– Oi amor. Tá boa?

(Alívio: não era o ex, era o Astro)

– Ei. Tô bem, e você? - respondeu.

– Beleza. E ontem, tudo certo lá no salão?

– Ah, mais ou menos.

– Que que foi?

– Bobagem. Fiquei meio puta com a Wanda. Depois te conto.

– Brigaram?

– Nem tanto. Mas aqui, por que a ligação?

– Só pra saber se a gente vai jantar na minha irmã. É que já tô indo trabalhar e não passo em casa depois, só pra ver a roupa.

- Por mim vamos.
- Ok, um beijo.
- Beijo.

2

Magda trabalhava como vendedora numa empresa de lustres e luminárias de luxo. Nas manhãs normais, saía da cama direto para o banho morno. Prendia o cabelo como lhe parecesse bem, às vezes com a austeridade de um coque ou então com o movimento de um rabo de cavalo alto. Usava maquiagem leve. Escolhia sempre alguma peça de roupa que desse um ar social para o conjunto. Tomava café com biscoitos na saída da pensão e caminhava alguns quarteirões até a porta do escritório da firma, onde parava para tomar um ar e recompor o astral para o dia, coisas que conjugava com um cigarro.

Quando chegou a Belo Horizonte, um ano antes, não acreditou que um negócio de abajures poderia ser rentável ao ponto de pagar salários e ainda por cima para várias pessoas. Foi à entrevista por indicação de uma prima e conversou com o gerente. Sem muito mistério, ela recebeu a notícia de que fariam um teste ali mesmo, para saber se levava jeito.

- Que teste? - ela perguntou.
- Um teste de oralidade, que basicamente vai ser o trabalho.

Dizendo isso, puxou o fone de um aparelho de fax, discou um número, deu um bom dia mais ou menos cortês e objetivo e disse seu nome, de onde falava e sem demora começou a oferecer os produtos para a pessoa, que chegou a perguntar pelo preço de luminárias de cabeceira, Magda ouvindo pelo viva-voz. Por fim a venda não aconteceu, tudo parecendo muito caro, dizia a cliente.

- Agora você – disse o gerente.

Antes de poder planejar qualquer coisa, já ouvia o tom da chamada no fax e *alô...*

– Alô, bom dia. Rosália?

– Sou eu. Quem fala?

– Aqui é a Magda, sou representante da Caribe Luzes. Equipamentos de iluminação. Já ouviu falar? - essa abordagem lhe rendeu uma sobancelha erguida do gerente.

– Não.

– A gente trabalha com lustres, luminárias, abajures, essas coisas. Várias opções. Por exemplo, você tem lustre na sala? É um negócio que pode mudar totalmente o ambiente...

Na terça-feira seguinte estava trabalhando.

Terça era o dia em que recebia um bloco de folhas picotadas de impressora matricial com nomes e telefones, sugestões de potenciais clientes anotadas pelo próprio departamento de vendas da empresa. Eram linhas que continham tanto firmas como pessoas, sendo que essas últimas Magda nunca entendeu a que critérios respondiam para fazerem parte da lista. Se não fechasse vendas suficientes no mês, recebia uma ajuda de custo que dava para o quarto da pensão. Mas desde o começo sempre logrou que suas comissões ultrapassassem esse mínimo.

Uma coisa de que gostava no trabalho era sair para fazer as visitas. Com o tempo entendeu que os clientes pessoa-física eram uma espécie de passatempo, talvez até um jeito de fazerem a marca se espalhar. Para esses, quando havia interesse, o *office-boy* da Caribe levava um catálogo carimbado com o nome do vendedor para quem era destinada uma comissão percentual no caso de venda. Já às empresas, ela pessoalmente fazia a visita. Uma única venda boa podia garantir um mês mais tranquilo, caso fosse por exemplo para uma loja grande, definindo sua decoração, que resolvesse comprar tudo com ela. Como também captava clientes por conta própria, às vezes negociava comissões com arquitetos e decoradores para receber as indicações.

Na tarde seguinte à inauguração do salão, Magda tinha uma visita marcada. Recebeu uma lista de sua amiga arquiteta com clientes em potencial, todos comerciantes finalizando

instalações na região metropolitana de Belo Horizonte. Então, quando saiu para o almoço, despediu-se da secretária dizendo que não voltava mais para o escritório, só no dia seguinte.

Caminhou uma quadra e meia equilibrando o braço esquerdo na alça da bolsa e parou na fila de um orelhão, que tinha uma pessoa esperando, além do homem que usava o telefone, gesticulando e falando muito alto. A outra pessoa da fila desistiu. Pouco depois o homem terminou e era a vez de Magda, que já trazia seu cartão à mão. Escorregou-o pela fenda do aparelho e esperou a linha chegar para discar.

– Alô, bom dia. É o Milton? Oi Milton. Magda, da Caribe Luzes, tudo bem? Milton, deixa eu te falar, tô ligando pra dizer que aconteceu um imprevisto aqui e vou precisar cancelar a visita de hoje. Não, não é nada com a firma, é pessoal mesmo. Mas tô te mandando o catálogo no endereço que você me passou, às vezes é até bom pra vocês passarem o olho nos lustres antes da gente assentar. Amanhã te ligo pra remarcar, pode ser? Então tá, até logo.

Desmarcado o compromisso, subiu um quarteirão da rua Ceará para em seguida descer toda a Timbiras até a escola dos meninos. Poderia ter ido direto pela Afonso Pena mas preferiu evitar a grande movimentação da avenida. O dia seguia despejado e claro, sem que o calor fosse ultrajante.

De longe, viu Marcos saindo pelo portão. Ele logo encontrou Manuela, que o esperava, mas, percebendo a mãe na rua, foi correndo em sua direção, como que por reflexo. Aparentava estar mais aberto que na noite anterior, apesar da raiva na despedida. Manuela veio em seguida, beijando Magda no rosto, *Oi mãe*, sorri. *Tá boa?* Era um encontro inesperado para a menina.

Depois de avisarem o pai com uma ligação a cobrar do orelhão, sentaram-se os três em um restaurante da Bernardo Monteiro. Marcos estava indignado desde a noite anterior pois Wanda, desobedecendo seu pedido de cortar só as pontas, talvez devido à empolgação da noite e até quem sabe a uma certa embriaguez, repicou os fios longos de seu cabelo de maneira irreversível, deixando o menino com um aspecto que Magda reconhecia como o de cantores *country* do fim dos oitenta, com *mullets* e tudo. Achava até bonito, porém

inapropriado para um menino de nove anos em 1999, que enquanto comia stroganoff e bebia uma Coca com limão e gelo, desabafou todas as gozações sofridas pelos colegas antes de fazer as pazes com a mãe.

– E seu pai, Manu, como ficou? - Magda perguntou.

– Ah, daquele jeito. Meio puto. Mas engraçado que ele mesmo vivia dizendo pro Marcos cortar – e, virando-se para o menino – ficou bonito, sô! Menino fez o maior drama, ficou todo chorando, mas aposto que...

– Cala a boca – Marcos interrompeu a provocação da irmã.

Magda empurrou seu prato, um mix de folhas com um pouco de macarrão, foi à esquina fumar um cigarro. Na volta, juntou sua cadeira à do filho, abraçando-o bem de perto e voltou a dirigir-se a Manuela:

– Cê quer ir jantar com a gente lá na irmã do Astro essa noite?

A menina passou um tempo curto olhando para a mãe, depois ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha desviando o olhar, como se não soubesse o que responder.

– Eu posso ir também? - Marcos perguntou com um quase grito. As duas olharam para ele, Magda com susto, Manu com reprovação.

– É que é uma reunião mais de adultos – Magda improvisou uma resposta.

O menino olhou de golpe para a irmã, que era apenas quatro anos mais velha, depois para a mãe, depois de volta para a irmã. Não disse nada, mas as duas entenderam seu argumento silencioso. Cruzaram o olhar entre si e riram.

– Eu não sei – Manuela retomou – tenho um trabalho da escola pra amanhã. Posso tentar fazer agora de tarde mas aí vou ter que matar a natação.

– Você faz natação? - Magda perguntou.

– Faço – feita uma pausa, Manu complementou – minha tia tá pagando pra mim.

– Ahn... Então tá.

– Mas vou ver. Faz assim, liga lá pra casa umas seis horas. Aí te falo.

- Mãe, posso comprar uma revistinha? - Marcos voltando para a conversa.
- Tá. Vamos indo então, vou descer com vocês pra casa.

Desde que a infância de Manuela começou a dar sinais de chegar ao fim, e isso Magda calculava ter acontecido quando a menina chegou aos nove, a relação entre mãe e filha entrou em uma espécie de desvio de rota. Era como se fossem, a partir dali, amigas. Uma amizade que ia e vinha, ora com momentos de maior erupção da intimidade, ora com retração e resguardo de alguma das partes. O pai assumira com alguma convicção o papel de referencial da responsabilidade familiar. Magda não o levava totalmente a sério, mas Manuela e Marcos pareciam saudáveis. Com o menino se dava bem. Parecia uma relação de crescente afeto, às vezes quase podia se imaginar vivenciando aquele *visceral* amor de mãe que vivem propagandeando, embora não considerasse que suas sensações já tivessem chegado a tanto. Já com Manuela era diferente. Possuíam certa cumplicidade, mas o período anterior ao que considerava ser o início de sua amizade com a filha era mais lacunar em sua lembrança, sobretudo quanto ao afeto. Pensava então que poderia ser uma grande experiência, além de um planejamento de vida sensato, voltar a viver com os filhos, desta vez sem o marido, e ir deixando esse sentimento crescer, deixar que virassem cotidianas as sensações boas que suas companhias lhe traziam. Mas ao mesmo tempo temia o fracasso, a incapacidade de manter a garra de tocar uma família. Era assombrada pela visão de si mesma perdendo o tesão de estar sempre na presença de Marcos e Manuela. Eram temores que sabia serem comuns, medos humanos ordinários e repetidos, mas o fato de que o ex-marido insistisse *deixa comigo que tá tudo bem como tá e os meninos tão felizes e vai cada um viver sua vida*, bom, essa rara comodidade colocava uma pressão maior em sua indecisão.

Manu e Marcos caminhavam para dentro da longa portaria do prédio na região central da cidade, ela com sua mochila *jeans* e a mão sobre os ombros do irmão, ele com uma mochila *Company* verde e os novos cabelos sertanejos. Magda os observava da rua e refletia se não teria sido um erro convidar a filha para o jantar, se ela não se sentiria deslocada. Se sua presença não inibiria uma conversa mais a fundo que precisava ter com Astrogildo.

Quando os dois sumiram no hall do elevador, já se decidiu que não, que fez o que queria, e começou a caminhar de volta para a pensão, onde pretendia dormir um pouco durante a tarde.

3

Astrogildo. Era engraçado que Magda tivesse naturalizado em seu íntimo este nome que de tão inusitado à primeira escuta parecia um impedimento em si para qualquer tipo de relacionamento amoroso. *Mas é um cara legal*, ela pensou, como seguia fazendo agora que o observava atravessando a avenida que conduzia ao prédio da irmã, mochila nas costas, farda no corpo, um pouco atrasado, ela adiantada, fumando um cigarro na esquina sem ser vista e sabendo que possuía o tempo de um banho do namorado para rodar pelo bairro caso não quisesse conversar amenidades com a cunhada. Manu não veio. Magda não se lamentou. Entrou em um bar da contraesquina de seu destino e olhou a vitrine alta da Souza Cruz. Havia um cheiro de cerveja velha fermentada com um talvez resto de vapor de urina boiando entre os azulejos brancos da parede. Alguns homens a observavam, ela então notou que todas suas peças de roupa também eram claras, como os azulejos, o que dava ao novo ruivo dos cabelos um destaque especial. Pediu um Hollywood. Não iria esperar o tempo de um banho.

Astrogildo havia sinalizado havia cerca de duas semanas uma possibilidade de mudança para a Bahia. Esta foi a princípio uma dessas coisas que ele costumava dizer que Magda recebia com *atenção de peixe betta*, mas que acabava reverberando por conta própria entre suas ideias, por uma razão óbvia, que era a dessa possibilidade de mudança haver sido acompanhada de um convite que poderia reestruturar todo seu planejamento de vida. Astro foi aprovado em um concurso para professor em uma cidade litorânea pequena, para receber um salário modesto, pensava em apostar nessa mudança e queria que Magda o acompanhasse nessa espécie de aventura tropical às portas da maturidade.

Acompanhar um homem. Parece ruim. Ela havia acabado de formular essa frase mental quando Cláudia, sua cunhada (desde o dia em que se conheceram Magda a tratava por cunhada, mera brincadeira, mas por falta de expressão mais apropriada para designar a irmã do namorado, seguiu com esse trato), abriu a porta do apartamento e *Ei Mah, tudo bem?*, com um cheiro de azeite e manjerição vencendo o odor de Bob, o lhasa apso lento e silencioso que

a mulher criava na área de serviço, agora debruçando-se precariamente sobre os joelhos de Magda para ter certeza de que se tratava de gente conhecida.

– Ei Cláudia, como cê tá?

– Tô bem. Astro deve estar quase saindo do banho – disse a anfitriã com muita praticidade fechando a porta e voltando-se para o fogão, que a entrada era pela cozinha – e você, e essa ideia maluca de Bahia, que cê tá achando?

Magda mal havia puxado um banco e começado a acarinhar a cabeça peluda de Bob e Cláudia já adiantava o assunto. Era estanho pensar naquele jantar como uma reunião de família – ela, a namorada de seis meses em uma posição decisiva. O tempo de relação com Astro sempre fora fácil por ele ser desses homens que, por conveniência, instinto compreensivo ou patifaria, se permite não ser levado a sério em diversas ocasiões. Mas ver Cláudia, a cunhada, aquela mulher que à própria Magda impunha um respeito instantâneo pelo mero fato de parecer simples, direta e organizada, vê-la perguntando assim de tiro a questão, obrigava-a a colocar toda a sua atenção possível na conversa.

- Eu tô pensando. Vontade dá. Mas tenho que decidir a coisa dos meninos – e dizendo isso impressionou-se com sua síntese tão direta e franca do ponto chave a ser trabalhado – eu tava pensando com o Roberto a coisa de ficar com a Manu e o Marcos, a gente vai formalizar o divórcio, tem que ver isso da guarda. Mudar pra Bahia ia ser desistir desse plano... né... Quer ajuda aí?

Cláudia virava o macarrão recém escorrido em um tabuleiro de metal.

– Vai abrindo esse papel alumínio pra mim – e estendeu a embalagem retangular para Magda, que levantou rápido para ser prestativa e nisso viu Astro caminhando pelo corredor em direção à cozinha, sem camisa, toalha presa à cintura, sorriso limpo de barba feita e cabelo curto em sua direção.

– Ei!

A sala de jantar de Cláudia era sóbria e de poucos móveis, com a mesa oval levemente deslocada em relação ao centro e dois sofás e uma poltrona formando um U na outra extremidade. Não havia nada que carregasse o ambiente de informações. Por cima, um lustre de inspiração persa em tecido translúcido, presente de Astro, comprado na Caribe Luzes, que dava um toque de penumbra à sala. Estavam o três assentados ao redor do tabuleiro de macarrão gratinado e um molho vermelho à parte, para quem quisesse. Também uma garrafa

de Brahma aberta, que as duas mulheres não bebiam. Magda pensava que com um pouco de economias mensais poderia montar um apartamento seguindo esse conceito de simples e bem distribuído, imaginava Marcos caminhando pelo corredor com o uniforme da escola e Manu tentando entrar sorradeira com algum namorado. Faltariam quartos, talvez, na faixa do aluguel que poderia pagar.

Astro estava no meio da explicação do que gerou seu atraso.

– ... e aí no que caiu a luz a gente descobriu que os *no-breaks* na verdade não funcionavam. Então ficaram vários sinais apagados e como o guarda que me rende atrasou, fiquei agarrado controlando o fluxo sozinho só no apito. E como ali é muito ônibus o asfalto fica quente pra caralho, quando eu vazei tava com o uniforme encharcado. Me passa aquele azeite ali por favor – e apontou para a lata na direção de Cláudia.

– Toma – Cláudia entregou a lata – e aí?

– Aí resolvi passar na firma pra tomar um banho e chegando lá não tinha sabonete e nem ninguém pra emprestar. Perdi tempo duas vezes: de voltar lá e tomar banho aqui.

– Magda, cê não quer mesmo cerveja? - Cláudia perguntou, virando de repente o rosto para a cunhada.

– Não, brigada.

– Vou tomar um pouco. Diz que é pleonasma, né, carboidrato com carboidrato – retomou Cláudia rindo para as duas companhias – passa a garrafa, por favor? - pediu para Astro.

– Claro – ele a serviu, ao invés de passar a garrafa.

Os três brindaram, Magda com um copo vazio.

Após o silêncio de cerca de três garfadas para cada lado, onde só o barulho dos talheres evitava que ouvissem a própria salivação, Cláudia perguntou para Magda, sob uma atmosfera de humor, como andavam seus preparativos para enfrentar o tédio de uma vida à beira-mar. Era mesmo para ser o assunto da noite. A questão, apesar de desconcertante para Magda, que andava às voltas com a incompatibilidade entre esse plano e a recém desejada presença de Marcos e Manu em seu dia-a-dia, tirou-a de seu isolamento interior, o que acabou sendo um alívio, pois não queria parecer grosseira.

– Uai... - respondeu olhando nos olhos de Cláudia, que estava à sua frente na mesa, e, virando-se para Astro, sentado à cabeceira, acariciou seu braço (ele jantava sem

camisa) e continuou – cê sabe que esse doido aqui só me deu a notícia por agora, né?

E ao gesto carinhoso Astro devolveu um olhar sorridente perdido dois ou três segundos entre o rosto e os cabelos de Magda e disse *quê isso, Mah, cê lembra quando fui fazer o concurso...*

– Mais ou menos, a gente tinha acabado de se conhecer... - e Magda desviou o olhar para baixo, pois Bob havia entrado caminhando solene para baixo da mesa e agora debruçava-se em seu colo ocultado pela toalha – esse cachorro me lembra alguém. Estranho...

– Uma pessoa? - perguntou Cláudia.

– É. Mas não faço ideia de quem seja.

Assim que Bob voltou a pisar as quatro patas no chão, Astro ergueu-o num rompante ao nível de seu rosto e, de maneira propositalmente afetada, ficou ora encarando o cachorro, ora encarando Magda, sobrancelha franzida com ironia de palhaço, para no fim dizer – é, pra aguentar uma cabeleira assim só pode ser alguém daquela sua terra fria!

O jantar havia terminado e Cláudia recusara toda a ajuda oferecida para lavar pratos. Magda estava assentada no sofá da sala, Bob ao colo, enquanto o namorado e a cunhada conversavam na cozinha. Se apurasse os ouvidos poderia pescar fragmentos, mas preferia ficar concentrada em seu próprio espaço mental. Ainda sentia o incômodo de não entender a quem a fisionomia do cão lembrava, era o mesmo desconforto de quando esquecia uma palavra e sabia que estava prestes a lembrar, mas por fim não conseguia. A sobriedade da decoração da sala lhe oferecia poucos elementos de distração para a cabeça e por isso acabou repassando algumas das variáveis que diziam respeito àquele jantar que em breve se converteria em reunião. Cláudia havia puxado duas vezes o assunto mudança para a Bahia. Deveriam conversar sobre aquilo. Magda se dava conta de que não havia elaborado a questão consigo mesma em um nível que correspondesse à formalidade de um jantar-reunião decisiva. Talvez porque o próprio Astro nunca tenha passado a impressão de que em qualquer momento ela precisasse parar com foco para tomar uma decisão séria, séria mesmo, por assim dizer, no que dissesse respeito à relação dos dois crescendo em suas vidas. Ainda que o tema *mudança para outro estado* estivesse posto em palavras há mais tempo.

Astro às vezes lhe parecia um criança, um corpo forte com alma jovem, alguém que talvez tivesse vivido poucas vidas e por isso conseguia se encantar com o mundo e se estressar pouco, mesmo tendo que acordar às cinco e meia da manhã para organizar o trânsito

da cidade com um apito na boca e um bastão na mão, alguém que se encantava com lembranças de seu curso de sociologia sem parecer frustrado por não ter conseguido seguir a profissão, alguém que parecia disposto a amar pelo simples fato de ela ser bonita, gostar de se deitar com ele, fazer um carinho, ouvir do seu dia e dividir uns cigarros. Essa ideia de nobreza inocente que Magda lhe atribuía a fazia sentir-se um pouco maldosa demais para estar com ele, ou, simplesmente: um pouco maldosa demais. Mas isso não a afetava de maneira negativa, ser maldosa – ou ser o que ela nesse momento apenas conseguia definir como maldosa – era o desembocar de sua trajetória, e que sorte poder se relacionar com alguém que lhe lembrasse o que pode ser a pureza – e, isso posto, imaginava como um ritual de purificação o deitar-se com ele, fazer carinho, ouvir de seu dia e dividir cigarros. Nunca havia imaginado estar em uma cidade pequena e ensolarada com uma pessoa que não ama, pelo mero propósito de levar uma vida tranquila e seguir buscando algo que nunca soube o que é. A novidade de suas sensações recentes era perceber que, ao mesmo tempo, este plano não lhe infligia medo, tampouco, de nenhuma espécie.

Astro entrou na sala, de perto seguido pela irmã. Alguém, mas provavelmente Astro, havia colocado no som do quarto Elis & Tom, um disco que Magda reconhecia por Roberto, seu ex-marido, ter rodado insistentemente nas semanas finais em que viveram juntos. Apesar disso, as músicas não lhe causavam impressões boas ou ruins, que fossem. Olhou primeiro para Cláudia, que havia assentado na poltrona independente, e, em seguida, para Astro, no sofá, com o braço em torno de seu ombro. Falou para ele:

– Então... Por você... a decisão de mudar já tá tomada?

Astro encarou-a por alguns segundos com a fisionomia séria e relaxada antes de começar a fazer que sim com a cabeça. Magda achou significativo que o rapaz não tenha consultado a irmã com os olhos quando começou a dizer:

– Tá sim, ué. É aquilo que eu te disse. Vida nova. Sair dessa correria da cidade. Experimentar a coisa de ser professor. Diz que dá pra alugar casa barata lá perto da escola mesmo. E tem a praia, tem turista sempre pra conversar.

Magda ouvia calada, assentindo com a cabeça num ritmo lento, mais para que ele seguisse falando do que para concordar. Cláudia chamou a atenção dos dois deixando transbordar no chão um pouco de espuma do copo de cerveja que ela enchia e levava às pressas à boca para minimizar o acidente. Finalmente Astro olhou para a irmã. Sem perder tempo voltou para Magda:

– Sei que cê tá com um trabalho aqui... - e, baixando os olhos – e sei que tá pensando até em pegar os meninos... Mas se não rolar... quer dizer, se por fim você desistir mesmo de ficar por agora com a Manu e o Marcos, porque você tá na dúvida, não tá, então, nesse caso eu queria muito que cê fosse comigo.

Apesar de não duvidar da sinceridade do momento, Magda sentia-se pela primeira vez na noite incomodada com a configuração do encontro. É como se fosse ela mesma responsável pelo destino do irmão caçula de Cláudia que, ainda que discreta e amável, não renunciava à condição de testemunha atenta ao que quer que ficasse decidido ali. Astro seguiu:

– Eu tenho uma grana comigo pra segurar as pontas no começo. Mas assim, indo de coração aberto, acho que se bobear a gente nem vai precisar de tudo. Onde tem turismo sempre dá pra descolar alguma coisa de trabalho.

A confiança do namorado parecia tanta que a essa altura os assentimentos de cabeça de Magda já estavam bem mais próximos da concordância e aprovação. Para desfazer a atmosfera de pressão, ela disse que sim, que parecia uma ideia tentadora, uma aventura a se viver, por que não, e que de todo jeito sua audiência do divórcio seria pelo menos um mês antes da data que Astro pretendia se mudar para assumir o cargo de professor de Estudos Sociais na E.E.. e que esse trabalho atual na Caribe Luzes era interessante mas sem grandes perspectivas de futuro e que não seria por apego a ele que deixaria de viver o ano bronzeada e praticando seu portunhol com viajantes perdidos. Dessas considerações Cláudia achava graça, era comovente ver como essa mulher se permitia dar vazão a uma relação maternal com o irmão, grande parte explicável pelo fato de os dois serem órfãos de mãe, mas ainda mais, Magda percebia como os olhos de Cláudia brilhavam ao ver Astro dizer qualquer bobagem simples e bem-humorada e essa mulher devia considerar que o irmão dependia disso para seguir sendo vigoroso na vida, e seriam os olhos de Magda a brilhar para Astro em sua falta nesse jogo de alimentação de não se sabe o quê? Seria isso que Cláudia precisava averiguar pessoalmente a ponto de marcar uma reunião potencialmente constrangedora, mas que no fim ia bem, por ficar nítido que tudo se dava por insegurança e bem querer? Magda pensava nessas questões quando já riam comentando o disco arranhado pulando e repetindo a frase *sei que não vai... sei que não vai... sei que não vai...* na voz de Elis Regina e agora servia seu segundo copo de cerveja, dessa vez ela não resistira, já ia completando três semanas sem seu remédio e pensava em abandoná-lo de vez e agora que fosse o que deus quisesse. Quando

Cláudia mencionou Marcos pela primeira vez na noite, Magda se deu conta de que era a primeira vez que a cunhada fazia isso sem colocar uma pergunta, e se questionou a si mesma se, por acaso, Cláudia imaginava que, estando ela, Magda, a uma distância de dois mil quilômetros do filho, se verteria seus cuidados de mãe (porque as pessoas acreditam nisso) ao namorado dez anos mais jovem, no caso, Astro, suposição que deixaria a cunhada mais tranquila.

– Magda, tá tudo bem?

Era Cláudia que interrompia com essa frase dita e repetida seu breve devaneio de olhos arregalados e fixos no canto da parede, nada preocupante, ela pensou consigo mesma, apenas o tempo de elaborar essas teorias sobre as intenções da cunhada, mas traiu-se olhando rapidamente para o copo de cerveja antes de responder sim, sim, só dei uma distraída aqui imaginando a praia. Não sabia se Astro já havia comentado com a irmã qualquer coisa que fosse relacionada a seu antigo problema com a bebida. Ela mesmo havia falado muito pouco pra ele, mas desde o começo o rapaz demonstrava uma avidez pra consumir quaisquer palavras que saíssem de sua boca, então esse pouco poderia ter se tornado um capítulo inteiro em sua cabeça, restava saber se ele tinha boa memória ou boa imaginação. Pelo menos, pra fofoqueiro, não levava jeito.

– Tenho um cliente amanhã cedo. Acho melhor já ir indo.

– Não, que isso! Acho que nem deve ter mais ônibus essa hora! Pra mim já era certo que vocês iam dormir aqui! - Cláudia disse animada e, segurando o ombro de Magda, prosseguiu - Já tinha deixado o outro quarto arrumado. Tem um pijama lá pra você. E se precisar de qualquer coisa pra vestir amanhã, meu armário também tá à disposição! Vem cá pra você ver.

Magda estranhou que houvesse *o outro quarto* naquele apartamento que ela já conhecia como o quarto-sala-e-cozinha de Cláudia, mas estranhou também que a moça a conduzisse pela mão sem pressa, abrindo caminho pela sala, com tempo para virar para seu rosto uma cara cuidadosa enquanto atravessavam a cozinha, era como se já dispensasse a ela um tipo de carinho da mesma espécie que reservava ao irmão, passaram pela minúscula área de serviço e onde devia haver uma porta para despejo de entulhos estava de fato um quartinho, uma habitação possível equipada com cama (maior que as de solteiro, menor que as de casal), um criado colado na parede, um abajur, um cinzeiro com meio cigarro e, o que era mais impressionante, um papel de parede salmão com temas de mandalas alaranjadas, ou

seriam marrons, que cobria inclusive o teto, colocado ali provavelmente para tapar infiltrações mas que naquela hora dava um aspecto de sonho ao cubículo e um ar de promessa para a noite.

– Tem um pijama dobrado aí na cama, se preferir camisola deixei também no criado. Eu já vou – e Cláudia, depois de um beijo no rosto, saiu para as dependências principais da casa, dizendo também boa noite Astro, que devia estar no banheiro.

Que bom a Manu não ter vindo foi um pensamento que desencadeou pelo menos duas sensações bem antagônicas em Magda naquele momento. A primeira, mais direta, o alívio de poder seguir experimentando o prazer da improvisação errante, uma sensação talvez não elaborada nestes termos, mas sempre reconhecível para quem a detém, sobretudo sob um estado de embriaguez leve; a outra, uma sensação de trava amarga do compromisso por vir, daria conta?, isso de querer ficar com as crianças, seria bom, ruim, melhor, pior?, daria conta?, os prazos chegando, a indecisão, o remédio, a bebida, Astro, Magda reacendeu o cigarro pela metade, um gosto estranho, mas ainda melhor que as notas discretas porém persistentes de mofo que venciam os papéis de parede, estava deitada, lingerie branca, havia dispensado as ofertas de pijama e camisola, Astro beijando seus pés, Astro beijando com calma o centro de cada uma de suas coxas, como sempre fazia, Magda escorregou no travesseiro e deixou a guimba no cinzeiro, Astro mordendo a lateral de seus quadris, músculos travosos, Magda apagou a luz, era bom quando faziam amor em seu corpo.

4

Magda estava assentada em uma poltrona funda e baixa posicionada mais ou menos ao centro de uma das três paredes beges do recinto dois e meio por dois e meio. Era uma sala de espera. Estava sozinha, observando as concavidades industriais da quarta parede de madeira, uma divisória, que em breve a levaria ao encontro de sua advogada. Eram nove e meia da manhã, a fumaça de seu cigarro a impedia de perceber que as paredes claras eram encardidas de pó preto que subia da avenida Amazonas, chegando ao décimo quarto andar, dia após dia, impregnando mesmo uma sala sem janelas, como aquela. Notou um abajur que em nada lembrava os da Caribe Luzes e, inclusive, estava ali só de enfeite, pois não havia lâmpada

dentro do bojo. Ao lado da poltrona uma cesta de palha trançada cheia de revistas, que não se deu o trabalho de folhear, provavelmente as mesmas agonias antigas de sempre, compradas dos carroceiros. O vestido azul com estampas geométricas emprestado de Cláudia estava largo demais e, na última olhada para o espelho antes de sair de casa, o melhor que pôde pensar foi que aquilo lhe emprestaria ares de grávida.

Ares de grávida.

A guerra, ou seria apenas uma batalha?, de atravessar uma gestação que poderia desembocar em obrigação e solidão, amor e solidão, abandono e obrigação, desespero e amor, tantas combinações, duas possibilidades de decisão, ter ou não ter, o mais usual havia tantos anos era dizer que sim. Magda se lembrava de Marcos, seu segundo filho, quando este era apenas uma notícia, para o bem ou para o mal. Estavam em 1990, ela e Roberto, à época seu marido, dividindo com a pequena Manu um apartamento cheio de brigas, garrafas de *Passport* e samambaias ressecadas. Desde que voltara da clínica, Magda sabia que não devia continuar vivendo com aquele homem, fosse por medo ou vergonha, ainda que não soubesse vergonha de quê, mas medo sim, medo de que a história se repetisse, de que adoecesse novamente e tivesse que voltar para a internação, e ele, Roberto, seria o agente de sua internação, o que era o de menos, pois, Magda desconfiava, seria ele também, mesmo tão pacífico, a causa de seu adoecimento. Naquela época viviam folgados de dinheiro, donos de uma loja a 300 km de Belo Horizonte que faturava bem com a remarcação de preços no *overnight* da hiperinflação. Manu contava com uma babá ou empregada, como diziam, por sua conta, que de segunda a sexta dormia nos fundos do apartamento. Enquanto Magda esteve fora, em recuperação, Roberto adquirira o hábito de ele mesmo fazer a remarcação dos preços na loja, pois para isso era necessário mais que tino comercial, era um *feeling* mesmo para captar o momento, dizia, e isso as funcionárias não tinham, e não adiantava dar ordens de longe, era melhor sentir as mercadorias para decidir. Era um alívio para Magda, ela que com isso passava a ter duas ou até três noites na semana de pura privacidade, com Roberto chegando depois de uma da manhã. E ela fazia o que se faz na convalescência: banhos longos, refeições demoradas, que muitas vezes ela mesma preferia cozinhar, e, perto da madrugada, longas caminhadas pela casa, tentando observar o efeito dos ansiolíticos que interrompiam seu fluxo de pensamentos, mas que a mantinham como se deve ser, e como se deve ser?, uma pessoa digna com roupas limpas e largas, com o corpo limpo e firme, respirando devagar, ela estava assim, havia cerca de quarenta minutos em frente à estante de vime a que chamavam de

bar, passando o indicador por todas as garrafas coloridas de licor e deixando-se impressionar pelo fato de não querer beber nenhum deles naquele momento. A luminária da copa voltada para a parede formava uma penumbra suave em conjunto com o lustre de pano que pendia do teto, ainda era possível sentir um cheiro de lavanda da cera que subia dos tacos, provavelmente uma faxina havia acontecido enquanto dormia à tarde, e o aparelho de som três em um ao lado do *bar* estava ligado baixinho em uma rádio FM que mal abafava o som do chuveiro usado naquele momento por Roberto, que pouco antes havia chegado em casa, surpreendido Magda admirando as garrafas, dito seu nome com uma ponta de autoritarismo, *Magda*, mas sempre a três metros de distância, *bebeu?*, e ela, notando isso, pensou em perguntar *por que não vem de perto respirar meu hálito*, mas, fosse pela ausência de espírito que o remédio lhe infringia, fosse por imaginar que uma resposta de tal calibre pudesse desencadear mais uma briga como tantas que os envergonharam perante os vizinhos, preferiu olhar em seus olhos o mais firme que pôde, sem desprezo ou mágoa, apenas pura seriedade, e balançar a cabeça uma vez fazendo que não.

Magda ainda estava em alisar as garrafas de líquidos verdes e azuis, também o *Passport* sempre aquém da metade, sentido ainda o resquício de lavanda filtrada pelas frestas do vime com suas notas secas tão características, quando Roberto, vindo de trás, abraçou-a carinhosamente pela cintura, deixando um beijo na nuca abaixo de seu coque formar-se quase como uma decorrência natural do gesto, *como foi seu dia?*, ele perguntou, e ela, olhos fechados, deixando-se cair no abraço, permaneceu em silêncio por uma quantidade de tempo que em sua cabeça poderiam ser longos dez segundos, mas que em realidade poderiam ter sido trinta ou mesmo um minuto. Alisou com as palmas as coxas do marido por baixo do roupão e, movida sobretudo por curiosidade, conferiu se havia ali no meio uma ereção, e sim, havia, então virou-se de frente para ele, abriu os olhos, já não se lembra se se beijaram, se houve algum carinho que lembrasse os velhos tempos, ou se apenas se deu conta do olhar nublado de Roberto, para deixar qualquer erotismo morrer e dizer em seguida, ela não se lembra do tom, mas não há muita variação nisso: *tô grávida*.

O cigarro de Magda deve ter se apagado sozinho pois ela estava havia bons minutos sem se deslocar até o cinzeiro e a sala quase livre de fumaça, quando uma lufada de luz a rebocou de suas lembranças. A porta recortada na divisória de madeira se abriu e Solange, tão alta, cabelos cacheados cheios, a olhou de cima, esperando Magda virar o rosto de golpe para

perguntar sem cerimônias *alguma novidade?*

5

O escritório de Solange era apenas um pouco maior que a sala de espera. Se descontarmos o espaço ocupado por sua mesa de trabalho e as quatro cadeiras que compunham o ambiente – uma de Solange, duas para que os clientes se assentassem à sua frente e uma sobressalente no canto – havia menos espaço de circulação que do lado de fora. Magda já havia reparado nisso e resolveu perguntar se havia muito que Solange estava ali, para ter mais tempo de se aplicar no assunto principal.

– Tem menos de um ano que tô aqui. Antes era de um dentista. É pequenininho mas prefiro que dividir o escritório igual fazia antes.

Magda concordou com a cabeça. Solange seguiu:

– Mas então, meu bem, igual te falei pelo telefone, nossas possibilidades de posicionamento são poucas, e já seguem mais ou menos uns modelinhos. Quer dizer, a fundamentação, não é, porque as especificidades de cada caso a gente vai moldando – e dizendo isso deu dois toques no monitor branco de computador à sua esquerda que ocupava cerca de um terço da mesa. Seguiu – e quanto mais cedo você souber o que quer... Eu, sinceramente, acho a sua situação o caso mais estranho que já trabalhei. Quer dizer, não estranho, desculpa, mas assim... É que falta muito pouco pra audiência!

Dali a menos de um mês haveria a audiência para resolução do divórcio entre Magda e Roberto. Ele havia formalizado o pedido no fórum. Quanto a isso, não tinham discordância. No entanto, sem conversa prévia, em sua petição o ex-marido pleiteava a guarda definitiva de Marcos e Manuela, fato que não chegava a deixar Magda surpresa, embora com uma repentina necessidade de reação.

Agora ela sentia o ridículo de estar assentada diante de sua advogada para resolver uma questão decisiva em sua vida sem ser capaz de, a menos de um mês do *dia D*, expressar sua própria vontade. Isso a remetia aos momentos mais traumáticos de sua vida, nos quais, por razões diversas, outras pessoas tiveram que tomar a decisão por ela. Lembrava-se de expressões como incapaz, doente, curatelada. No fundo, sabia que não era nada disso e sentia uma preguiça enorme de ter que provar algo a alguém. Atestados. Exames. Conversas

inteligentes. Mas havia se habituado, talvez por via de um mecanismo de defesa, a esquivar-se de pré-julgamentos, mostrando alguma perspicácia de pensamento e presença de espírito, como agora, que perguntava a Solange se ela não acharia bem mais interessante instalar venezianas opacas na janela, que além de tudo ajudam a amenizar o barulho vindo da avenida, mudar a mesa para a parede menor, para ganhar mais espaço na sala e colocar ao lado do monitor uma luminária com *switching*, tendo a possibilidade de controlar a luz ao longo do dia, conforme a necessidade e o cansaço. Um tapete estampado no chão também ajudaria a espantar de vez a aura de consultório que insistia em permanecer na sala.

Solange, que nem de longe parecia tratar Magda como uma desmiolada ou alguém com necessidades especiais, antes a chamava para a intimidade, quase como amiga, ouvindo de bom grado as sugestões e chegou a ficar olhando de um lado e de outro, como se imaginando o resultado da transformação. Por fim, sem ironia, disse *a luminária pode deixar que eu pego com você lá na Caribe, a gente faz uma permuta* e piscou um olho. Ato contínuo, tirou da gaveta um calendário de papel e seguiu:

– Então, sejamos objetivas: conversou com Roberto?

Magda sentiu assumir ter protelado mais uma providência importante: *até agora não*.

– Então – continuou Solange – eu reli com calma o pedido dele. Desde a primeira vez que cê sentou comigo eu te expliquei aquilo, né: ou você concorda com o que ele tá propondo, assina tudo e pronto, tá livre, divorciada, ele com as crianças, vida que segue, ou então você discorda. Aí a gente vai ter que brigar.

Pausa. As duas mulheres se olhando como se ambas estivessem impressionadas com o barulho que fazem os ônibus arrancando na avenida, mesmo quatorze andares abaixo. É como se estivessem logo ali, atrás dos vidros. É claro que Solange já não devia notar isso havia muito tempo, enquanto Magda lembrava que esse tipo de coisa sempre chamou sua atenção desde que se mudou para Belo Horizonte. Solange prosseguiu:

– E pra brigar seria interessante saber minimamente o que tá passando na cabeça dele. Por exemplo, Magda: ele na petição nem menciona sua questão clínica. Na verdade é o pedido mais básico possível, juntando tudo não chega a duas páginas. Tô pensando o seguinte: esse cara tá convicto do que quer? Porque eu até entendo que você esteja na dúvida, quem sou eu pra julgar isso, mas, assim, pra efeito de estratégia, enquanto você não me der uma certeza da sua parte eu tenho que pensar sempre que você vai discordar dele. Porque é a situação que eu teria que trabalhar de verdade, entende? Bom, isso é óbvio, né – Solange ri,

desviando o olhar de Magda, olhando para a direita, olhando para baixo, abre e fecha uma gaveta de sua mesa, volta para a cliente – fiquemos assim, meu bem: fica sempre com a carta do azeite na manga. Se você quiser na última hora topar o que ele propõe, mais fácil pra todo mundo. Mas até lá a gente vai trabalhar nossa defesa como se a última coisa que você quisesse no mundo fosse deixar o Marcos e a Manu passarem um dia a mais que seja na casa do Roberto, ok?

Mais fácil pra todo mundo.

Magda pensava em todas as vezes em que, almoçando com clientes, revendo amigos da adolescência ou mesmo acabando de conhecer uma potencial paquera em um barzinho, a conversa chegava na sequência *Já foi casada? Sim. E filhos? Tenho. E cadê eles?*

Poucas vezes tinha pensado na origem do peso que vinha da resposta *vivem com meu ex*. Nos momentos de maior lucidez, apenas detectava que não era de dentro para fora que surgia o mal estar. Em todos os casos, não havia configuração possível que pudesse ser *mais fácil para todo mundo*, a vida cotidiana não era como um trâmite burocrático.

– Sol, me volta uma parte aqui. Por que essa pergunta se ele tá convicto do que quer?

Solange, ainda muita simpatia no rosto:

– Olha, eu não conheço o Roberto. Mas tô com a intuição de que esse seja um imbróglio entre dois indecisos – Solange para com um semi-sorriso como se esperasse que gargalhadas pudessem surgir no rastro de seu comentário. Como Magda não corresponde, ela segue – vocês conversaram com os meninos?

– Acho que não. Quer dizer, eu perguntei que que eles achavam de morar comigo, mas nem a Manu nem o Marcos deram muita atenção, eu também escolhi uma hora ruim pra isso, na hora que perguntei também me veio a ideia que eu nem casa tenho, a verdade é que eu mesma desisti do assunto. O Roberto eu tenho quase certeza que conversou, mas também deve ter sido qualquer coisa, tipo assim, eles já tão lá, e ah, ele sabe que tem que tocar nesse assunto com os dois mas duvido que... que aprofunde, sabe? Mas não tenho certeza.

Solange ficou olhando sua cliente nos olhos como se fosse uma psicanalista sem o compromisso de retomar a conversa. Depois de um tempo, acabou dizendo:

– Meu bem, eu nunca entendi direito isso de *eu e Roberto estamos de bem* que você me falou na primeira conversa. Se era um *de bem* só respeitando de longe ou se era um

de bem onde coubesse uma troca franca de ideias. Se você achar que cabe essa conversa, tenta. Vai ajudar. E com Manu e Marcos a mesma coisa, isso você pode saber que falo pro seu bem. Vai lá, organiza isso com calma e volta na terça, essa mesma hora, pode ser?

Magda estava caminhando na rua de calçamento em direção à sua pensão, carregando na mão uma sacola de supermercado com as roupas brancas de ontem, que preferiu não deixar na casa de Cláudia – fosse essa lavar suas roupas, ficaria constrangida. Era dia claro mas as copas das árvores se emendavam fechando a passagem do sol e mantendo a penumbra constante do lugar. Solange a despediu reforçando a orientação de que tivesse aquelas conversas capitais, que, além de serem importantes para seu próprio esclarecimento, seriam objeto de questionamento da juíza que trabalharia no caso.

“Nunca entendi isso de *eu e Roberto estamos de bem.*”

De fato, Magda se lembrava de ter dito isso a Solange na noite em que se conheceram, no bar do Carioca, quando calhou de Magda explicar ali mesmo sua situação, entre cervejas e caldos, e firmar de boca um pré-contrato de representação com a advogada.

O estar de bem em sua cabeça devia ser não brigar, não agredir, não maldizer. Talvez até ignorar, quase admirar, ser eficaz em esquecer. Mas de bem, de bem mesmo, feito o que se entende por casais que se tornam amigos, não estavam. Era estranho que já se contabilizasse em anos a data da última conversa e ela ainda reverberasse com um peso negativo.

Você deu gargalhadas no dia que eu saí de casa.

Mágoa.

Foram duas tentativas de conversa franca após a separação. Ambas com o propósito inequívoco de trocar notícias e informações sobre Manu e Marcos, mas que acabaram se envolvendo em discussões sobre o relacionamento. A última delas aconteceu pouco antes de Magda se mudar para beagá, quando estava de visita para fechar detalhes da moradia. Roberto ligou na casa de sua amiga onde estava hospedada e convidou para um almoço. *É um lugar novo e os meninos adoram.* Era uma residência que servia comida caseira no quintal nos fins de semana e Magda custou a entender que devia por conta própria abrir o portãozinho de ferro e caminhar até os fundos sem nenhuma recepção formal. Roberto estava na única mesa ocupada do quintal, seus cabelos mais grisalhos que de todas as vezes em que o vira, Manu de um lado e Marcos do outro, sorriso no rosto ao vê-la descer as escadas, apenas a toalha xadrez sobre outra toalha branca, um cardápio encapado em couro e o cheiro de cebola refogada

garantiam que era um esquema comercial e não uma brincadeira de Roberto em casa de amigos.

Olha, que mãe mais bonita cês tão resgatando.

Depois de atravessarem uma feijoada completa com torresmos de tiragosto e duas garrafas de cerveja – o primeiro copo de Magda servido por iniciativa própria de Roberto – Manu e Marcos pegaram picolés e descobriram um videogame amigo dentro da casa. Roberto pediu um café, fez as últimas perguntas superficiais que deram o tom da conversa durante o almoço, bebeu o café, subiu as barras da calça jeans até os joelhos, acendeu um cigarro, talvez por ter notado que perguntou pela segunda vez como estava dona Maura, mãe de Magda, fez silêncio, terminou o cigarro, camisa aberta no peito, agora sim olhos nos olhos.

Por que você tá vindo pra BH?

Vai viver de quê?

Tá trazendo dinheiro?

Tá com alguém?

Vai morar onde?

Quem são seus fiadores?

E, driblado pelas respostas evasivas de Magda, a talvez imprudente:

E como eu fico nessa história?

O momento dessa fala fez com que fosse despejada uma atmosfera de esclarecimento a respeito do que estava em jogo na conversa. Os últimos anos de Magda foram marcados por uma caminhada objetiva em que a virada da *página Roberto* situada no momento da separação se concretizava mais e mais. Deu o tempo que lhe pareceu necessário para centrar sua vida em si e era com naturalidade que se mudava de cidade buscando as aberturas de horizonte que se busca em uma capital na juventude madura, não menos motivada pela possibilidade da companhia de Marcos, pela possibilidade de poder ao menos observar de perto a mulher na qual se transformaria Manuela, e agora Roberto vinha com sua mania de continuidade, transparecendo seu anseio de colocar *algo* em pratos limpos, deixando claro que para ele as coisas não terminaram, apenas ficaram suspensas, e Magda não se absteve de sua curiosidade, *como assim, como você fica nessa história?*

Voltaram às lembranças.

Sua memória da noite da separação era como todas lacunar, e devia ser também a de Roberto, mas ele insistia em reafirmar sua versão, que, se não chegava a conflitante, era ao

menos contundente.

Pois Magda se lembrava de Marcos dormindo no berço, Roberto a lembrava de Marcos chorando na cama; ela se lembrava de despedidas silenciosas após uma sopa Maggi de saquinho, ele se lembrava de fazer as malas com gritos de briga abafados pelo som de um estúpido Barão Vermelho colocado no toca-discos; ela se lembrava de vê-lo sair pela porta da frente cabisbaixo de mãos dadas com Manu, ele a lembrava de Manu em seu colo secando lágrimas que chegavam até a barba enquanto esperavam o elevador; ela se lembrava de ter recebido duas amigas para segurar a barra daquela noite, ele a lembrava do Sangue de Boi debaixo do braço *daquelas amigas* com quem cruzou no hall do edifício de mãos dadas com Manu.

Você deu gargalhadas no dia que eu saí de casa.

Agora eram onze da manhã e fazia muito calor na pensão. Horário e temperatura apropriados para averiguar quais das meninas, dentre todas que diziam ser estudantes, de fato eram, pois estas estudavam em seus quartos de porta aberta. É claro que havia as que estudavam de manhã em alguma escola ou cursinho e nisso não deixavam dúvidas. Mas havia também a Lúcia, que saía à noite para a escola e dormia o dia todo, ou fazia que dorme, ou mantinha atividades secretas fechada em seu quarto, como outras. Mas isso não importava a Magda, ela também apenas se divertia com suas possibilidades de preconceito, e se divertia pois imaginava que, vista de fora, sua própria rotina era de deixar dúvida em corações mais conservadores. Era o segundo dia seguido que não pisava na *Caribe*, não fazia uma venda, não encontrava nenhum cliente e pensava que, se fosse organizar sua agenda do mês em conformidade com a urgência do que precisava decidir e planejar, o ideal mesmo seria dar um tempo com esse trabalho, ficar por conta de encontrar o Marcos, levá-lo para passear, conversar, olhar apartamentos, encontrar Manuela, tentar conversar, saber notícias francas de seu pai, encontrar Astro, saber da Bahia, saber se ele seguia sendo tranquilo, sereno e apaixonado, isso talvez não, encontrar Cláudia, saber se ela queria uma nova mãe para o irmão, e dizer que absurdo Cláudia, não seja pervertida, e encontrar um novo trabalho, quem sabe um salário maior, e encontrar Solange dizendo faça isso, Sol, apenas isso, é o que quero, e mandar à puta que pariu as meninas da pensão, principalmente a que deixou uma plasta de cetim queimado no ferro de passar roupa que acabou de inutilizar a gola do blazer creme que Magda começava a passar.

Tudo bem, estava fazendo tanto calor mesmo.
E ninguém veste blazer na praia, afinal.

6

As últimas duas semanas de Magda fizeram com que ela substituísse toda sorte de planejamento de sua questão afetiva e judicial por resoluções práticas e comerciais, ao contrário do que chegou a desejar por um momento. Desde que se reuniu com Solange na ocasião em que esta aconselhou-a a conversar com o ex-marido e as crianças, Magda compareceu ao escritório da Caribe onze vezes – incluindo um sábado de manhã, para anotar um telefone que havia esquecido – visitou oito clientes, fechou seis vendas, sendo uma para um pequeno grupo de herdeiros que resolveram reformar quatro andares do prédio sede da empresa familiar e ainda cogitavam estender o projeto para duas filiais, também fez duas visitas ao banco para tratar com o gerente um aumento de seu limite de crédito, conseguiu tempo para comprar roupas novas, telefonou seis vezes para a casa do Roberto, tendo conversado quatro com Marcos e duas com Manuela – sem nunca pedir notícias do ex para as crianças ou do irmão para a irmã (e vice-versa) – e, depois de três cenas desagradáveis na pensão, conseguiu descobrir afinal quem havia sido a responsável pela gosma no ferro de passar roupa, o que lhe rendeu um pedido de desculpas, mas nenhuma ajuda ou oferta para reformar a gola de seu blazer. Além disso, desmarcou sua reunião seguinte com Solange, não visitou nenhum apartamento – embora tenha circulado com caneta azul anúncios no caderno de classificados de um jornal velho – , resumiu sua relação com Astro a duas pernoites em motéis do centro, uma em cada fim de semana, e nem sequer pensou em algum tipo de conversa franca que poderia acontecer com Roberto a respeito da audiência.

Magda se recusava a admitir, mas uma questão nova havia se imposto em sua lista de prioridades de resolução: ir ou não à festa na casa de Olma.

A novidade surgira na sexta-feira, três dias após a visita ao escritório-consultório da advogada. Tomada por uma espécie de crise de consciência profissional, Magda investiu a partir daquela semana mesmo boa parte de seu tempo em telefonemas e retomada de contato com possíveis clientes. Ela seguia sem entender de onde surgiam pessoas interessadas em comprar lustres e luminárias de alto luxo em um momento em que qualquer noticiário apenas

apresentava contas de uma crise econômica internacional com efeitos funestos no Brasil, pequenos empresários quebrando, bancos ameaçando falência, aumento de pessoas na chamada linha da pobreza e tantos dados abstratos que para ela – que só via televisão por acaso quando sozinha em uma das mesas de ferro no bar do Carioca – tinham o efeito de gerar a reflexão *ainda bem que estou me virando*. E era justo sobre o perfil dos clientes *pessoafísica* que Magda estava conversando com seu colega de sala, o Contador, na tarde de sexta-feira, ele resumia a questão em *pra quem tem grana saindo pelo cu tanto faz como tanto fez a situação do país*, quando entrou na sala sem bater o gerente de Magda e disse:

– Magda, pessoal já te falou da Olma?

Olma. Um nome que em tudo a lembrava da tia do Roberto. Por intuição ou experiência, sabia que, por mais desconexa que pudesse parecer a relação entre a tia do ex-marido e a empresa em que trabalhava atualmente, não podia se tratar de outra pessoa.

– Não, Waguinho, ninguém me falou – Magda respondeu.

– Caralho – disse o gerente enquanto saía puxando a porta quase para bater, todos ouvindo seus passos no corredor da firma, gritou alguma coisa com a secretária, na volta ambos deram gargalhadas, entrou mais uma vez sem bater na sala que Magda dividia com o Contador e mais duas pessoas, chegou até sua mesa com sorriso de boas novas e dois envelopes nas mãos. O maior era um comercial pardo, que Waguinho foi abrindo e dando sequência à sua fala – porra, já tem mais de uma semana. Foi naqueles dias da sua abdução. Essa senhora chegou aqui oito e meia da manhã – disse apontando para uma espécie de contrato, onde Magda com um golpe de vista pôde certificar-se ser mesmo a tia de Roberto, pelo sobrenome – e disse que queria falar com você. Ninguém sabia se você ia aparecer mas todo mundo sem graça com a velha, né, então a Dayse ofereceu um café e ela disse que ia te esperar. Às nove e meia ela entrou na minha sala com nosso catálogo de noventa e sete todo circulado e anotado, falou que não podia esperar mais mas que ia comprar as peças marcadas, que era pra entregar naquele endereço mas assim, o mais importante: que até me dava uma gorjeta, ela é meio esnobe, não é, mas que a comissão das vendas tinha que ir pra *você*.

Magda, ainda assentada em sua cadeira, sob a sombra projetada pelo corpo inclinado do gerente de pé à sua frente, começou a folhear o catálogo da Caribe de dois anos antes, que em geral trazia as mesmas peças que o atual, apenas arranjadas sob um *layout* diferente. Reconheceu alguma coisa da caligrafia da tia (ela tratava Olma por tia) e aos poucos foi entendendo quais peças faziam parte da intenção de compra.

- Ela fechou tudo?
- Aham.

Eram três lustres de cristal, sendo um deles *aquele* com a estrutura trabalhada em bronze, sete abajures de grifes e tamanhos variados, duas luminárias arqueadas em titânio, dezoito arandelas selecionadas entre os modelos clássicos para interiores e exteriores, seis girandoles de mesa em cristal e mais uma lista de apetrechos para instalação anotados com outra letra, provavelmente de um electricista da confiança de Olma.

Reconhecendo os códigos dos produtos e fazendo um rápido cálculo mental dos gastos da tia, Magda olhou para Waguinho com a sobrancelha um pouco levantada. Ele confirmou: *vinte e dois mil* (vinte e dois mil *dólares*, ele queria dizer. Quem estava no ramo há mais de cinco anos havia se habituado a referir internamente os preços em dólares para não se perder com as variações da inflação).

- E pagou? - ela perguntou. O Contador os observava sem muita discrição.
- Como a gente não recebe mais o *Diners* ela deu um cheque à vista. Só cruzou porque eu sugeri quando ela já tava saindo.

A contração dos olhos de Magda denotava alguma perplexidade com a aparição inesperada de Olma, enquanto uma pequena elevação do canto do lábio devia ter a ver com a lembrança de seus seis por cento de comissão. A primeira torrente de lembranças e especulações foi interrompida pela informação de Waguinho de que a senhora havia solicitado urgência na entrega como *condição sine qua non* (palavras da cliente) e que o endereço era em um condomínio, provavelmente reforma de mansão. Não mencionou sua gorjeta pessoal, fez alguma brincadeira de bom tom (Waguinho sabia nunca parecer grosseiro ou soar como cínico) sobre as boas relações de Magda e, antes de ir embora, puxou por baixo da papelada o envelope menor, que era em papel couché creme e bordas púrpura, jogou para perto de Magda e saiu dizendo:

- Esse daí eu não cheguei a abrir.

7

As relações entre Magda e Olma datavam de muitos anos antes. Magda não se lembrava ao certo em que ocasião se conheceram, mas sabia que se tornaram amigas e

convivas no começo dos anos oitenta, durante as muitas visitas que Olma lhe fazia em sua casa de Juiz de Fora, primeiro lugar em que viveu com Roberto. A tia do marido viajava sempre de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro – Magda custou anos a entender o porquê de tantas viagens, Roberto provavelmente nunca entendeu – e a casa do sobrinho e sua jovem esposa estava situada convenientemente no meio do caminho, tendo a visita como único preço fazer um leve desvio com sua Brasília semi-nova da estrada para o centro da cidade. A maior parte das lembranças que Magda carregava desses encontros situava-se à noite, pois o mais comum era que Olma iniciasse suas viagens pouco depois do almoço, batendo à porta do casal no meio da tarde e, depois de um ou dois cafés servidos por Roberto e dois ou três licores servidos por conta própria na cozinha, resolvesse pernoitar por lá mesmo por não gostar de dirigir sozinha em rodovias escuras. Por ritualístico que fosse, era sempre um conforto excitante ouvir aquela mulher extrovertida com seus óculos de grife e xales multicoloridos, geralmente depois de sair do banheiro ou dar algum telefonema em voz baixa na sala, dizer *meus caros, por precaução, acho que vou ficar essa noite em Juiz de Fora. Tem um hotel ali no centro...* até que era interrompida por Roberto que demorou cerca de três ocasiões para deixar de se indignar com a ideia do hotel, apreendendo então a pretensa *finesse* de seu pronunciamento. *Ah Beto, que amável...* e piscava para Magda, *então eu fico aqui com vocês!*

Manu não existia nessa época. A casinha alugada próxima ao centro tinha dois quartos, as paredes externas descascadas de azul pastel e muitas plantas crescidas sem regra entre o portãozinho de ferro da entrada e o pequeno alpendre que abrigava o trio nas noites em que o frio da zona da mata não parecia de morte. Nessa época Roberto trabalhava como representante comercial de roupas e calçados, o que o obrigava a estar constantemente fazendo pequenas viagens em sua Caravan 77, e Magda inseria-se na sociedade local através de um lento boca-a-boca que anunciava às interessadas a existência da moça loira de Barbacena que fazia consertos em roupas e confecção de vestidos de festa sob encomenda. Olma demonstrava sincero interesse em ouvir as histórias de trabalho de ambos. Roberto era quem mais falava, às vezes interrompendo a si mesmo com risadas que precediam o clímax de seus casos em saguões de hotel, como no dia em que, após uma discussão com um sujeito por causa de futebol que descambou para o lado pessoal (Roberto se irritava com conterrâneos mineiros que se identificassem como torcedores de clubes do Rio), subiu ao seu quarto e meteu no bolso da jaqueta um halteres que havia comprado para se exercitar. Jura que o sujeito foi embora tão logo o viu descer de volta, supondo ser aquilo um revólver. Nunca

saberiam a real conclusão, mas Magda e Olma nessas horas o acompanhavam nas gargalhadas e então Roberto se levantava para uma ida ao banheiro ou à geladeira e, enquanto não voltava com outra cerveja, Olma deixava de lado sua aura de risadas e sorrisos automáticos e perguntava a ela, olhar firme, se não estava se sentindo sozinha naquela casa, ou estranha na cidade, quem sabe um dia, cervejas a mais, se perdida na vida. Nesses pequenos momentos de pausa entre as conversas e intimidade entre as duas, Magda percebia que havia uma preocupação real de Olma em relação a ela – a ela, exclusivamente, ou quase exclusivamente – e poderia ter respondido *a solidão às vezes me assola até que tuas visitas a dissipam*, caso quisesse fazer chacota do jeito muitas vezes erudito que Olma exibia ao construir frases, mas dizia apenas *ah, às vezes é ruim*, e balançava o cigarro na mão imitando a outra, deixando o assunto morrer com um sorriso de ambas as partes. Nessa época Magda, provável que sem planejar, passou a retribuir o carinho de Olma tratando-a por tia.

Eram seis da tarde e Magda estava de pé na cozinha de casa observando as chamas de duas trempes acesas no fogão. Uma delas tinha um bule com água até a metade, que quando estivesse prestes a ferver iria se transformar em um chá mate; a outra esquentava uma pequena panela com uma batata inglesa dentro, inteira, com casca, furada às vezes com o garfo, que dali a vinte minutos seria temperada com sal e azeite. Ao fundo, assentadas na mesa grande de tampo azul bebê, duas meninas comiam miojo e conversavam sobre o quanto a indústria alimentícia moderna facilitava suas vidas com as comidas instantâneas. Depois de muito tempo, Magda surpreendeu-se observando-se a si mesma. Chegou a deixar o olhar parado em um ponto que não possuía mais que plantas crescendo nas rachaduras do muro externo, vistas por um buraco no vidro temperado da janela. Estava aliviada por não sentir o cansaço que o dilema da audiência vinha lhe causando, obrigando-a a pensar o tempo inteiro no tema. Ao mesmo tempo, sabia da estranheza da situação, já que estávamos muito mais próximos da ida ao fórum e nada de decisões tomadas, apenas a sensação de que tudo daria certo. Lembrou-se de Astrogildo, em seus eventuais arroubos de inspiração filosófica, dizendo que nós, seres humanos, às vezes precisamos de novos problemas para empurrar os insolúveis para fora da cabeça, por um tempo; resolvidos os novos, retomamos os anteriores com mais fôlego. É certo que ele não havia retirado isso de Durkheim, Darcy Ribeiro ou qualquer autor lido na faculdade e lembrado com adoração, só estava abstraído exemplos de suas estratégias usadas em provas, quando começava separando as questões que tinha certeza não

poder resolver e, voltando a elas no fim, às vezes conseguia. Magda no fundo achava graça desse tipo de sabedoria pueril que o namorado trazia, e agora até se perguntava por que não pensou em dividir com ele sua nova indecisão. Ainda mais por ele ser parte envolvida. Ou talvez por isso mesmo. Talvez se ofendesse.

Ir ou não à festa de Olma?

A aparição inesperada da tia e sua compra na Caribe devolveu Magda, por um lado, à realidade de suas coisas práticas. Depois de tantos dias relapsa com o trabalho temeu até ser dispensada – o que, semanas atrás, não lhe pareceria o fim do mundo – e agora calculava que aquela venda havia garantido uma certa moral entre os colegas e um voto de confiança do gerente. Lembrou que uma de suas alternativas de vida era ficar em BH e que aquele era seu emprego, que dependia daquilo, então passou dias concentrada em vendas, clientes, secundando o dilema anterior mesmo em suas horas vagas, que agora, e este é o outro lado do efeito da aparição da tia, estavam tomadas por lembranças do passado e ressignificações de tudo quanto houve entre os dias que antecederam seu casamento e o agora. Olma talvez tenha sido a pessoa responsável por inculcar em Magda a necessidade de transportar mais sensibilidade para a análise de coisas que nos causam entranhamento. Nos primeiros tempos de Juiz de Fora, ela não se sentia mesmo tão bem em casa, até que a tia surgiu com aquelas perguntas que davam tanto trabalho, por serem profundas, mas que exigiam atenção nas respostas, por serem sinceras. Foi uma nova noção de amizade. Agora Magda se perguntava por que passou por tantas reviravoltas em sua vida desde que se habituaram àquelas conversas nas cadeiras enferrujadas do alpendre em Juiz de Fora e nada pôde – ou não quis? - dividir com a tia Olma. É claro que pesou o fato de ela ser tia, tia de verdade, parente direta de seu ex-marido, Roberto, que acabou atuando como antagonista em seus momentos de virada e crise. Em uma divisão “natural” das equipes, ela, Olma, deveria ficar do lado dele, e talvez por isso, Magda raciocinava, talvez nunca tivesse procurado sua companhia, mesmo sabendo ser talvez a única pessoa apta a lhe oferecer alguma ajuda que não fosse meramente prática, que não fosse emprestar um dinheiro, trocar um cheque ou uma nota promissória, que não fosse servir de fiadora, que não fosse levar a Manu e o Marcos na rodoviária para que a encontrassem, que não fosse levar um cigarro na clínica. Ou que fosse tudo isso, mas com postura de quem oferece, de brinde, uma revigorante carga de compreensão. O convite que recebera junto à notícia da compra confirmava sua intuição: que foi bobagem não ter procurado Olma em anos, que foi um vacilo ter postergado para sempre a resposta de suas

duas primeiras e únicas cartas. Pelo que conhecia de Roberto, sabia que sua presença na festa seria encarada por ele ou como uma afronta, como uma tentativa de disputar um espaço dele por direito de herança divina, ou então como um sinal a ele endereçado, um sinal de interesse, um sinal de que a continuidade pela qual ele aparenta ansiar está por vir. Para Magda, nenhuma das opções correspondia a seus interesses, pois a vontade de retomar algum tipo de relação com Roberto era tão pouca que afrontá-lo seria uma incoerência sequer cogitada.

A batata ficou um pouco dura por dentro e o mate acabou queimando a ponta de sua língua. Lavada a panela, o prato e os talheres, Magda atravessou os corredores de volta para seu quarto na área externa do terreno. O banho ficaria para o dia seguinte, a lavagem de roupas não sabia, pois o rotor da máquina emperrou com o cadarço de um tênis de alguma das meninas. Assentou na cama, tirou a sandália, ligou o interruptor do pequeno abajur no criado (um presente do Waguinho, um mini-abajur, réplica de um modelo luxuoso, da época em que a Caribe usava mostruários) e tirou da pasta o envelope creme.

Apenas para repassar alguns pontos, pois a decisão já estava praticamente tomada.

8

Amsterdã, 28 de abril de 1999

Maguinha,

Que o nosso próximo contato não fosse para me queixar da entrega ou defeito nessas peças bonitas que pretendo te comprar, não é mesmo? Estou com saudades, querida. De verdade. Bem ou mal, nos últimos anos, acabei tendo algumas notícias suas. Coisas superficiais, onde estava vivendo, com o que estava trabalhando. Alguns problemas também. Tive vontade de poder ajudar. Esperei respostas suas mas, como nunca chegaram, respeitei o que me pareceu ser sua decisão. Essa história de família em separações é uma seqüela, Maguinha. E eu conheço meu Petit Robert, tão transparente, tão ciumento. Cada menção que minha irmã fazia a ele de visitas que te fiz nos primeiros tempos era tratada como um tema de traição. Imagine. Nunca fomos de nos falar com frequência antes daquela época de Juiz

de Fora, por isso não surpreende que faça quase tanto tempo que não vejo o Roberto quanto que não te vejo, mas no fundo suponho que boa parte disso seja tentativa dele de me dar um gelo. Que bobo! E que fácil perdoá-lo, pois no fundo vejo sempre a mesma carinha de criança emburrada, de quando errava o som das letrinhas de papel na mesa de jantar da casa da mãe, ele com cinco ou seis anos, eu o ensinando a ler, e ele mostrando orgulho ferido a cada risada que eu dava por ele não ter entendido a função de um H. Tão pequeno! Hoje tenho saudades daquele tempo, eu era aquela coisa, na minha cabeça: a mais inteligente e bonita da cidade! Engraçado eu sempre ter agido como se isso fosse verdade e as coisas sempre terem se encaixado, bem ou mal, de um jeito interessante pra mim. Por isso, apesar da nostalgia, não me queixo da passagem do tempo, de ter envelhecido, visto as coisas, vivido.

Que pesado isso, não? Isso não é jeito de começar uma carta pra quem não se vê há tempos. Mas esse tema da passagem do tempo sempre me remete a você, Maguinha. É uma preocupação que tenho, se é que cabe a mim preocupar-me contigo. Sua figura sempre me deu a impressão de olhar para mim mesma, só que com trinta anos menos. Uma maquininha de viver, sem medo do imprevisto, confiante na força interior. Um estilo que provoca inveja e sede de julgamento nos outros, em quem não pode ser como a gente, em quem não nos entende. Sabe que uma vez a Manu me perguntou, vocês já morando em Barbacena, por que eu sempre despedia dela com um estalinho na boca – Roberto fazendo cara feia – um beijo na testa dele e, de você, com um riso de longe segurando suas duas mãos? Não lembro quais palavras ela usou, bonitinha!, mas eu imaginei a cena, e isso me fez pensar no teatral que sou. E no sentido desses gestos. Nós duas tão equivalentes. Tantas coincidências, Maguinha, que às vezes chego a pensar que algumas histórias de vida se repetem, alterados um ou outro detalhe, mas parecidas em essência. Agora, por exemplo, estou em um quarto de hotel na Holanda que não deve ser muito diferente da pensão onde você vive, exceto pelo fato de que todas as peças interiores são montadas em madeira. É como se tivessem comprado uma casca oca de alvenaria e construído um enorme mezanino de três andares ligados por escadinhas. Um assombro! É tudo muito barulhento por causa da madeira. Quando estou no quarto posso escutar cada passo ou mexida dentro dos outros. Eu sou uma hóspede silenciosa, creio, e talvez por isso tenham topado negociar mais duas diárias por um preço melhor. É que passo quase todo o tempo ou na rua, ou assentada na penteadeira do quarto escrevendo cartas (e já são muitas), ou na varanda olhando as janelas do prédio vizinho.

Tudo ligado, querida, você, eu, as janelas, as cartas que escrevo terapêuticamente. Guardo cada cópia delas pra não esquecer. É minha nova enfermidade, isso de esquecer – não pense que quadro clínico seja exclusividade sua. O médico me explicou que, daqui em diante, a tendência é que meus bloquinhos de memória se dissipem mais e mais, até que eu não lembre sequer de procurá-los – você não imagina que fofura um menino rosinha de trinta e poucos anos dizendo isso em francês lento pra uma velha estrangeira que nem eu. Sim, não é brincadeira, é doença, temos poucas armas para nos defender, as mais importantes estão dentro de nós. Talvez eu passe dias e dias no futuro lendo essas anotações de minha vida como se fossem um filme inédito, até que eu me esqueça também de lê-las, ou que outra coisa rapte minha atenção, quando não inspirarei credibilidade alguma em ninguém à minha volta. Estou tentando encarar como um fato da existência. Mas você era tão nova quando teve de enfrentar essa desconfiança dos outros, essa ideia de incapacidade que projetavam sobre você! E que pena que eu não estava lá, apenas pra te ajudar a se lembrar de algumas coisas, de quem você era, da gigante que era, da força que tinha. Às vezes precisamos só disso, lembranças, lembranças de quem somos, isso sim, nos ajuda a encontrar as chaves perdidas, as chaves que precisamos virar para um momento de lucidez. Eu sempre soube que você apenas precisava virar uma chavinha, voltar para uma longa temporada de si mesma. Eu fico vendo as janelas aqui na frente, em uma delas há uma mulher que se debruça várias vezes ao dia pra tomar ar, não que não entre ar na casa dela, mas é um ritual, um ritual de alguém que provavelmente não aguenta a compressão das paredes que testemunham sua espera diária, e às sete horas chega um homem, muito simpático até, pra quem vê do outro lado da rua, não deve pesar sessenta quilos, coitado, e fica no sofá até a hora de dormir olhando para a televisão com suas latinhas verdes. Que sabedoria permite a essa gente viver assim sem um surto, Maguinha. Seja o que for, nós não possuímos. Dessa conclusão a que chego agora eu já havia desconfiado antes no dia em que entrei em sua casa, Roberto me disse que você estava no quarto da bebê – quarto da bebê, essa expressão já me deu um calafrio – e te encontrei ninando a Manu com uma alegria serena, uma alegria sincera e contida, parecida com qualquer uma das pequenas alegrias que experimentamos, como quando te convidei para o cruzeiro e você, depois de comprar a carta que faltava pra sua canastra real, bateu, caminhou até a sacada do salão, tomou um “vento de popa”, riu e fez que sim com a cabeça. São pequenas alegrias, alegrias de brisa, ver essa alegria no seu jeito de ninar a Manu me fez pensar até quando aquilo duraria, que você não seria aquela pessoa por muito tempo,

assim como também eu não fui. Eu não fui mãe e esse mero detalhe definiu muitas de minhas relações, até hoje define, se bem que seja um assunto menos abordado, mas quando tinha sua idade às vezes era melhor deixar as pessoas acreditarem que eu era mesmo lésbica, que isso é o que vem à cabeça, ah, as pessoas, como elas podem nos chatear, eu não sei se isso é importante pra você hoje em dia, ou melhor, é claro que é, e eu queria te dizer que para mim não importa, nunca importou mesmo, se você arremessou ou não arremessou o tal do cinzeiro. Me chateia mesmo como esses pequenos momentos podem definir toda uma vida. Louca, louca, o pessoal falava, você deve ter escutado isso das piores maneiras, eu nem me atrevo a pensar, mas o que é a loucura, não é mesmo? Eu não sou menos que você, Maguinha, e me pesa imaginar que, de diferente, diferente mesmo nós temos é a questão dos recursos. A gente precisa de recursos às vezes, poder dar um tempo, fazer uma viagem, ir daqui para ali, de lá para cá. Caminhadas terapêuticas. A última coisa que você deve saber de mim é que me mudei de vez pro Rio, e isso já faz anos. Essas idas e vindas todas me renderam casos, histórias pra ocupar a cabeça, coisas que sem elas acho que teria surtado sozinha há muito tempo. Você tem uma mente criativa, querida, não podia com aquela vida de casa e comércio. Vou te contar uma coisa, perdi o casaco colorido! Foi uma pena, uma mala extraviada em Lisboa que até agora não tive tempo e fôlego pra correr atrás. Mas aquilo foi um sucesso. Nunca me perguntaram tanto de uma roupa igual daquele casaco, e todo mundo queria te conhecer quando eu dizia quem tinha feito. Sei que você copiou de um D'ior antigo, mas ele veio com seus traços. Você faz essas linhas retas e peças quadradas parecerem a última novidade. Você é genial, Maguinha, isso também eu preciso te lembrar. E eu estou com saudades, querida. De verdade. Por isso quero muito que você vá na minha festa. Vou fazer uma festa na casa nova, aí pertinho de BH, onde mandarei entregar os lustres. Vai ser a pretexto de inaugurar um Tarsila muito bem falsificado que consegui em Ribeirão Preto, mas na verdade foi uma decisão de começar a aproveitar esses últimos tempos de vida social em que ainda posso ter a segurança de reconhecer todos os amigos em uma reunião e não perguntar às pessoas como andam seus esposos falecidos. Insisti pro Roberto levar a Manu e o Marcos, e, você, você nem pense em deixar de ir por causa dele ou de qualquer pessoa da família, que lá a gente vai ter três andares pra vocês nem precisarem se encontrar.

Em último caso, apenas lembre-se que eu sou a dona da festa e você é minha favorita.

Com amor,

Olma

P.S.: Ando desconfiada dos correios daqui, por isso vou te entregar uma cópia desta pessoalmente na firma.

9

Do jardim onde corriam várias meninas e meninos não se podia ouvir quase nada que viesse de dentro da casa, tamanha era a extensão do gramado frontal no terreno. Era fim de tarde e Magda estava de pé recebendo um vento fresco que chacoalhava seu vestido verde-água de poliéster, uma boa imitação de seda. Luz solar alaranjada do lado direito de seu rosto e, à sua esquerda, Marcos parecia desempenhar algum tipo de protagonismo na brincadeira, pois todas as crianças fugiam dele, até que conseguia alcançar alguma e a deixava paralisada no mesmo lugar, enquanto tornava a correr atrás das outras. Havia uma estrutura quadriculada de paredes de hera de onde entrava e saía toda a meninada envolvida na correria, de modo que Magda, de onde estava, não podia contar quantos eram os participantes, não podia ter um controle total do que se desenrolava em sua frente, ela, única adulta a testemunhar a brincadeira.

Um garçom se aproximou. Trazia uma bandeja cheia de cálices alongados com um líquido transparente e gasoso.

– Espumante? - ofereceu.

Percebendo que Magda não respondia, comentou algo sobre o calor.

– Tem algum coquetel sem álcool? - ela perguntou.

– Não vi, mas é capaz. Vou olhar pra senhora lá na cozinha.

– Não, perai. Cê tem isqueiro? - ela perguntou levantando um cigarro apagado que trazia na mão.

– Tenho – e acendeu o cigarro.

Magda ouviu um grito entre as crianças e notou que Manu havia se agregado à correria. Dessa vez era ela quem perseguia os outros. Ela viu Magda, as duas cruzaram um olhar. Manu sorriu e deu uma tchauzinho. Magda sorriu de volta.

– Eu vou aceitar – Magda disse virando para o garçom que ainda não havia se retirado e pegou de sua bandeja uma taça de espumante. Fez menção de brindar com ele, que riu sem jeito, pele lisa e morena começando a brilhar de suor sob o uniforme escuro.

Começaram a caminhar em direção à casa, a princípio juntos, depois descompassados, até que Magda ficou para trás e andou displicente jogando um pé atrás do outro, suas sandálias eram baixas e confortáveis. Aos poucos ia notando o cenário composto pela casa de Olma. Muitas pedras escavas e madeira na fachada, três andares, telhado pontiagudo como se quisesse se precaver contra a neve, árvores ao fundo. Pelo que entendeu, estavam nas bordas do condomínio. Ia tentar mais uma vez encontrar sua anfitriã, pois em seu primeiro giro pelo lugar, quando chegou à festa mais cedo, Olma não estava – talvez estivesse apenas no banheiro, ou resolvendo alguma questão pessoalmente na portaria, mas o caso é que Magda, tendo chegado sozinha em seu taxi, caminhou pela entrada, sem dar muita atenção ao buffet posicionado na varanda, ao entra e sai de garçons, teve a impressão de ser cumprimentada de longe mas não reconheceu quem seria – embora tenha devolvido o aceno – mal notou que era no andar do meio que estava exposto o tal quadro e como para não ficar parada na sala sem contexto ou companhia, resolveu dirigir-se à cozinha, de onde saíam algumas vozes.

Assim que entrou pela porta: Roberto.

Ela sabia da possibilidade de choque no momento do encontro, temia que conversas ou cenas desagradáveis tomassem conta da noite mas menos pela insistência de Olma e mais por sua vontade de estar na festa, decidira ir assim mesmo. Era uma cozinha grande e quadrada, azulejos brancos, uma bancada central com muitos embrulhos e no canto um grupo de gente que não disfarçou um sobressalto ao vê-la. Para a ex-sogra, o susto provocado por sua aparição não durou décimos de segundo, até se converter em um sorriso amigável e provavelmente sincero; a ex-cunhada, ao lado, olhou para o irmão buscando algum tipo de posicionamento em seu rosto e este, Roberto, não sorriu, mas acenou positivamente com a cabeça e fez um gesto para que Magda chegasse até eles.

– Tia Olma me ligou quando eu tava quase saindo de casa pra falar que cê vinha - começou Roberto.

– Pois é, ela insistiu... Eu também tava com saudades, ela fez questão, mandou convite lá na firma... - Roberto seguia acompanhando sua fala atento e calado – e eu queria ver os meninos também.

Ele abandonou um pouco sua serenidade e beirou a ironia:

– Magda, cá pra nós, então você veio até aqui pra ver os meninos?!

– Não Roberto, você entendeu – e nisso foi interrompida pela ex-sogra que com cumprimento de abraço e beijo no rosto, e *como vai você, querida, há quanto tempo*.

Ao mesmo tempo que cumprimentava a ex-cunhada, notou-se um aumento de funcionários do buffet na cozinha e pareceu-lhes melhor sair dali, para liberar o espaço. Era comezinho da festa, bem pouco além da hora marcada e ainda não havia petiscos sendo servidos ou música tocando. Quando chegaram de volta à sala, Magda considerou melhor não seguir a conversa com Roberto, pois captara um risco iminente em seu tom de voz na última fala e apenas pararam sobre um tapete macio que abafava o som dos passos sobre as tábuas corridas e perguntou *tão lá fora?*

– Tão, ali na frente da entrada, brincando, o Marcos pelo menos eu tenho certeza – respondeu Roberto, apontando para o quadriculado de hera.

Magda fez um sinal de até logo para o grupo, dependurou a bolsa em um cabideiro, tirou de dentro um cigarro e saiu pela porta dupla envidraçada, quase esbarrando em um garçom jovem que lançava um olhar indiscreto sobre seu corpo. Já no gramado, ia rememorando as últimas vezes em que os ingredientes festa e Roberto compuseram episódios em sua vida, e isso a fazia se perguntar mais e mais afinal o que havia ido procurar ali. Parou em um ponto do gramado onde pudesse observar Marcos de perto e ao mesmo tempo a entrada, a ver quem chegava. Lamentou-se por esquecer o isqueiro.

Agora Magda caminhava de volta em direção à casa, o paladar lhe agradecendo pelas bolhas da champagne, o primeiro possível dissabor já consumado, encontro com Roberto, o segundo por vir, que seria quando ele a visse bebendo, e dali em diante, com sorte, festa. Calculava que Olma, caso não estivesse apenas no banheiro, não tivesse ainda chegado, de modo que uma nova incursão para o lado de dentro da mansão possivelmente a colocaria no mesmo grupinho de antes. Seria uma boa tática aproveitar a presença da ex-sogra para apaziguar os ânimos de Roberto diante de sua chegada munida de taça cheia – ele era sempre mais razoável na presença da mãe. Por outro lado, talvez não tenha a obrigação de passar por aquilo, pelo menos não tinha vontade, e resolveu dar a volta na construção para ver os fundos, ainda havia um resto de luz do dia.

Um breve resumo de sua vida nos últimos tempos, foi o que Naldo lhe pediu que fizesse. Fosse outra pessoa e Magda provavelmente diria que nada de mais, trabalhando, mudança pra BH, procurando casa, essas coisas. Mas Naldo era desses que passavam a impressão de identificar e recusar respostas medíocres como indício de má educação – ou até desrespeito em forma de preguiça. Então Magda se obrigou a fazer mais uma vez o balanço de suas indefinições para o amigo que não via há tempos. Estavam nos fundos da festa, num quintal com aspecto de bosque, assentados lado a lado em dois balanços infantis atraindo de tempos em tempos os garçons com assobios e gestos espalhafatosos, enquanto Magda contava que havia se mudado de cidade por uma decisão mais intuitiva que prática, que tinha saudades das crianças mas pouca convicção de querer viver com elas, que pensava pouco em Roberto mas que pelo visto ele ainda alimentava algum anseio por resolver questões do passado, que não tinha perspectivas profissionais, que não tinha afinal de contas terminado seu velho supletivo, que levava um namoro morno de seu próprio ponto de vista e que não, não dava continuidade a seu tratamento, mal conhecia um médico em Belo Horizonte. Naldo era talvez o interlocutor preferido de Magda, pela razão de não proferir um julgamento sequer em sua expressão de ouvinte, e por cima não parecer fazer isso por possuir bons modos ou através de técnica aprendida. Antes era um sujeito cujo próprio meio de levar a vida não o deixava em condições de apontar o dedo para ninguém (havia quem o considerasse estelionatário) e essa lição ele parecia ter assimilado havia muito, assim pensava Magda.

– E como você vai fazer na audiência? – perguntou Naldo, já sabendo do evento que se aproximava.

– Tô mais pra pedir a guarda e ver no que dá.

Naldo seguiu olhando para Magda, marcando o óbvio da incompletude de sua resposta. Ela seguiu: - Ah Naldo, acho que se eu não fizer isso agora talvez eu perca a chance pra sempre, sabe?

– E Roberto, e os meninos?

– Que que tem?

– Uai Magda, como que que tem? - e Naldo riu, olhando para o outro lado.

Voltou o rosto para ela e seguiu – se você for brigar pela guarda ele não vai entrar com a história da clínica, da doença? Cê tem que se precaver quanto a isso. Isso de não conhecer

médico e ter parado tratamento provavelmente não vai ajudar.

Magda em silêncio.

– Você chegou a pensar nessas questões? Porque parece que não – Naldo insistiu.

– Ah, de leve. A questão é que eu tô bem. Cê sabe que eu tenho pouca paciência pra entrar nesse assunto. Eu não sou louca e você vê que minha vida não é melhor nem pior que a dos outros. Se isso for embarrear de novo foda-se, também, vou pra Bahia, aí sim vou dar uma de doida. Você tem isqueiro? - Naldo levantou um Bic vermelho – e cigarro? Minha bolsa tá lá dentro.

– Também tô sem.

Um garçom vinha caminhando na direção dos dois. Algumas crianças começavam a explorar os fundos da casa em bandos. Magda serviu-se de mais um espumante na bandeja e perguntou ao rapaz se ele se importaria em pegar sua bolsa no cabideiro, era uma toda lilás. O garçom – o mesmo que havia lhe oferecido o isqueiro mais cedo – ficou parado ponderando consigo mesmo a possibilidade, até que Naldo atalhou *pode ser que pegue mal pra ele*.

– Ok, tudo bem, pode deixar, depois eu pego – Magda disse e o moço foi embora, aliviado, despedindo-se dela com uma piscada, que Magda respondeu com um discreto gesto da taça.

As crianças já corriam barulhentas ao redor dos dois. Manu e Marcos ausentes. Naldo retomou:

– Como ficou aquela história do cinzeiro?

Duas horas depois a festa havia entrado no que se pode considerar seu auge. Um quarteto de cordas fazia um número na frente da casa e o grosso dos convidados parecia estar presente, pois os espaços estavam tomados em medidas provavelmente calculadas de antemão. Olma já fizera sua aparição, interagindo com todos e quase sempre brincando com a questão da originalidade de seu quadro novo – mas forçando a ironia para deixar claro que se tratava de uma falsificação e que isso não tinha importância afinal de contas. Conversou um longo tempo com Roberto, isso Magda pôde perceber pois nas duas vezes em que retornou à casa para buscar cigarros na bolsa notou o diálogo entre os dois. Evitou aproximar-se pois desde mais cedo fora invadida por uma onda de insegurança que a princípio dizia respeito ao próprio fato de ter aceitado o convite para a festa, deixando de lado suas questões mais urgentes e concentrando a atenção naquilo, planejando sua roupa, suas possíveis ações, o que

apresentaria em termos de comportamento. Tudo se transformou em um grande improviso, afinal, e com o passar das horas Magda foi percebendo que não era bem este seu problema, que não era sua presença naquele lugar, a festa em si era algo pequeno, se havia uma tensão no ar envolvendo o ex-marido ou quem quer que fosse deveria mesmo ter sido projetada por suas próprias incertezas. *Acho que o que eu precisava mesmo era uma fuga. Qualquer coisa que me tirasse daquilo de ter que me entender, de ter que me decidir, sabe.* Magda desabafava com Olma, tão logo as duas engataram um papo na varanda frontal, segurando taças de vinho rosé. A anfitriã escutava Magda e, à medida que percebia a seriedade de seu momento, afastava-a um pouco mais da entrada, até que saíssem da rota dos passantes, para não se obrigar a boas-vindas ou despedidas.

– É a pressão que te aflige? - perguntou a veterana.

– É...

E Magda explicou que desde que se mudara para BH desconfiava que chegaria este momento, mas esperava que as certezas necessárias chegassem naturalmente, e que, ao invés disso, a proximidade da audiência só aumentava sua indecisão e impressão de que, acontecesse o que acontecesse, ou se arrependeria, ou não daria conta. Olma conhecia bem a ex-esposa de seu sobrinho e aquele olhar vazio e úmido com expressão de desespero ao relatar um problema objetivo lhe causava a impressão de Magda ter exagerado na bebida. A tia chegou a fazer um gesto discreto ao garçom para que não se aproximasse. De outra vez não teve jeito, pois ele chegou de repente e seria uma indelicadeza se Magda percebesse sua censura, então a mãe de Marcos e Manu, que não os via correr há bastante tempo, serviu-se de mais um copo e dessa vez bebeu com voracidade, plantando os primeiros ares de preocupação em Olma.

– Magda, você chegou a chamar seu namorado pra vir? - ela perguntou, talvez mudando de assunto para desanuviar um pouco a conversa. Magda, que já apresentava certa dificuldade em fixar o olhar em pontos precisos, deixou aparecer um riso entre sinistro e irônico e respondeu, projetando o queixo para indicar algo às costas de Olma:

– Olha ele aí.

Coincidentemente, Astro acabava de chegar e vinha se aproximando das duas mulheres. Magda fez as apresentações. Depois, disse que queria voltar para os fundos, onde havia conversado com Naldo. Talvez a visão de Roberto passando pela porta da casa a tivesse deixado alerta. Ou melhor: incrementado sua paranoia. A presença de Astro também era em

certa medida indesejada, e isso ela sentia mas não saberia explicar o porquê, tanto é que fez o convite, embora tenha decidido não esperar o fim do turno de trabalho do namorado para que fossem juntos, a ver se ele desanimava ir sozinho, o que não aconteceu. Olma saiu para resolver algo na cozinha. Magda tomou o namorado pelo braço e saiu pelo gramado dando sequência, com ele, à série de queixas sobre seu próprio momento, que havia iniciado com a tia.

Astro segurava-a pelo braço com um pouco mais de força que o esperado para o passeio comum de um casal, e então Magda se deu conta de que era a primeira vez que se apresentava para o namorado naquele estado de franqueza emocional. Esse lapso de lucidez não foi suficiente para impedi-la de seguir falando de como iam mal seus pensamentos, que não era capaz de decidir o que queria da vida, e que péssima mãe era para seus filhos. Astro não interrompeu, não demonstrou espanto ou impaciência, não optou pelo óbvia e boba *está tudo bem?*, seguiu escutando e não esboçou cara feia quando Magda interceptou o garçom para pegar mais uma taça, nem mesmo quando teve de segurá-la após um tropeção, evitando uma queda vexaminosa. Limitou-se a olhar em volta para conferir se causavam alguma impressão, e nisso notou a aproximação de Naldo, que ainda não conhecia.

– É Magda, já na pior? - disse o sujeito, preocupado mas de bom humor, estendendo a mão para Astro.

– Esse é o cara que te falei – disse Magda, com um riso um pouco apagado pelos olhos caídos.

Astro cumprimentou Naldo e talvez pela primeira vez desde que começou a se relacionar com Magda tenha olhado-a com estranhamento. Era nítido que não gostava de ser “o cara que te falei”, mas seu ímpeto cuidadoso superou o desconforto e, assim que Naldo se virou para falar com outro garçom, perguntou a ela se estava se sentindo bem.

– Tô bem. Vou dar uma volta. Conversa aí, vocês dois. Alguém viu a Manuela? Vou atrás da Manu – e foi caminhando como podia em direção à frente da casa.

Naldo e Astro ficaram onde estavam, por falta de opção, conversando sem entusiasmo. Magda se afastou de vez. De todas as pessoas presentes na festa, apenas oito ou nove a conheciam bem e de todas essas nenhuma deixaria de se preocupar ao vê-la caminhando trôpega com sucessivas taças de bebida na mão. Aos poucos, seu nome ia surgindo entre os pequenos grupos que se formavam, entre essas pessoas que a conheciam, como tema de deliberação, *será que a gente faz alguma coisa*, e Magda no fundo percebia isso, pois em seus

giros solitários pela casa e arredores, no decorrer da hora seguinte, evitou Olma e Roberto, evitou Naldo, Astro, suas ex-sogra e cunhada, mesmo com Manu e Marcos apenas mexeu de longe, ambos também não fazendo questão de aproximação, ela intuía. Sua rota era de fuga, agora que não se sentia capaz de lidar com nada que demandasse habilidades sociais, nada que precisasse minimamente ser interpretado ao gosto do mundo exterior. Essa rota começara havia mais tempo, isso ela também sabia, ou sentia, desde que desistira de seu tratamento com remédios, desde que assumira o risco de ser uma pessoa normal, uma pessoa com suas especificidades na aventura do dia a dia. É claro que, neste caso, o risco que corria era de protagonizar uma fuga involuntária, um apagão, uma fissura no tempo, como um desmaio. Magda sabia o que era perder o controle das coisas e perder o controle de sua vida, e deixava aberta as portas para essa possibilidade, o risco de um surto psicótico ou coisa que o valha, diagnóstico recebido algumas vezes no passado. Agora estava experimentando uma certa alegria pelo estado de desistência. Um momento breve em que podia rir de tudo que havia representado suas barreiras, suas pressões. Ia caminhando pelo caminho de pedras do quintal-bosque, o ar cada vez mais úmido, os ruídos da festa cada vez mais distantes. Um passarinho apareceu, ela levantou sua taça para ele, era capaz de achar graça nessas coisas. Lembrou-se de Solange, não sabia por quê. Ninguém a seguia, ninguém notara sua saída por este caminho, que daria em um córrego. Talvez apenas o garçom, aquele da piscada, o moreno, em quem dera gratuitamente um beijo no rosto quando cruzaram havia alguns minutos pelo corredor da casa. Era a última pessoa a não lhe causar uma sensação de julgamento, no estado em que se encontrava. De que mesmo estava desistindo? Isso era difícil formular, era algo como ter que decidir prioridades, definitivamente não estava para isso. Teve a impressão de ouvir um grito. Chamavam seu nome? O caminho de pedras encrustadas na grama havia sido substituído por folhas secas sobre mato. Magda tropeçou, caiu. Sentiu dor de arranhões nas mãos. Levantou com algum custo, apoiando-se em uma árvore, cuja casca também machucava sua pele. A escuridão já era quase plena, interrompida apenas por postes de iluminação distantes e quem sabe pela lua. Avançando mais, ouviu o som da água corrente passando sob uma pontezinha de madeira. Isso tranquilizou-a.

No ambiente da festa já não se ouvia também a música, que fora suspensa. Alguns convidados iam embora, enquanto aos poucos ficava perceptível a mobilização pela busca de Magda. Olma estava bastante diligente, andando rapidamente de grupo em grupo tomando

informações, sem perder a discrição. Roberto estava sentado num canto do deck de madeira da entrada, no chão mesmo, olhando para o gramado e balançando a cabeça negativamente. Astro e Naldo haviam saído pelos fundos da casa, seguindo orientações do garçom que a vira por último. Marcos e Manu, que haviam passado bastante tempo dentro de um quarto do segundo andar da casa com outras crianças, agora estavam de volta ao jardim da entrada, conversando com a avó paterna, que lhes falava que ficassem tranquilos, não conseguindo disfarçar sua própria inquietação. A senhora propôs por algum tempo assuntos amenos, sobre a escola de Marcos, sobre namoro de Manuela, e isso levou tempo suficiente para que Magda se transformasse no único assunto corrente entre os remanescentes da festa. A mãe de Roberto finalmente resolveu perguntar para os netos se haviam conversado com o pai a respeito da audiência, sobre o que responderiam quando perguntados o que eles preferiam que acontecesse, quando Manu, que já não prestava muita atenção em sua avó, apontou para o fundo do terreno, limite do quintal, de onde Naldo acabara de voltar correndo, e disse *olha ela lá*.

Magda vinha carregada e desacordada no colo de Astro. Por seu vestido e cabelos podiam notar que estava encharcada.

4. Trajetória de escrita da Parte I

Esta seção foi composta imediatamente após a escrita da Parte I, apresentada no tópico anterior. Em termos de elementos explorados, ingredientes e situações, suponho ter incluído no texto o que havia planejado. Algumas coisas novas apareceram. E novos problemas, de acordo com os primeiros *feedbacks* a que tive acesso.

A dificuldade empírica que me pareceu mais desafiadora neste primeiro momento foi a de conferir algum tipo de profundidade a esta protagonista através de uma narrativa distanciada pela terceira pessoa. A decisão de aderir a este formato, devo confessar, não partiu de uma deliberação técnica a respeito do que parecia mais adequado à história, e sim da intenção de experimentar o narrador onisciente contemporâneo, uma escolha diferente em relação à maioria de meus escritos anteriores¹. A impossibilidade de construir reflexões internas e expor os dilemas existenciais da protagonista através dos fluxos de consciência, recurso tão comum nas narrativas em primeira pessoa, fez com que eu iniciasse a escrita com a intenção de fazer com que Magda aparecesse o máximo possível – ou demonstrasse o máximo de si – em cenas, já que sumarizar seu drama pessoal poderia também sumarizar por demais a história em si.

Esta estratégia inicial fez com que o texto da Parte I ficasse recheado de ações que em uma segunda leitura já me parecem demasiado longas e talvez até dispensáveis. Os elementos da trama estão lá, mas me pareceu difícil arranjá-los de uma maneira que desse conta de dar visibilidade a Magda e ao mesmo tempo criar algum tipo de tensão e fornecer expectativas a quem lê. De saída, posso destacar alguns pontos que potencializam o problema narrativo. O primeiro, noto agora, vem da decisão de contar esta história “de trás para frente” em sua linha cronológica. Embora as justificativas apresentadas na seção 2, Projeto Inicial, continuem me parecendo simpáticas, vejo que a adequação desta protagonista à estrutura escolhida pode resultar frustrante para o leitor, pelo menos em um primeiro momento. É que Magda, na etapa de sua vida que marca a Parte I de *Essa graça que é olhar atrás*, é uma pessoa plácida, discreta e silenciosa na maior parte do tempo, alguém com um segredo biográfico que não se deixa ver facilmente – no caso, sua doença pregressa e patologias clínicas, um problema que é

¹ Dentro do pequeno universo que considero ser minha trajetória de ficcionista, composta por contos, crônicas e relatos publicados em blogs e revistas literárias, o formato de narrativa predominante é a primeira pessoa, muitas das vezes sendo o narrador um personagem que em alguma medida poderia ser mesmo confundido com o autor. Os textos apresentados para o processo de admissão no mestrado seguem essa linha. A opção por desenvolver uma narrativa mais longa em terceira pessoa partiu da vontade de ampliar meu repertório técnico de escrita criativa. Não por acaso o focalizador de *Esta graça que é olhar para trás* é uma personagem feminina.

mencionado brevemente ao longo de alguns diálogos e que apenas surge com linhas mais visíveis no capítulo 10, mesmo assim camuflado no que poderia ser uma bebedeira qualquer. Ser alguém discreto com um segredo clínico não seria um problema em si, não fosse o fato de ser a Parte I também o momento – por excelência – de apresentação da personagem. Ter toda a trajetória pregressa de Magda em mente talvez tenha contribuído para embaralhar (negativamente) minhas opções de escrita, já que às vezes eu contava demais com a ideia de que cedo ou tarde o leitor também conheceria seu *background*, o que me fez optar por atacar mais o que considerava a premissa da novela (mulher às voltas com o dilema de administrar liberdade, saúde e maternidade), deixando de lado uma apresentação mais precisa da protagonista, justamente no momento em que seria desejável a criação de uma identidade com o leitor.

Foi no momento de percepção desta fragilidade que resolvi criar Olma. Uma voz, digamos, mais próxima do tipo de expressão com o qual eu possuía maior intimidade. Daí que ela seja essa personagem extrovertida, um pouco mais intelectualizada, que lança um olhar sobre Magda visando uma reaproximação. Também pelo mesmo motivo de viabilidade expressiva optei pela inserção da carta, pois além de tudo seria uma manifestação direta desta voz.

Retrospectivamente, noto que o ponto do texto em que esta correspondência surge pode ser tardio demais para a função que desempenha – mais uma vez: caracterização de Magda – correndo o risco de gerar uma experiência tediosa de leitura. De qualquer forma, é mais uma escolha relacionada à ordem e à economia das informações para a composição do panorama necessário ao acompanhamento do conflito de Magda. A carta poderia ter surgido mais ao início do texto ou mesmo ter sido diluída, por exemplo, em telefonemas ao longo dos capítulos. O caso é que a interação com Olma me pareceu necessária, pois até a altura do sétimo capítulo da Parte I, fazendo um exercício de deixar de lado *o que eu já sabia da história pregressa de Magda*, ela começava a me soar muito discreta e passiva, talvez até vazia, o que poderia transmitir uma noção equivocada de sua personalidade e potencialmente difícil de ser revertida através das partes seguintes. Este receio se deu pelo menos por duas razões objetivas: a primeira delas é que a Parte II, como dito antes, acompanha a personagem em um período de internação clínica, momento por excelência de pouca ação e atmosfera de reflexão e convalescença, no qual a personagem é inevitavelmente subjugada pelas condições exteriores e suas possibilidades de expressão acabam sendo necessariamente discretas e

subjetivas; a outra razão é que a Parte III, aí sim explorando um momento de explosão de vida da protagonista, o final de sua adolescência, já começaria com um fardo de vitimização proporcionado pelos blocos anteriores que poderia, mais uma vez, ser de difícil – ou, ainda, inútil – reversão.

Esta reflexão me leva a supor que o ideal talvez fosse reescrever a Parte I posteriormente visando uma preparação mais direta para o anticlímax que é a sequência da queda de Magda. O capítulo da festa na casa de Olma condensa uma série de fraquezas essenciais da protagonista que vinham sendo até então obscurecidas por sua postura de aparente estabilidade. O momento em que ela se bate com o resquício de insegurança provocada pela presença de Roberto, com sua angústia causada pela indecisão a respeito da audiência que se aproxima, com suas relações afetivas mal resolvidas no presente – filhos e namorado – e conjuga tudo isso com um apelo ao álcool revela o quão frágil e instável Magda pode ser e talvez isso sirva para acentuar sua curva dramática, conferindo a ela mais complexidade.

Embora complexidade e profundidade sejam os efeitos desejados nesta história que considero se aproximar de um modelo muito mais *character-oriented* (em oposição ao que seria *plot-oriented*), ainda me pergunto se não teria sido tardia a aparição desta faceta de Magda, já que o interesse maior que sua fase adulta desperta surge em um momento a partir do qual ela desaparecerá – já que as partes seguintes voltam no tempo. Outra possibilidade de lide com esta dualidade de personalidade que contrasta na mesma personagem um comportamento plácido e maduro com um comportamento socialmente menos aceitável é o de Justine, personagem de Kirsten Dunst no filme *Melancholia*². Justine nos choca tanto por sua irreverência doentia na primeira parte do filme, desafiando a moral e costumes sociais, quanto por sua lucidez na segunda parte, quando os outros personagens vão sendo tomados por insanidade. Embora não faça parte da ideia inicial de *Essa graça que é olhar atrás* explorar um possível fetiche sobre a crise ou surto psicótico da personagem – como parece ser na primeira parte de *Melancholia* – noto que existe sim um grande potencial dramático fornecido por estes momentos agudos da vida, daí o lamento pela impossibilidade de sua retomada por conta da cronologia invertida.

Um tipo de solução que me parece sedutora neste momento é a inclusão de um epílogo que recoloca o leitor em contato com a Magda de trinta e tantos anos – depois de conhecê-la com

2 *Melancholia*. Direção: Lars Von Trier. Dinamarca, Suécia, França, Alemanha; Zentropa Entertainments 2011.

vinte e seis e dezesseis – e portanto explore sob outra perspectiva o peso de sua decisão, então já tomada, quanto à tentativa de obter a guarda dos filhos – e aí sim, todos já mais cientes de seu conflito pessoal.

Nesta mesma linha de raciocínio, penso que talvez um prólogo possa cumprir a função de conferir à Parte I uma tensão que auxilie a condução da narrativa. É que, efetivamente, o elemento objetivo mais *sinistro* do passado de Magda, no que diz respeito às suas relações afetivas, apenas surge na Parte II³. Este fato, além de fornecer à história a possibilidade de balizar uma discussão mais ampla, sobre contravenções ou crimes cometidos em estado de instabilidade psiquiátrica, trabalha uma outra questão interna do conflito de Magda, que é a culpa inerente à ideia de representar risco constante a quem conviva com ela – e sobretudo a seus filhos. Este ponto do drama, que provavelmente será o clímax da Parte II (em flashback), terminará de compor o quadro problemático da protagonista.

5. **Parte II: Lena, 1989**

³ Relembrando o item 2.4: a ocasião em que, tomada por um de seus primeiros surtos, protagoniza uma agressão contra a filha, que poderia ter tido consequências graves e irreversíveis.

1

Depois de quase onze horas deitada em um colchão que lhe fazia ter saudades dos amontoados de feno na roça, Lena conseguiu dormir. Pelo menos teve essa impressão, pois sonhava. Sonhava caminhar por ruas de uma metrópole escutando motores e fragmentos de conversas, vestindo roupas de executiva, sem olhar para o chão e nem para os sinais de trânsito. Sempre que precisava atravessar alguma rua, os carros paravam para sua passagem. Alguém vinha no encalço puxando um assunto obscuro, alguém ainda sem rosto, sem identidade, uma voz vinda de baixo, de trás e de baixo.

– Lena, vem, tá na hora.

Não chegou a descobrir com quem sonhava, pois foi sacudida pela enfermeira que chamava para levantar.

A noite havia sido um torpor. Ruminações, dores no corpo, ruídos nas camas vizinhas. Ansiedade por conseguir dormir: incapacidade de dormir. Frio nos pés. Estava internada na ala feminina de uma clínica psiquiátrica. Essa condição a impressionava. Todavia, da enxurrada que eram suas memórias, a imagem de si mesma assinando um termo de anuência na sala de recepção vinha de vez em quando lembrar-lhe de que era isso mesmo.

Precisava levantar para a rotina que marcava as manhãs na clínica: o banho, o chá com pão, os remédios. Estava assentada na cama e acabava de colocar os óculos entregues pela enfermeira, mas não conseguia ver no chão nem sinal de seus chinelos. Dividia o quarto com outras três pacientes, nenhuma presente, e havia uma enormidade de possibilidades que poderiam ter varrido os chinelos de Lena de seu caminho, obrigando-a a começar o dia com os pés no chão gelado, não bastasse a noite mal dormida, a fraqueza no corpo, a dor crescente no diafragma. Seria angústia, seria algum efeito colateral dos comprimidos, se perguntava. As lembranças do olhar da filha, a incapacidade de articular uma fala que pudesse responder à cada vez mais impaciente enfermeira perguntando *Lena, tá tudo bem? Tá na hora, que que foi?*, isso a assustava. Estirou o pé direito, tocou na ardósia sua planta tensa, estremeceu com o contato e, tão logo começou a repetir o gesto com o esquerdo, desistiu, agarrou-se à beira da cama, quis olhar para a enfermeira, não pôde, não sabe se por falta de condições físicas para articular a torção no pescoço ou se por sentir-se humilhada: tremia, respiração ofegante, os

músculos da cara contraindo, ia chorar, queria ajuda, sentia medo, gritou, o guincho lhe arranhou a garganta, *Lena!* - lhe devolveu a enfermeira – outro grito longo e choroso, mais alto e choroso, a enfermeira chamou ajuda, Lena gritava na cama, Lena se debatia enquanto a enfermeira tentava confortá-la com um abraço, que logo se transformou em imobilização, Lena gritava *Me solta*, outras pessoas chegando, Lena escutava seu próprio nome, a dor ou embotamento do peito tomando conta do corpo, seu medo transbordando, seus gritos abafados, seu lamento por não poder articular nem *me ajudem* e nem *me deixem*, seu choro a seco, seu frio nos pés. De repente, parou.

Era um começo de dia. Um começo, ainda assim.

Outros dias mais discretos já haviam começado com a sensação de enclausuramento e solidão, dias com outra decoração, cores mais quentes e pés protegidos. Lena era uma mulher jovem, com oito anos de casamento e a impressão de que o momento de fazer boas escolhas havia passado. Vivia com o marido em Barbacena, onde administravam duas lojas e iam aprendendo a criar a filha, então com 4 anos. Antes de adoecer se apresentava como Magda, a primeira parte de seu nome, Magdalena, que sempre lhe pareceu pesado demais, talvez pelo irremediável toque cristão, mas é provável que ela não pensasse nestes termos. Ainda em contraste com este despertar na clínica, suas manhãs típicas costumavam ser mais estáveis. Acordava com o rádio-relógio de Roberto, que quase sempre o desativava e voltava a deitar, então aninhando-se em seu corpo, quando podiam ter lembranças da noite anterior e talvez calcular se a ressaca afetaria os planos do dia. Era também o momento em que olhava para a cortina translúcida tentando adivinhar como estaria o céu, se aberto ou fechado, um hábito adquirido dos tempos em que isso interferiria no trabalho da família, coisas de fazenda. Gostava mais dos dias alaranjados, pelo menos essa era a cor que resultava de um sol frontal em sua cortina clara, e isso também geralmente era conjugado com um carinho de Roberto em seu peito, um carinho quase sempre erótico mas ainda assim nada mal para uma manhã qualquer, depois uma espreguiçada, mãos devolvendo o toque ao corpo do marido, uma mudança de posição que possibilitasse o encaixe, pulmões se enchendo de ar, bom dia vida, quem sabe uma acelerada cardíaca com espasmos, tremores para em seguida ter fluidos que expulsar com o primeiro xixi da manhã. E então café, bom dia para a empregada, *como tá a menina?*

Roberto saía logo para a loja. Lena gostava de dar um tempo, arrumar por conta

própria algumas coisas da casa, apesar de pagarem alguém para tarefas de babá a cozinheira. Recentemente haviam experimentado lucros maiores que os esperados e a possibilidade de guardar algum dinheiro – em parte devido ao congelamento dos aluguéis, um plano recente do governo – o que também significava mais eletrodomésticos, móveis, roupas: coisas que organizar.

Houve o tempo em que Lena saía para trabalhar com Roberto na primeira loja. Arrumava o estoque e às vezes entrava no rodízio das vendedoras em épocas de maior movimento. Mas logo ela e o marido perceberam que o convívio ininterrupto não seria muito saudável e, com o nascimento de Manuela, que deu início à sua temporada de longa permanência em casa, Lena inaugurou também outra etapa da vida. Tirou do armário suas duas máquinas de costura, uma velha Singer de ponto contínuo que parecia ser sua posse mais antiga de sempre e uma *overlock* que havia comprado quando fazia pequenos trabalhos de reforma em Juiz de Fora. Organizou suas revistas, não apenas as de moda que havia colecionado sem muito critério até ali, mas também as especializadas em televisão, fofocas, semanários da política, as raras de fotojornalismo e todas que pudessem fornecer imagens de pessoas e figurinos diferentes dos encontrados na rua. Habitou-se a folhear páginas e fazer anotações sobre roupas ao longo do dia – inclusive enquanto amamentava. Fazia marcas de caneta, recortes. Criou um catálogo de colagens dividido em subseções, como *festa e executiva*. Triou as casas de tecido da cidade usando critérios de preço e entregas e logo começou seus experimentos de criação. No começo fez peças para si mesma, para andar por aí, mas logo na primeira aparição pública com um casaco multicolorido e nada convencional, copiado de uma revista estrangeira, foi perguntada a respeito por uma cliente da loja – estava levando Mano para ver Roberto na hora do almoço – e na ocasião recebeu sua primeira encomenda. Tiraram medidas ali mesmo.

Dez meses depois Lena inauguraria sua confecção. Andar de cima de uma casa, pouca mobília, o suficiente para empregar uma costureira, receber duas ou no máximo três clientes sentadas em poltronas, mesa e cadeira para fazer seus recortes e um pequeno *lounge* para ver Mano começando a andar no chão de tábuas antigas de madeira, barulhentas mas aconchegantes.

Ela contou o que pôde dessa história a Giovana, psicóloga da clínica, quando esta sugeriu que Lena falasse um pouco do que estava em sua cabeça.

As sessões de psicoterapia aconteciam uma vez por semana. Estava na segunda semana na internação, e era portanto seu segundo encontro com Giovana, mas a primeira vez que conseguia se comunicar. Estavam assentadas uma de frente para a outra em cadeiras reclináveis de pano. A psicóloga, depois de ouvir Lena contar de como dera início a seu negócio, olhou discreta para o pulso e perguntou como Lena se sentia em relação à filha. Lena, olhando para uma janela ao fundo da sala, apertou o punho da mão esquerda contra a palma direita, cruzou com força as pernas e demorou cerca de dez segundos para começar a dizer que Manu tinha sido a maior transformação em sua vida, que ser mãe era uma alegria e que não houve tempo mais feliz que aquele em que gastava tardes com a menina em casa e de tão alegre começou a criar roupas e depois montou um negócio, que Manu tinha sido sua maior companheira, que podia falar com ela das coisas que sentia mesmo antes de a menina aprender a falar e que por isso não queria ficar mais longe dela, que sabia que estava doente mas queria voltar para casa, que tinha assinado aquele papel mas era bobagem, Manu precisava dela, já tinha tanto tempo que não se viam. Giovana olhava para Lena enquanto a ouvia e o máximo de expressão que se permitia era apertar os olhos. Disse a Lena que isso de ficar ou ir embora não era com ela mas que bom que ela pensava bastante na menina, e *vamos ter que continuar essa conversa depois, Lena, pode pegar essas sandálias aqui emprestadas, depois você devolve*, e Giovana tirou de um armarinho velho um par de chinelos maiores que os pés de Lena mas suficientes para que ela se desapegasse do tapete em frente à sua cadeira. Desde aquela manhã estava bastante incomodada de ter que caminhar descalça, *posso ir pro meu quarto então*, Lena perguntou, *é claro Lena, você sabe onde fica seu quarto, não sabe?* E Lena deu um beijo no rosto de Giovana antes de sair de sua sala, que de diferente de todo o resto da clínica só tinha o tapete e as cadeiras confortáveis.

Entre a sala de psicoterapia e o quarto havia uma sequência de corredores com paredes brancas e janelas com basculantes de vidro temperado protegidas por gradis de ferro, por onde entrava uma luz de sol discreta. Ela estava empenhada em posicionar um pé depois do outro em sua sequência de caminhada. Não chegava a ser uma operação difícil, mas demandava o emprego ativo de sua atenção. Somados, estes corredores deviam chegar a setenta ou oitenta metros de comprimento. Lena demorou tanto a percorrê-los que, quando chegou a seu quarto, já havia esquecido completamente da conversa que acabara de ter.

O dormitório estava vazio e ela, apesar da lentidão, não estava exatamente cansada ou com sono. Mas não entendia bem ainda se tinha ali algum compromisso próximo ou distante,

se esperavam dela alguma coisa ou mesmo se havia alguma outra possibilidade que ir descansar. Pelo sim, pelo não, esticou a caminhada até sua cama, deixou os chinelos ao lado, deitou-se, olhou para cima, puxou o lençol por cima do corpo, fechou os olhos.

2

Um dos incômodos recorrentes da rotina era não saber quais eram ou o que faziam aqueles comprimidos entregues diariamente pela enfermeira, que só se afastava depois de vê-los engolidos. Lena ouvia esse comentário da moça ao seu lado no banco do quintal, um banco feito de praça, com ripas brancas de madeira. As duas tomavam sol. A clínica era uma casa antiga, “Casa de Recuperação”, inclusive, esse o nome que aparecia na placa da fachada, que Lena só pôde reparar no dia de ir embora. Mas naquela hora reparava em poucas coisas. Não tinha vontade de ler, de falar ou se mover, apenas contemplava o cenário de mulheres vestidas em seus conjuntos de calças largas e camisas verde-água, a maioria parada ou se demorando de um ponto a outro em seu campo de visão, que incluía flores avermelhadas como hibiscos caídos de uma árvore que cobria parte do piso irregular de cimento, e o céu sem nuvens que dava ao sol livre acesso a seu rosto – provável que já queimado àquela altura.

Este cenário não trazia a ela sensações de paz.

A moça ao lado insistia na conversa. Era tão pequena que seu conjunto verde-água parecia um amontoado de franhas velhas furadas. Lena virou o rosto em sua direção. Ela dizia, sem olhar de volta, que no começo todas recebiam os mesmos remédios, ela achava. *Só pra gente ficar tranquila. Pra facilitar.*

Uma enfermeira passou ao lado e entrou de volta na casa. Lena notou um jardineiro que trabalhava agachado no canteiro interno ao lado do muro. Virou mais uma vez para a moça, que olhava a casa.

– E depois? - Lena perguntou.

O baque da poda que o homem operava nos arbustos fazia com que mais flores caíssem da árvore. Alguns segundos de silêncio até que a outra dissesse:

– Desculpa pelo chinelo.

Lena tinha as lembranças confusas. Calçava os próprios chinelos e tinha a impressão

de que alguma coisa recente havia acontecido com eles, mas não tinha certeza do quê, tampouco ânimo ou vontade de se esforçar para lembrar. Era estranha a sensação de um buraco na memória, essa insegurança de não poder afirmar que sim ou que não sobre um acontecimento próximo, e isso aos vinte e seis anos de idade. Mas não chegava a estar alarmada. A sensação não era inédita, afinal. Em uma de suas discussões recentes com Roberto, havia sentido: parece verdade que fiz isso, mas não é possível.

Era para ser uma conversa sóbria e decidir assuntos das lojas, da casa e do relacionamento. Roberto havia ameaçado sair de casa com Manu se Lena não conseguisse ficar pelo menos três dias consecutivos sem beber – e colocou isso como condição para que se falassem. Lena não levou a ameaça a sério mas se engajou no processo, andava desconfiada que sua costureira eventualmente aproveitava sua ausência para combinar serviços por fora e queria decidir o que fazer quanto a isso, queria a opinião de Roberto, ele era muito bom com coisas práticas, e, naquele momento, semanas antes da internação, Lena se sentia tremendamente confusa e desorganizada mas tinha um monte de questões que resolver – como uma vidraça quebrada na sala de televisão – e portanto não tomou o ar impositivo do marido como ofensa.

– Magda, cê precisa se cuidar. Porra. Eu tô morrendo de vergonha. Manu tá com medo. Você acha que não mas a menina entende, sim, as coisas.

Moravam no décimo andar do prédio. Estavam assentados na cama, um de lado para o outro, e Roberto, depois de ouvir que ela não se lembrava de ter deixado de ir à loja por três dias seguidos, depois de perguntar *tá brincando*, respirou fundo de olhos fechados e, tentando se controlar para não transbordar seu ar de impaciência ou desconfiança, contou que ela havia passado uma madrugada inteira em claro, varrendo a casa, falando sozinha, arrastando móveis, que chegou a ligar a enceradeira, mas isso ele impediu para não incomodar os vizinhos, depois ainda foi lavar roupas, chegou a tirar as cortinas dos trilhos para colocar na máquina; e de manhã, quando ele pensava que ela finalmente ia descansar, se meteu num banho de duas horas, ele só sabendo que ela estava viva pois a cantoria e o falatório continuavam, o banheiro trancado, e quando Sueli, a empregada, chegou, ele pediu para que ela ficasse de olho e foi para a loja, não tendo podido nem usar a privada em casa; quando telefonou na hora do almoço, soube por Sueli de sua saída, foi procurar na confecção, mas nada, e só foram se ver à noite; e nada de sono mais uma vez: depois de outra sessão de falas à deriva, uma sequência de choro, gemidos, e, por fim, todos os vidros da sala de televisão

quebrados, gritando *filho da puta* na janela para deus e o mundo.

– Eu quebrei o vidro? - Lena articulou depois de alguns instantes de choque com o relato de Roberto, talvez só para ter algo que dizer, pois ele não precisou mais que olhar seu antebraço cortado para responder, ela já o acariciava com a mão oposta.

– Aí nessa noite você dormiu um pouco, mas levantou procurando a vodka. Eu tinha jogado fora. Você começou a gritar. Sueli atrasou. Eu tinha que ir pra loja. Levei a Manu comigo porque não tinha condição dela ficar aqui com você naquele estado. Tive que pedir vendedora pra levar ela na escola. A gente tá num estado de nervo constante, Magda. Cê tem que dar um jeito nisso, pô.

Por incrível que parecesse, a história de Roberto dava sentido à sensação de descontinuidade de tempo sentida por Lena naquela semana, em que tinha certeza da segunda-feira, quando interagiu com Manu, com Sueli e com Valéria, a costureira, e depois disso só se lembrava da sexta, e da cara de desconfiança de todas, mesmo da filha. Antes que tivesse tempo de querer se propor a entender o porquê do estranho estado de coisas, o mundo exterior, as outras pessoas já lhe puxavam para uma discussão, cobravam uma atitude, trazendo a sensação de que a recuperação dependia de si, apesar de não estar claro para Lena em relação a quem era preciso recuperar-se.

No banco de quintal da clínica, com o sol de onze da manhã incomodando seu rosto sem proteção, finalmente entendeu: seus chinelos haviam sido pegos por sua colega de quarto, Karen, a moça pequena, e por isso Lena vinha usando aquelas sandalhinhas de palha. Lembrou-se que precisava devolvê-las para Giovana. Que dia voltaria a revê-la, pensou. A enfermeira chamou-as. Era hora do almoço.

3

A aceitação da doença era algo que vinha lentamente. E também em etapas. Para Lena, nunca havia sido claro qual a primeira vez que “saiu de si”, como ia se habituando a dizer a respeito do que lhe acontecia de tempos em tempos, isso que para as outras pessoas eram as *crises*. Quando adolescente, sua avó dizia sem pudor *essa menina tem uma coisa ruim*. Talvez não estivesse se referindo a nada de mais, a nada de aspecto técnico ou patologizável, apenas

uma intuição de *carma* ou caráter, o que não deixava de ser relevante. Lena sentia quando as coisas estavam para piorar. Seu jeito de às vezes ficar muito distante de tudo ajudava a disfarçar a chegada de seus surtos – tanto para os convivas quanto para si mesma.

Uma vez, tendo levantado de madrugada para atender Manu recém-nascida chorando, deteve-se ao entrar no quarto da menina. No dossel acima do berço estavam dependurados alguns passarinhos de pano, peças delicadas que ela e Roberto haviam escolhido para enfeitar o ambiente e quem sabe distrair a criança. Um dos passarinhos estava girando, refletindo a cada volta a luz de canto que emanava da luminária. Lena observava os giros do passarinho e pensava que estranho, não há janelas abertas, Manu mal movimentada a coluna em seu colchãozinho e portanto não poderia ter girado o enfeite. O próprio reflexo é esquisito pois o tecido do pelo é opaco. Lena caminhou até o berço e olhou em volta, agora pensando no que aquele quarto havia se transformado desde a chegada da criança. Achou um pouco bagunçado. A mesa da máquina de costura havia se convertido em estante de entulhos, roupinhas, fraldas, kits de bico e mamadeira. Notou a televisão Sânio de quatorze polegadas que havia no canto, àquela hora parecendo a cabeça de um vulto na escuridão, e só então se deu conta do quão inútil poderia ser para um bebê ter uma televisão no quarto. Estava de pé pensando nisso e respirando calmamente quando ouviu passos no corredor, aumentando à medida que se aproximavam do quarto. Roberto entrou apavorado e acendeu a luz. *Magda!* Foi até o berço e pegou a criança no colo. *Caralho, Magda, cê não tá vendo a menina esgoelar?!*

As tardes na clínica costumavam ser livres, ou então preenchidas por alguma atividade alternativa à rotina, como a oficina de dança que aconteceria naquele dia. Lena não quis participar. Além dela, apenas Karen, a moça pequena, havia desistido também. Mesmo uma colega recém-chegada, que na noite anterior apenas havia conseguido se acalmar com uma injeção, se animou a fazer, embora com a locomoção comprometida. Lena estava mais uma vez no banco do quintal e Karen se aproximou. Ofereceu um cigarro. Ninguém oferecia cigarros na clínica. Lena aceitou e agradeceu. Pela primeira vez, reparou em como Karen parecia bonita, com seu rosto leve escondido pelo cabelo imenso, quase sempre molhado, escorrendo pelas roupas largas. Sem a enfermeira por perto elas não tinham como acender os cigarros e ficaram ambas aguardando a chance com eles apagados entre os dedos. Lena perguntou a Karen se ela já estivera ali antes e a outra respondeu de prontidão que sim, que havia lhe dito isso outro dia enquanto tomavam sol. Lena lembrou. Dessa vez Karen parecia

bem mais esperta e ativa, e a própria Lena se sentia mais relaxada em relação ao estado geral das coisas. A noção de que havia adoecido e agora passava por um processo de recuperação se consolidava em sua cabeça. Apesar de parecer evidente e talvez um pouco constrangedor, como quando se nota com atraso algo sobre o qual vinham lhe alertando desde há muito e a coisa finalmente acontece, sem que se tenha feito nada para evitá-la, como quando se é o último a saber de tema que lhe concerne e isso é um tanto vexaminoso mas ainda assim importante de se ter ciência, pois então, assim Lena pacificava-se consigo mesma, um alívio. A angústia que a assaltava várias vezes ao dia diminuía. Não temia mais ser acordada à noite.

Também se consolidava a ideia de que seu estado nunca fora tão grave. Nunca havia sido internada. E nunca ficara tanto tempo sem se lembrar de pontos específicos no tempo, como o que havia acontecido nos dias que antecederam sua chegada ali na Casa de Recuperação. Lena virou para Karen demorando-se um pouco, notando que os olhos da moça pareciam os seus próprios, que, conforme a luz, podiam ser tanto de um azul intenso como de um verde que se camufla em castanho. Lembrou-se da desconfiança que a outra tinha dos remédios e perguntou *você acha então que todas tomam as mesmas coisas* e Karen disse *não. Não? Mas você achava*, Lena retrucou, mas Karen disse *perguntei pro médico. Que dia você viu o médico*, Lena perguntou, e Karen disse *hoje*.

Estavam nisso quando a enfermeira chegou no quintal. Karen levantou para pedir o isqueiro e a moça de branco se antecipou acendendo seu cigarro. Lena foi pedir também mas a enfermeira puxou-a para dentro da casa, que precisava conversar.

4

Sabia que já estivera no consultório. Reconheceu a mesa e a cadeira de ferro com esmalte verde carcomido, reconheceu os papéis amarelados nos armários velhos, parecendo cristaleiras de madeira gasta com vidros quebrados, reconheceu também os grandes arquivos de metal azul-cobalto que ocupavam boa parte da parede atrás da mesa em que a esperava o doutor. Mas reconheceu principalmente o fato de ser atendida por um médico que não se vestia de branco.

– Oi Lena, tudo bem com você?

Lena estava na cadeira de ferro, a enfermeira havia fechado a porta do consultório e o

médico se desculpava por ter adiantado a conversa – que era como ele chamava aquela consulta – porque ele teria um compromisso no dia e hora que estavam marcados. O fato de ele a ter tratado por Lena também lhe parecia significativo. Puxava outras lembranças. *Como você tem se sentido*, ele perguntou, como para quebrar o gelo, olhando para Lena mas logo em seguida para seus papéis de prontuário. Era um homem jovem de barba feita e cabelos curtos. *Tô bem*, ela respondeu, depois de um tempo, o necessário para internalizar a ideia de que o encontro com o psiquiatra era a coisa mais importante de sua semana e ali estavam. *Não tem nada te incomodando*, ele perguntou, e então Lena olhou para baixo, as mãos apertadas sobre colo.

Claro que não estava bem, claro que havia um grande incômodo. O próprio fato de estar ali, internada, sendo atendida por um médico psiquiatra, evidenciava quão incômodas as coisas poderiam estar. Nos últimos dias, desde que passou a se sentir mais estável, menos incapaz de dormir, menos dependente de calmantes que a deixassem lerda – e desde que concordaram em suspender esses calmantes – Lena passou a se perguntar como ela e Roberto poderiam pagar por aquela internação. Durante os primeiros dias isso não foi uma questão. Mas, tendo surgido uma vez, foi crescendo cada vez mais. À medida que os dias iam ficando mais agradáveis, com ela podendo articular melhor suas conversas, seus movimentos e seus pensamentos – a enfermeira dizia que a melhora eram os antipsicóticos fazendo efeito – ela sentia crescer uma certa culpa por estar ali. Chegou a falar disso com Giovana, em uma ocasião em que se encontraram por acaso no corredor, e Giovana disse apenas *você está se recuperando*. Lena sentia medo de todo o pacote que significava seu período de inconsciência, sentia medo de não estar atada ao que pudesse considerar sua realidade, mas ao mesmo tempo sentia crescer a reconexão com o pragmatismo e não lhe parecia razoável fugir deste ponto. Então ela disse *Eu queria ir embora, já tô melhor, preciso ficar com a minha filha*. O médico assentiu um pouco com a cabeça, apenas um gesto para aguardar o que mais ela teria a dizer. Como Lena não complementou, ele disse *então você se sente bem pra estar com sua filha, pra cuidar dela?*

Isso revolveu uma sensação brutal em Lena. Depois de dias, trouxe de volta o gosto da agonia, da ansiedade, da vontade de chorar. O outro ingrediente que temperava seu desgosto era outra sensação, nada inédita, de estar em um jogo em que sua única chance de sair ileso era desempenhar com bastante precisão seu papel. Apesar de ter provado uma breve onda de descanso nos dias anteriores, ali sentiu falta da companhia de Roberto.

Por que você tá me perguntando isso, ela atirou com certa impaciência na voz, sobrancelhas tensas, e, ao dizer a frase, experimentou um gosto de derrota. O médico apenas observou. Ele não parecia um adversário, não esboçou reação positiva ou negativa à sua fala. Ela seguiu com *Eu sei que eu fiquei doente, que foi bom ter vindo pra cá, mas agora que as coisas tão mais claras pra mim, preciso voltar, preciso ficar com eles*. Respirou fundo. *E sei que pra sair você precisa me dar alta, não é, o que é que tá faltando?*

Apesar de se sentir melhor e até mais segura nos últimos dias, Lena não tinha tido muitas conversas longas dentro da clínica, e, agora que falava, percebia que sua voz estava estranha, que era como se as palavras se arrastassem em muita saliva antes de saírem da boca. Isso tirava parte de sua credibilidade e autoconfiança, mas o médico devia estar acostumado, ela pensava. Ele perguntou por que ela achava que precisava ficar com a família. Ela disse que porque sim, uai, que era mãe, esposa, e que além disso tinha uma loja para tocar, e ele quis saber se ela se sentia pronta para conversarem a respeito do que falaram da outra vez em que se viram e, como Lena mais uma vez olhou para baixo, para as mãos entrelaçadas sobre o colo, dessa vez foi ele quem respirou mais fundo e disse *Lena, me conta como foi sua última semana aqui*.

Ela quis começar a falar prontamente, para mostrar para si e para o doutor que estava apta a ser independente, mas travou, tão logo abriu a boca. Lena não tinha uma noção segura do que havia sido sua última semana. Nem tanto pela dificuldade de traçar uma linha do tempo, digamos: sete dias e sete noites, as atividades diárias eram parecidas, então é normal que se confunda, todos os banhos, todas as assentadas na louça fria do banheiro, todas as sopas de legumes, todos os pães com manteiga e a alegria das horas que serviam café. Poderiam todos esses eventos terem sido apenas um na lembrança de Lena. A necessidade de criar uma linha temporal e conectá-los entre si era um exercício que trazia a reboque *flashes* desagradáveis que ela não queria ou não podia compreender. O médico queria saber o que ela havia feito em sua última semana e ao responder *Tomei banho, tomei sol, conversei com as meninas, ajudei o moço a molhar as plantas* ficou se sentindo uma tola, uma pessoa infantil ou francamente enferma, o que não era bom para seu propósito de ter alta e então calou-se de novo. O psiquiatra seguiu encarando, seu olhar não julgava, tampouco era cúmplice. Lena, como quando alguém se esforça para retomar o fio da meada de um sonho interrompido na noite, concentrou-se na memória em um gesto de humildade, já que as coisas não seriam mesmo fáceis naquele encontro com o médico, admitindo que precisava ainda algum

empenho para dar conta do que havia passado.

As imagens em sua tela mental não devem mesmo ter sido agradáveis, pois seu rosto se contorceu, apertando as laterais dos olhos, subindo as extremidades internas das sobrancelhas e dando a impressão de estar revivendo algo espantoso ali, naquele momento, assentada diante do médico, que ouviu seus primeiros soluços mantendo o olhar impassível, mas que desviou os olhos ao ouvi-la em prantos, uma demonstração de respeito, talvez, e saiu da mesa para servir-lhe um copo d'água dizendo *pode ficar calma, tá tudo bem*.

5

Depois de seguir algumas orientações sobre fluxo de respiração, *inspira fundo, expira devagar*, e com isso acalmar-se para beber um pouco da água que o psiquiatra lhe oferecia em um copo de plástico, Lena alegrou-se ao ouvi-lo dizer *tá vendo, você tá no caminho, Lena, não precisa mais injeção*, e, retomando sua posição do outro lado da mesa, *agora você gostaria de tentar me falar do que é que te trouxe essa cara de choro?*

Ela não sabia por onde começar. A cada momento olhava para a porta da sala, que era translúcida por conta das várias janelinhas de vidro temperado, por onde a luz exterior causava a impressão de que estivesse aberta. Falou que lembrava de coisas ruins que aconteceram ali, que estava pelada gritando com as enfermeiras para que a soltassem, mas ao invés disso várias pessoas a seguravam presa na cama, e machucaram seus braços, seu peito; que conversou muito tempo com um homem no quintal, horas até, que não lembrava de tudo mas que eram temas estelares, temas espirituais, que por fim ele não entendia nada do que ela dizia e quando foi embora ela achou que o homem fosse seu marido; que uma das meninas foi até sua cama de noite para dormirem juntas, que era sua filha, e que as duas ficaram abraçadas mas depois de um tempo ela ficou com medo porque a outra era sapatão; que um pretinho ficava olhando pra ela todo dia por cima do muro, mas que ninguém mais conseguia vê-lo; que não aguentava mais, que queria ir embora.

Ao fim de uma bateria de alegações neste estilo, Lena parecia exausta e aliviada. Tempos depois, quando estivesse lidando com as vagas memórias de seu período de internação, atribuiria a este episódio uma sensação de desistência, como se ao deixar emergirem as imagens que a afligiam, tivesse aberto uma porta indesejável que retardaria sua

alta, deixando claro quão confusa a realidade se apresentava.

O médico fez algumas perguntas sobre todos aqueles episódios, agora olhando pouco para Lena, pois se concentrava em sua saraivada de anotações na ficha do prontuário. Lena perguntou se ia melhorar, e se ainda ia demorar, disse que estava com medo, seguia com cara de choro. O médico disse que sim, claro, que pela evolução não demoraria mais que alguns dias pra voltar pra casa. Ele foi se levantando e Lena entendeu que ali terminariam a conversa. Deixou mais algum choro escapar. *Não posso ficar mais tempo aqui. A gente ia levantar uma casa. Agora não vai dar mais.* O médico disse, engavetando no arquivo azul a ficha com as anotações, *Paciência, Lena, essas decisões já foram tomadas*, e ela, que havia se levantado e caminhado lentamente até a porta, virou e disse *Doutor* – era a primeira vez que ela o tratava por “doutor”, o que chamou a atenção do sujeito – *eu não quis machucar minha filha. Juro.*

6

Embora a Festa das Rosas, que era sempre em junho, já tivesse acontecido naquele ano, o tema floral aparecia de novo, agora com a força de setembro.

– Nos últimos anos a gente chamou de Festa das Flores e fez uns cartazes grandes pra colocar no muro do quintal, e cada menina desenhou alguma coisa neles pra enfeitar.

Quem disse isso foi Bete, a enfermeira encarregada da comissão em que Lena havia sido alocada. No próximo domingo de visitas haveria uma pequena celebração pela chegada da primavera e as pacientes foram divididas em grupos, que deveriam organizar as comidas, a música e a decoração – o de Lena.

– Mas todas as cartolinas são brancas? - Lena perguntou, interrompendo Bete, que mostrava o material para ela e as outras três colegas da comissão, no quarto que havia sido separado para a primeira reunião. A enfermeira olhou fixamente para Lena, como se lidar com aquela pergunta demandasse mais paciência que a disponível em suas reservas. Depois de tomar um ar, respondeu:

– Sim, meu bem, todas são brancas. A gente vem e pinta por cima.

A organização da festa substituíra todas as atividades de terapia alternativa que eventualmente aconteciam ao longo da semana, pois as comissões precisariam planejar e executar o que quer que fossem fazer. O grupo de comidas, por exemplo, havia recebido

doações das famílias na segunda-feira e iria misturar massa, cozinhar brigadeiro, assar um bolo e uma torta e enrolar docinhos ao longo de toda a semana, um pouco a cada dia, com a enfermeira encarregada armazenando tudo em vasilhas plásticas na geladeira. O grupo das músicas não tinha muito o que fazer, pois a solução era sempre a mesma: um toca-discos na sala da diretora com as caixas viradas para o lado de fora da janela, que dava para o quintal. Apenas uma enfermeira entraria para virar os LP's, e o que as outras duas mulheres da comissão faziam era perguntar o que cada colega gostaria de ouvir, anotar tudo e enviar cartas pedindo aos parentes que levassem aqueles discos (como as cartas precisavam ser enviadas até terça-feira para que chegassem a tempo, elas ficavam ociosas no resto da semana e acabavam ajudando em outras coisas). Lena havia ficado na decoração provavelmente porque ainda não era estável ao ponto de ser confiada à cozinha, com todos aqueles utensílios metálicos, e nem tão sociável, como era o caso das meninas da música, que se divertiam com a dinâmica de percorrer a clínica com uma caderneta e canetinhas hidrocor, como se fossem crianças brincando de repórter, anotando os quase sempre repetidos nomes de Nelson Ned, Amado Batista, Baby Consuelo, Jorge Ben, Elis Regina, Roberto Carlos e assim por diante, as mulheres muitas vezes com dificuldades para lembrar novos nomes, acabavam acordando em listas pequenas. Lena respondeu *Novos Baianos* para Karen, que era da música, e todas ao redor festejaram – isso havia sido uma grande sacada.

Atividades regulares como encontros com o médico e sessões de psicoterapia aconteciam normalmente naquela semana. Lena estava assentada com Giovana, de volta à sala das cadeiras de tecido confortável. Tinha a musculatura do rosto um pouco contraída e não parava de olhar para as paredes laterais. A psicóloga quis saber o que a afligia.

– A Bete e o médico disseram que tô melhorando. Mas esse remédio me deixa burra – a voz de Lena era mais arrastada que o normal e seus olhos nunca paravam em Giovana.

– Burra? Como assim?

Lena não respondeu de imediato. Incomodava-a a perspectiva de permanecer na clínica por pelo menos mais uma semana, já que todas pareciam tão envolvidas com o festejo. Isso gerava um tipo de desconfiança a respeito do ambiente. Ao longo dos últimos dias, seus pensamentos estavam mais dispersos, sua respiração mais lenta, seu sono mais tranquilo. As ansiedades que a espezinhavam no começo eram mais raras, menos ameaçadoras. Quando se encorajava a pensar a fundo no que estava acontecendo em sua vida – e esses momentos reflexivos em geral vinham junto com as xícaras de café que de vez em quando conseguia na

cozinha – vinha à tona sua preocupação com o dinheiro.

– Ninguém tem alta na Semana das Flores? - Lena coçava com força os antebraços, com as unhas que haviam sido cortadas rentes à pele.

– Uai, Lena... Não vejo nenhuma relação entre as coisas. Por quê?

– Vocês fazem essa festa pra gente ficar mais tempo aqui?

Giovana não anotava nada ao longo das conversas. Apenas um paciente bem perspicaz notaria que em alguns momentos ela esticava um dos dedos da mão direita e batia ao lado do próprio quadril, como se marcando mentalmente alguma coisa. Ela havia acabado de fazer isso e parecia ter pescado alguma maquinação de Lena. Respondeu:

– Não, não é por isso. Quer dizer, não posso falar pela Casa, não sou da direção, só me contratam como psicóloga. Mas creio que não. Não é interessante pra clínica manter na internação uma paciente já recuperada – a atenção de Lena foi capturada pelo tom informal de Giovana, que seguiu – quanto à festa, entendo que seja parte de uma terapia coletiva.

Lena enfim conseguiu pousar os olhos na outra – Como assim? - perguntou.

– Você se lembra da última vez que precisou organizar alguma coisa junto com outras pessoas?

Lena afundou um pouco mais o corpo no tecido da cadeira, sua mobília preferida da clínica. Abraçou os cotovelos e uma parte dos braços, sentindo que sim, que bom, sua pele continuava firme e macia. Deixou o olhar se perder na junção entre a parede e o teto e se permitiu pensar a sério na pergunta da psicóloga.

Algo que a aborrecia no efeito do remédio era a dificuldade de travar um diálogo, pois muitas das vezes se esquecia da última fala que dissera ou ouvira ao tentar se concentrar em uma ideia. Giovana devia saber disso, pois quase nunca falava durante as sessões e dessa vez, ciente da medicação de Lena, havia falado até mais que sua paciente. Lena gostava de ouvir Giovana falar, embora o ritmo pausado e muito claro usado pela outra neste encontro a fizessem se sentir um pouco infantil. Um pouco como Manu. *Quando precisei organizar alguma coisa?* Manu estava nos braços de um homem que falava sem parar, olhos fixos na criança, emitindo uma saraivada de palavras no diminutivo com voz robótica, ainda assim capaz de denunciar o sotaque carioca de *esses* e vogais abertas, Lena ia se lembrando. Ela na janela, terminando de fumar um cigarro, enquanto aquele sujeito muito magro, com sorriso amarelado, embora de dentição perfeita, vinha em sua direção com a menina nos braços, *Posso ficar um pouco mais com a Manuela?* Lena riu da pergunta, já terminado o cigarro,

mas disse *pode, por favor*, a graça estava em como ele tratava sua filha de dois anos pelo nome inteiro, que soava tão adulto. Era a festa de segundo aniversário da confeitaria, e lá estavam: sobreloja com piso de madeira, as máquinas de costura guardadas, sofás e cadeiras reposicionados, um tapete púrpura felpudo e oval no centro, um tapete esverdeado na parede com tema de cavalos, três mesinhas redondas estilo cozinha americana com seus bancos altos preenchendo o resto do ambiente. A luz forte do teto havia sido coberta por um papel celofane marrom e mais quatro abajures, um em cada canto, completavam a iluminação de penumbra. Os tapetes, mesas e abajures foram emprestados ou alugados, conforme o trato feito com outros lojistas da cidade, todos negociados por Lena em pessoa, que não teve dificuldades em conseguir as peças e que, além destes elementos de decoração, também havia contratado as pessoas que iriam trabalhar na cozinha, incluindo a cozinheira da casa de baixo, que havia passado o fim da tarde montando canapés para a festa na cozinha dos patrões, já que a cozinha da confeitaria, um espaço comercial, era muito pequena. Oito lojistas de grifes próprias e franquias da cidade haviam sido convidados e três já estavam lá, percorrendo as araras com as criações de Lena que cobriam as paredes, muitas das peças emprestadas de antigas clientes especialmente para o evento. Tia Olma, que havia chegado do Rio direto para a festa, na companhia do cara magro – que devia ser uns bons quinze anos mais jovem mas que esbanjava algum tipo de intimidade especial com a veterana – chegou para Lena na janela e *Que orgulho, Maguinha, tá tudo tão lindo. Você é um sucesso.*

Era a primeira vez que Lena fazia um evento em nome de sua confeitaria, que agora tinha um nome, *Criações Pinel*, uma franca – e futuramente irônica – homenagem à tradição psiquiátrica da cidade. Na mesma época do ano anterior esteve mais envolvida com o aniversário de um ano de Mano, que mais ou menos regulava com a empresa. Na verdade, a decisão de quando viria a ser a *data de nascimento* da marca foi arbitrada, quando Lena decidiu que o acontecimento de sua primeira encomenda seria o marco. Eis porque a *Pinel Confeições* já começava com a festa de dois anos: no primeiro ano não havia nascido. Mano, por sua vez, não havia ganhado festa de segundo aniversário, pois a confeitaria absorvera a atenção possível de Lena, e Roberto, naquela época, estava fazendo muitas viagens para captação de fornecedores, já que os representantes que chegavam à sua porta não eram suficientes – situação rara. Naquele fim de tarde, por exemplo, ele estaria chegando de uma dessas viagens, para fazer uma presença no evento e também levar Mano para casa, mas ainda não havia aparecido. O único garçom contratado trouxe para Lena um copo de whisky com

gelo e um pouco de guaraná, como ela havia pedido. Ela tomou um gole e respondeu para Olma *Não sei, cê acha? Tá tudo muito improvisado, tô com medo de parecer meio pobre. Tem uma gente chique aí, né.* A tia, que fazia gestos para que o homem magro se aproximasse com Manu, respondeu de imediato *Bobagem! Aí é que você se engana! Justo essa cara de improvisação, de rústico, que é como tão dizendo, vai dar a entender pra esse povo que eles tão fazendo um super negócio encomendando suas peças! Vai por mim!*

Lena de fato notou como algumas pessoas olhavam com firmeza casacos e vestidos esticando-os nas mãos, e em seguida até pareciam sorridentes enquanto apontavam em volta o que devia ser um detalhe da decoração. Se pelo menos um terço dos lojistas convidados resultasse em clientes, sua pequena confecção varejista estaria com os dias contados para se transformar em uma fabriqueta com mais funcionárias, o que lhe garantiria, além de uma conta bancária mais movimentada, um visto para sua transição de costureira a modista.

Assim que Olma se afastou, Lena notou como o amigo magro, que agora tentava controlar o choro de Manu, apontava em sua direção, mostrando-a para um outro homem, que logo começou a caminhar para seu lado. Era um senhor com ar jovial, paletó e jeans, olhinhos azuis pequenos e sorriso de tabagista. Tinha em uma mão um copo de whisky, que pôs de lado para esticar diante de Lena a peça que trazia na outra mão, perguntando *Então foi você?*

Era um casaco com listras horizontais coloridas, gola decotada em V e cintura alta, inspirado num *D'ior* antigo de alguma revista. Lena disse *Isso, fui eu. Gostou?* E levou o copo à boca deixando o homem ver que ria, como se aquilo tivesse algo de piada, já que era interessante se apresentar como criadora das peças mas ao mesmo tempo um pouco ridículo, uma vez que, para um entendido, estaria claro, ela pensava, que não havia novidade alguma ali, que eram meras cópias. O homem pareceu entender o jogo de Lena, sua broma, pois ampliou o sorriso, revelando mais tons amarelos e marrons dos dentes laterais, fazendo que sim com a cabeça e dizendo seu nome, muito prazer, tinha três lojas em Juiz de Fora. Perguntou como Lena organizava a produção, se costumava atender sempre a pedidos por encomenda ou se já havia tido alguma experiência em manter estoque para pronta entrega. Ela disse que não, mas que se precisassem abastecer uma das lojas para o Natal ela saberia o endereço de cada ex-cliente para encomendar um grande assalto e reaver suas melhores peças. Ambos riram daquela piada no momento em que o garçom completava seus copos, ambos riram sabendo ser uma piada ruim e forçada mas funcional naquele momento, em que precisavam quebrar o gelo para definir que tipo de relação teriam, que tipo de comércio

fariam, quais transações. O homem, afinal, revelou-se um comerciante com sensibilidade para moda, dizendo o que achava das roupas *Pinel* após seu giro pela festa: que eram modelos inspirados na alta costura querendo entrar em mercados mais populares para serem consumidos por pessoas que não podiam pagar pela alta costura mas que tinham algum bom gosto e vontade de se vestir bem. Pareceu uma definição lisonjeira para Lena, que se sentia mais co-criadora que mera copista, e a ideia de *inspiração* calhava a seu propósito. Perguntou se o homem queria um tira-gosto e quis saber o que ele entendia por popular, *Porque isso de popular, não sei, parece que você nem fez uma proposta e já tá querendo jogar meus preços pra baixo*. Mais risadas, menos profissionais do que os papéis sugeririam.

A interação com o lojista de Juiz de Fora ao longo da noite serviu para que Lena se sentisse tranquila em relação às suas habilidades sociais de empreendedora, pois precisava estar atenta e soar interessante, ser atenciosa e gentil mas nunca submissa, ser esperta e nunca parecer desonesta. Sabia que precisava estar presente e suas próprias respostas espirituosas trouxeram-lhe a alegria do êxito e uma sensação de que o tempo passava rápido, com tudo correndo bem. O interesse do lojista em suas falas, sua aparente satisfação com sua companhia e suas eventuais cortesias, como a de ir pessoalmente atrás do garçom por mais bebida para ambos, fez também com que Lena se lembrasse de seu potencial sedutor, algumas pessoas já tendo considerado-a de uma beleza estonteante, Roberto inclusive, e ela que nunca explorara isso de fato, de caso pensado, talvez intuitivamente, mas isso não se sabe, ela que raramente levava esses elogios a sério, sempre tendo se achado tão comum no meio de primas e primos da colônia, todos tão parecidos se vistos de longe, se vistos em fotografias de família reunida que era como tiravam as fotos em seu tempo de tirar fotos com a família, e depois de ir para a cidade e perceber como algumas figuras baixavam a cabeça ou pareciam se maravilhar diante de seus traços italianescos, era mera consequência de se viver em um país racista, ela achava, uma vez havia escutado, mas não é que seu nariz podia ser mesmo interessante, e seus olhos e maxilar, afinal de contas, tão parecidos com os dessas páginas de Milão que voavam sobre sua mesa de costura.

Roberto entrou no salão justo no momento em que Manuela vivia seu ápice de desconforto, revelado pelo choro alto, quase desesperado, um pouco abafado pela música ambiente, mas ainda capaz de comover o pai que quis saber quem era aquele sujeito encarregado de embalar sua menina, e tia Olma logo disse *Esse é o Adalton, meu amigo do Rio. Tá tudo bem, Beto*. Lena notou essa movimentação desde a outra ponta e sentiu a

necessidade de participar da recepção do marido, de dar alguma satisfação, embora fosse ele quem estivesse atrasado para o que haviam combinado, mas justo naquele momento o lojista de paletó e jeans estava no clímax de um caso que envolvia clientes e fornecedores, prazos, alguns canos e um amigo preso por estelionato, e a Lena pareceu mais importante dar ouvidos àquela história do homem que parecia prometer ser uma grande relação comercial, no mínimo alguém que elevava sua autoestima, o que não era pouco, eis que Roberto, tendo atravessado toda a sala, Manu um pouco mais calma em seus braços, interrompeu-os com um boa noite contrariado na direção do sujeito, que nem precisou mais que a vermelhidão estampada no rosto de Roberto para entender que aquilo era um pedido de licença, e, tendo virado as costas, Lena foi fuzilada pelo olhar do marido que dizia *Porra*, a testa muito suada e a camisa social azul bebê manchada de graxa nas laterais, *Porra, Magda, porra, por que que o telefone tá fora do gancho, e por que que esse veado tá tomando conta da Manu pra você ficar aqui de paquera?!*

A dicção embolada de Lena comprometia alguns detalhes da história mas Giovana deve ter entendido que a festa de segundo aniversário da *Pinel* havia sido um sucesso, pois isso Lena contava com todas as letras. *A festa foi um sucesso. Ganhei muito dinheiro por causa dela. A gente ia fazer uma casa.* Seus braços agora repousavam tranquilos sobre as coxas, ela olhava direto nos olhos da psicóloga. Sorria.

7

Lena gostava de trabalhar nos fins de tarde em que a luz do sol perdurava após o expediente de sua costureira. Abria as janelas da confecção para que a mesa de corte se iluminasse de viés, refletindo cada fiapo pousado no tecido ou cada ruga sob o papel do molde. Faria um vestido. Um modelo de verão, como o que vira na garota do Fantástico. Não tinha fotos, mas se lembrava: cinturado, barra alta, decote oval. Para a parte da frente, adaptou um desenho da *Faça-Fácil*; para as costas, fez seu próprio traçado, com amarras transversais e quase nenhum pano, no que imaginara ser um avental com saia. Havia escolhido uma cambraia sintética preta e florida, para fazer presença e balançar com o vento. Terminava de alinhar no pano os seus moldes rosados quando ouviu o que não identificou se um

murmúrio ou um pigarro. Colocou um por um os alfinetes sobre mesa para checar a cozinha. Em seguida, desistiu – não havia de ser nada.

Aquele não era um vestido de encomenda. Lena encarregava a costureira de todas as peças que já tivessem sido fabricadas ao menos uma vez – ou seja, as repetidas – e essas correspondiam à maioria das vendas. O que fazia nesses fins de tarde era consolidar na rotina o seu momento de invenção, de exploração das técnicas, de imersão no trabalho. Fazia-o pelo prazer de estar ali e para ver no que daria. Era um experimento.

Contrariando o que aprendera sobre aquele sintético, traçou seu modelo em linhas diagonais às extremidades do pano, supondo que daria um caimento mais leve ao vestido. Vista de cima, sua mesa era como o cenário da reconstituição policial de um crime, com os traçados de giz parecendo a silhueta do corpo, as flores vermelhas pontos de sangue, os alfinetes estilhaços, e, a tesoura, a arma. Lena sentiu um calafrio subindo das costas à nuca e soltou a régua de madeira, apoiando-se sobre as mãos espalmadas. Fechou os olhos. *Que graça, isso aí*, escutou. Agora era o intestino que respondia aos ouvidos com um princípio de flatulência. Resolveu caminhar até a cozinha, não porque ainda pensasse ser lá a origem da voz que a ironizava ou que elogiava seu trabalho, mas porque beber alguma coisa era um impulso. Andou alguns passos, destapou a moringa, serviu água. *Você olha pra ela e vê uma boneca lambuzada de óleo*. Lena apertou o copo, provando um taquicardia nem tanto de medo mas por desaforo daquele timbre conhecido, feito uma telefonista em chamada internacional, e apertou também os olhos lembrando da filha, Manu, de suas primeiras imagens com a cara lambuzada de parto, que era a isso que a voz se referia.

Voltou para o salão, empurrou a mesa da máquina de costura para perto da janela, onde ainda havia luz. Tirou da bolsa uma calça de Roberto para acertar. Havia esquecido de entregá-la à costureira e perdera a vontade de mexer com o vestido. Virou a peça do avesso, traçou de giz o ponto da bainha e rompeu os jeans com a tesoura. *Magda, Magda... trabalhando até tarde, que beleza*. Vinha da janela, dessa vez, outra voz. Lena não deu atenção. A concentração no trabalho ao menos blindava-a das reviravoltas no estômago. Cortou a extremidade da barra e começou a retirar a linha, pensando se teria aquela mesma cor para tentar reproduzir o aspecto original. Roberto talvez não reparasse, mas para ela era um exercício de capricho. Tirou da gaveta direita o tom mais próximo ao dourado, e da esquerda a segunda agulha mais grossa do pente. Ajeitou a máquina sem a base frontal, para um ponto circular. Sentiu cheiro de carne ensopada, possível que pescoço de peru com

batatas, vindo da vizinha de baixo. *Magda!* A voz da janela agora era abafada pelo motor da máquina de costura. Suas mãos deslizavam no ritmo do entra e sai da agulha até fechar a volta. Precisava encerar o piso e essa lembrança fê-la torcer o nariz, como sua avó materna quando ouvia chiados no rádio. Terminou uma das pernas. Revirou a calça por dentro pousando-a de lado, contra a luz: ficou bom. Tarefas elementares de costura traziam alguma ordenação quando se sentia ameaçada. Ela sabia que naquela noite alguém tentaria algo contra sua vida. Tinha ali duas tesouras, agulhas, podia empurrar a mesa de corte para tapar a entrada, a porta estava trancada. Roberto não podia fazer nada. Ele estava com a menina e isso bastava.

Ajeitou-se na cadeira. Respirou mais fundo. Devia ter cortado as duas pernas de uma vez, pensou, pois a outra não tinha a marca de alfinete. *Você é má.* A voz da telefonista ecoava. *Sabe por que ela é assim, sabe? Porque você é má, Lena.*

– VAI TOMAR NO SEU CU!!!

Depois de se dar conta da reverberação do grito entre as paredes da confecção, Lena sentiu o arranhão na garganta que a reação lhe causara. Virou-se para a janela em busca de ar e notou a vizinha de baixo olhando-a desde o quintal, branca, de pé, uma caçarola entre as mãos, olhos arregalados. A mulher fingiu não ser com ela e caminhou para fora de seu campo de visão.

8

O derradeiro encontro com o médico foi marcado pela ausência de Haldol, o antipsicótico que deixava os reflexos das mulheres feito os de bichos-preguiça. Na última semana alternaram o tratamento para um medicamento novo. Lena respondia as perguntas com senso de encadeamento, mostrando que sua lógica mental operava de forma inteligível, o que possibilitava conversas que demandassem memórias de curto e longo prazo, explicações, suposições. O psiquiatra dessa vez vestia branco, embora fosse apenas um guarda-pó com o emblema da clínica, deixando transparecer linhas horizontais de um suéter por baixo. Lena apontou para o conjunto e perguntou de surpresa *Você compra todas suas roupas em loja ou manda fazer*, o que o fez recuar um pouco de sua mesa de ferro, subindo uma das sobancelhas com um meio sorriso. *Já mandei fazer algumas, mas perdi o hábito. Não*

ficaram boas. Ela aquiesceu com a cabeça. *Você gosta bem do seu trabalho com as roupas, não,* ele perguntou, talvez apenas para evitar a inversão de papéis que se esboçara, e ela seguiu fazendo que sim, dessa vez como se respondesse algo sem importância, já que haviam há pouco tocado no assunto. Ele havia pedido uma situação em que ouvira vozes e ela contou do dia envolvendo a vizinha de baixo com quem nunca mais voltou a falar, comentando depois sobre a quantidade de vendas que teve seu vestido de verão. Em meio a essas trivialidades o médico olhava seu prontuário e fazia anotações que consumiam o grafite com ruídos secos, interrompendo o contato. Lena não se importava. Se habituava a ser analisada. Ora ele, ora Giovana, ora a enfermeira. Mesmo Karen tinha manias perscrutadoras. Agora chegava a se sentir como cliente, querendo entender seu transtorno, evitar que os constrangimentos e dissabores se repetissem. O psiquiatra explicou que talvez ela precisasse tomar remédios para sempre, para controlar sua química cerebral, o que lhe soou como carregar por anos um presídio dentro da bolsa. Não pensava tanto, porém, nos anos vindouros, senão nos próximos dias. Supunha que teria alta. O médico tinha algo de menos apreensivo. Lena lembrou de clientes que seguiam fazendo perguntas sobre detalhes dos tecidos ou da costura apenas por perguntar, pois pelo tipo de atenção que davam às peças já se podia ter certeza que iriam comprar. Agora ele perguntava pormenores que parecia querer saber por curiosidade, se ia abrir uma loja, se tinha outros casos como o dela na família. Ela achava que sim. Ele disse então que a havia achado triste na Festa das Flores, e ela subiu o lábio inferior como se dissesse *pois é.*

A celebração havia acontecido no dia anterior. As pacientes sem limitações motoras ajudaram a carregar a mesa de refeições para o quintal e a diretora da clínica trouxe uma toalha xadrez para cobri-la. Expuseram os docinhos e as tortas, mais alguns quitutes salgados que ninguém se lembrava de ter visto sendo preparados. A música começou logo cedo, uma situação inédita na clínica.

No muro ao fundo, a contribuição de Lena: uma faixa de boas vindas aos convidados. Era um lençol com letras de pano pregadas, cada uma formada pela junção de vários retalhos. Ela dizia ser um *patchwork* e demorou que autorizassem-na a produzi-lo. Por fim, não liberaram agulha e linha, e Lena teve de improvisar com um grampeador de escritório.

Todos os visitantes entraram ao mesmo tempo, às dez da manhã do domingo de tempo aberto, levando bolsas e sacolas. O único de mãos limpas era Roberto, que demorou um tempo a encontrá-la assentada na terra debaixo de uma árvore, fumando.

– Manu não veio – ela constatou, olhando para o marido.

Roberto ergueu os ombros e as duas palmas para cima, com cara de *Não é mesmo*, e estendeu uma das mãos para ajudá-la a levantar. Se abraçaram.

O psiquiatra havia visto de longe essa interação quando chegou. Comentou com Lena que seu marido parecia atencioso. Ela seguia assentada na cadeira, pernas cruzadas, fazendo que sim com a cabeça. Não olhava para o médico, como se estivesse preparando outra fala ou como se capturada por uma lembrança. Ele pigarreou e deu uma olhada rápida em seu relógio de pulso, uma indelicadeza que Giovana não cometeria, e, soltando o prontuário e dirigindo cada palavra a Lena, perguntou *Como estão suas lembranças mais recentes*, ela no mesmo instante encarou-o, ele recuou na cadeira, buscou o lápis mas soltou em seguida, perguntou *Você quer falar da última vez que viu Manuela?* Lena respondeu sem alterar a expressão *Que te contaram?* Ele ponderou girando a cabeça, piscou duas vezes, olhou para a mesa e, voltando-se para ela, *Por acaso era meu plantão quando você chegou, então ouvi uma história de briga. Mas o que interessa pra gente é o que você queira falar. Nas duas últimas conversas você deu a impressão de querer tocar no assunto, e desistiu.* Ela perguntou se podia sair para fumar um cigarro. Ele levantou, serviu um copo de água, disse que estavam um pouco apertados de tempo, ofereceu água a Lena. *Mas pode falar com calma, se quiser.*

Ela aceitou.

9

Cozinhar na panela de pressão era a rotina dos domingos que ajudava Lena a pensar. O bico feito maria-fumaça abafava o som da televisão vaporizando perfume de alho e cúrcuma, esquentando a cozinha e umedecendo o entorno do fogão. Lena bebericava seu whisky segurando o copo com as duas mãos e observando como as gotículas se formavam no vidro pelo lado de fora, contraste entre o calor da panela e três pedras de gelo ao fundo. *Mãe.* Pensava na sequência de dissabores que experimentou desde a saída da casa de seus pais até a abertura da confecção. Um espaço de quase dez anos em que deixou de ser menina magrinha da roça para ser empresária da cidade, por cima comerciante, esposa e modista. *Mãe!* A transformação teve seu custo, pensava, um custo cumulativo, como dizia um dos clientes, o lojista de Juiz de Fora. Ela sentia um acúmulo de problemas e temia não conseguir lidar com

todos ao mesmo tempo. Começava a pensar em limites, em como administrá-los. Mas como administrá-los, se o impacto paralisava-a, deixando-a de pele fria, com voz feita murmúrio – as vozes, o casamento e a empresa ameaçando a esquina de sua paz. Lena fechava os olhos, sugava whisky, respirava gelo, mãos firmes, tranquilidade, ainda que com minutos contados.

– Mãe! O pai tá te chamando!

Manuela arrancou-a da fuga com seu recado estridente. Lena virou-se para a filha, olhos abertos, ao mesmo tempo em que abaixava o copo, metendo-o atrás da cintura. Passou os dedos por entre os cabelos da menina, Manu olhava-a de volta, um ursinho no colo. Lena repetiu o carinho. *Já vou lá. Brigada.*

Tinham pendências que conversar. Dias antes Roberto perguntou se ela já havia pensado em separação. Sim, faria bem, quis responder, mas não era assim. Foram anos, quase dez, em que souberam viver sem que o fantasma da mesquinharia aparecesse. Não era pouco. Caminhou a passos largos em direção ao banheiro, reparando pela terceira vez naquele dia como as samambaias da copa precisavam de mais água; ia molhá-las, mas depois. Se ao menos tivesse sido há cinco anos, Roberto, quando Manu não existia e os dois estavam indo bem. Agora havia planos de construir casa, guardar dinheiro, desenhos. Havia tempos que não falavam da construção – desde o episódio das janelas quebradas, supunha. Trancou por dentro o banheiro e dependurou o avental por cima de uma toalha. Abriu a torneira e se deixou apreciando o fluxo da água, a espuma, o som. Agora era dona de um negócio, mãe de uma menina de quatro anos e ouvia pessoas que falavam só para ela. Ia ter de lidar com isso sozinha. Preferia lidar com isso sozinha?

A pergunta de Roberto sobre divórcio não surpreendeu-a. Ambos haviam se transformado ao longo dos anos. Ele perdera o olhar de cachorro boxer que corre para o amanhã como se visse seu dono chamando para brincar; substituiu-o pela gravidade e calculismo de homem que tranca segredos na gaveta. Talvez ele não tivesse segredos que trancar, mas aprendeu que há um charme em aparentar tê-los. E Lena não estava interessada nisso.

Sua própria mudança, por sinal, passou por deixar de correr lado a lado com o boxer. Às vezes ultrapassava-o, às vezes queria estacar, quem sabe uma pausa na correria para explorar uma montanha ali ao lado. O brilho de sua admiração centrava-se cada vez mais em si mesma, o que poderia ter sido uma perda para o marido. Ela queria poder correr atrás de seu próprio rabo, que mal havia nisso. Ouviu uma batida na porta. *Você olha pra ela e vê um*

emplastro, ouviu também. Um calafrio. Lena apertou os olhos, levantou a cabeça, sorriu de boca fechada. Virou o resto do whisky, deixando que as pedras de gelo bloqueassem suas narinas. Fechou a torneira, destrancou a porta. Antes de sair, guardou o copo na lixeira sobre um monte de papéis higiênicos.

10

Sentia não ser aquele o melhor momento para a conversa. Ela agora tinha uma panela no fogão, duas doses na cabeça e acabara de escutar um desaforo, outro sobre a filha, e nem podia desabafar a respeito, que passaria por doida ou por frágil. Chegou à sala, postou-se entre Roberto e a televisão, esperando.

Ele demorou um instante a reagir. Então se aprumou no sofá, tirou da mesa de centro a garrafa de *Malte 90* que bebia, fez um gesto para que Lena se assentasse na poltrona ao lado e, como Manu vinha entrando, falou com a menina que fosse brincar no quarto, mas antes apagasse a televisão, por favor. A formalidade estava posta.

Roberto tinha os dedos das mãos entrelaçados sobre o colo e olhava para o rosto de Lena. Ela fechou os olhos, deixou o corpo escorrer pelo estofado e pôs uma perna sobre a mesa. Respirou fundo, disse que não tinha o que falar naquele momento. Roberto perguntou *Mas você pensou sobre o assunto*. Sim, ela havia pensado, como um tema secundário que era, em sua ordem de prioridades. Queria pedir a Roberto que lhe explicasse seus motivos e dizer que para ela o momento não era bom. Balbuciou algo para começar, mas os sons não chegaram a formar palavras. Roberto inclinou o corpo em sua direção. Lena então sentiu uma aproximação, um calor sem som, apenas uma presença, e seu corpo estremeceu num arrepio de dentro para fora, um susto. Virou-se para trás e viu as cortinas brancas translúcidas nas janelas, chovia fino lá fora, não havia ninguém. Roberto estava de pé perguntando o que foi e ela queria poder dizer não foi nada, mas ficou em silêncio, as unhas cravadas nos braços da poltrona.

Ele se assentou de novo. Lena relaxou os dedos, ajeitou a coluna, ergueu o queixo na direção do marido e levantou os cantos dos lábios no que não chegou a ser um sorriso. A conversa havia se transformado. Sentia o rosto tomado de lágrimas, não sabia quando haviam brotado. Roberto olhava-a com uma sobrancelha alta. Lena sentia tremores nas pálpebras e

um zumbido na cabeça. *Que filho da puta, esse cara*, ela ouviu. Seu corpo não reagiu, tampouco sua expressão. Apenas sussurrou *Que filho da puta*, materializando o que vinha em sua cabeça, fazendo com que a expressão de Roberto fosse da comiseração à perplexidade. Ele agitava o rosto querendo explicações. Mas Lena não podia, não queria explicar – estava relaxando.

Manuela apareceu na porta da sala. Chamou pelo pai e ignorou a ordem do homem para que voltasse ao quarto. Lena virou-se para a menina e disse *Traz meu copo pra mim*. A menina manteve-se no mesmo lugar e disse mais uma vez *Pai!*, fazendo com que Roberto elevasse a voz para responder *Agora não, Manuela!*

Lena acendeu um cigarro que estava na mesinha de centro, atraindo a atenção de Roberto como se tivesse acabado de estilhaçar um copo. Não costumava fumar em casa. Ela tragou sem olhar de volta e colocou no cinzeiro o cigarro ainda aceso. Na terceira vez que Manuela chamou pelo pai, Lena interrompeu-a gritando *Sai!* e a menina correu para o quarto.

A cabeça de Lena latejava e ela sentia o palpitar do coração golpeando a base do pescoço. Os zumbidos aumentavam. Roberto havia levantado e corrido até a porta da sala de onde Manu debandara, mas parou por ali, olhando para a mulher, arfando, ombros e peito em movimento. Havia uma coluna trêmula de fumaça entre eles, subindo do cinzeiro. Roberto disse algo que Lena não chegou a entender. Ela afundou no sofá. De repente experimentava um alívio por não estar mais ali para aquela conversa que não queria ter. *Você é má*, disse a telefonista. Lena sorriu olhando para baixo. Mal notou Roberto saindo da sala pisando forte as tábuas e retornando depois com sua garrafa de whisky nas mãos, balançando-a, a garrafa que havia ficado escondida no armário de panelas. Roberto bradava insultos, Lena distinguiu a palavra doida, agora sim. A garrafa voou para o chão, afofou-se no tapete. Lena não ligou. Apenas quis comentar algo sobre a violência mas as palavras custavam a sair de sua boca, que parecia salivar demais, apesar da sede que sentia. A fumaça persistia no ambiente.

Você olha pra ela e vê uma foca morta. Ela não é sua filha. Lena escutava dessa voz metálica com nitidez enquanto da sala apenas enxergava Roberto mexendo os lábios, gesticulando com os braços, apontando para a porta da sala. *Você olha pra ela e vê uma foca morta.* Lena concentrou-se e disse *Quem é você.* Não ouviu resposta. Apenas notou Roberto parando os braços, se aproximando. Ele agora olhava-a de perto. *Quem é você,* Lena repetiu, *eu não te conheço.* Distinguiu a pele do rosto de Roberto se contraindo, sua expressão pálida, e divertiu-se com isso. Soltou uma risada que podia ser um soluço. Roberto se afastou mais

uma vez em direção à porta. Lena escorregou o corpo para alcançar no chão o whisky. Destampou-o e bebeu um gole no gargalo, sentindo a queimação do líquido na garganta e em seguida um solavanco – era Roberto puxando a garrafa. O movimento deixou-os frente à frente. Manuela gritava da porta. *Você olha pra ela e vê uma foca. Ela não é sua filha.* Lena expulsou um pouco de saliva da boca e repetiu *Eu não te conheço. Ela não é sua filha.* Roberto agarrou-a pelas orelhas e cabelos, sacudiu-a e soltou-a contra o sofá. A garrafa escorreu em seu colo. Manu gritava da porta, seus berros direto aos ouvidos de Lena, impulsionando o latejar de sua cabeça. Lena virou mais um gole. Manuela seguia em desespero. Roberto andava de um lado para o outro. Lena queria que ele tirasse a criança dali. *Você é má. Ela não é sua filha. Olha pra ela e vê uma foca.* Manu gritava *Pai* com toda a força. Ele não respondia. Lena virou a garrafa e dessa vez deixou o whisky escorrer pela garganta como se quisesse beber até o fim. Roberto avançou em sua direção para impedi-la. Lena tentou segurar a garrafa e a disputa fez com que ela fosse arrancada e seu corpo arremessado de volta à poltrona, batendo a cabeça. *Que filho da puta, esse cara.* Manuela chamou *Pai* e dessa vez alongou o grito com o agudo mais estridente que podia. Lena sentiu como um tapa na testa, a cabeça latejando em resposta, avançou até a mesinha de centro, pegou o cinzeiro de vidro e arremessou-o contra a menina.

Depois do ruído seco, sentiu um vulto em sua direção.

Quando acordou, engatinhou até a porta da sala e encontrou a parede espirrada de púrpura.

6. Trajetória de escrita da Parte II

Para a caracterização de Magda na Parte II – Lena, 1989, pesquisei diversas patologias psiquiátricas, seus sintomas e tratamentos. Já sabia, em linhas gerais, do que se tratava: um transtorno psicótico que, no fim dos anos oitenta, não teria um diagnóstico preciso. Ainda assim era importante entender causas e sintomas para não cometer deslizes quanto à verossimilhança. Mesmo não havendo a intenção de rotular a condição de Magda com patologias ao longo da trama, como autor eu gostaria de entendê-la mais a fundo, para ter segurança sobre as sutilezas de sua expressão.

Já era uma preocupação narrativa o fato de que alguém em condição clínica grave perca boa parte de seu potencial dramático por se encontrar em estado de ações limitadas. A solução que me propus para isso foi tentar diluir a aparição dos sintomas de suas crises psicóticas em situações previamente carregadas pelo conflito principal. No tempo em que se desenrola a Parte II, este conflito poderia ser apontado como a dificuldade de Magda em conjugar sua trajetória familiar com suas aspirações de empreendedorismo e autonomia. As incertezas provocadas por questionamentos existenciais de uma dona de casa da segunda metade do século XX chegam a ser um lugar comum, dada a quantidade de aparições desta figura no cinema e literatura⁴. Com isso, pensei que a mescla entre um dilema típico de pessoas de sua geração e a doença poderia não apenas conferir mais especificidade a Magda, como também mais força a seu drama pessoal.

No capítulo 3 há uma cena em que ela levanta de sua cama para atender Manuela, sua filha, que chorava à noite. Durante o percurso, se deixa distrair por uma série de coisas que de alguma forma simbolizavam o estado atual de sua vida: o berço, enfeites pendurados e a bagunça do quarto repleto de aparatos infantis. Sua distração leva a uma pequena discussão com o marido, que surge cobrando postura mais condizente com sua condição de mãe. Esta cena, embora precedida por um sumário de questões médicas, não traz em si um sintoma de transtorno mental evidente. A intenção era de que ela servisse como preparação para a aparição da psicose, para evitar uma interpretação segundo a qual a personagem levava uma vida emocionalmente estável quando, de repente, começa a ter alucinações – o que não era o caso.

4 Apenas a título de ilustração, podemos mencionar *Thelma & Louise*, *Marcas de Nascimento*, *El tiempo entre costuras*, *As horas*, *A Casa dos Espíritos*, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* etc, sem contar os clássicos *Anna Karenina* e *Madame Bovary*, já que nosso recorte foi século XX.

A inclusão desta “fase mista”, um momento em que não há menção direta ao elemento mais grave – no caso, o surto psicótico – mas pode deixar o leitor na dúvida ou, ao menos, prepará-lo para quando o elemento maior aparecer, foi uma opção técnica. “If a major event in the novel is so surprising that the reader may have difficulty believing it, include a similar but much smaller incident earlier on”⁵ Não que um quadro psicótico seja um evento surpreendente ou difícil de acreditar. Pelo contrário: estima-se que pelo menos 1% da população mundial sofra de esquizofrenia⁶, sem contar as outras variantes da doença. No entanto, sendo também seus sintomas uma espécie de lugar comum em obras de ficção, preocupei-me em não introduzi-los nas primeiras cenas, pois a sensação de clichê poderia deixar o texto tedioso e esvaziar o conflito real – que, como dito, não se trata da questão clínica.

Por outro lado, tomadas as precauções para evitar maus-entendidos – nem sempre tão previsíveis – na caracterização da personagem, agora dez anos mais jovem que na primeira parte da história e mais próxima de se aproximar daquele que seria o *plotpoint* de sua vida – era necessário atacar com a chegada de seus surtos e com as transformações de seu cotidiano que eles aceleram.

Psychosis is a loss of contact with reality as most people experience it. The most common symptoms of psychosis are hallucinations and delusions. Hallucinations can be visual, tactile, or auditory, but “hearing voices” is most common. Delusions are strong and often strange ideas that go against cultural norms and are not supported by reality.⁷

Magda vivencia ambos os sintomas, embora suas alucinações auditivas tenham sido o cerne de suas crises, que a deixaram em um estado de confusão mental propício para os delírios. O capítulo 7 nos permite acompanhar um evento comum de sua vida marcado por alucinações, uma tarde em que se concentrava no trabalho, na confecção de um vestido, e pouco a pouco começa a ouvir e identificar vozes falando consigo. Magda abandona seu

5 HALL, Rayne *How to Make the Plot Plausible* in **Writing Vivid Plots** Londres: Edição do Kindle, 2016 “Se um evento central na novela é tão surpreendente que o leitor possa ter dificuldade em acreditar, inclua mais cedo um incidente similar, porém muito menor” (tradução livre)

6 SARTORIUS N, JABLENSKY A, KORTEN A, ERNBERG G, ANKER M, COOPER JE, DAY R. *Early manifestations and first-contact incidence of schizophrenia in different cultures*. Psychol Med. 1986; 16:909-28.

7 KAUFMAN, Carolyn. **The Writer's Guide to Psychology**: How to Write Accurately about Psychological Disorders, Clinical Treatment and Human Behavior (Locais do Kindle 365-367). Linden Publishing. Edição do Kindle. “Psicose é a perda de contato com a realidade como a maioria das pessoas a experiencia. Os sintomas mais comuns de psicose são alucinações e delírios. Alucinações podem ser visuais, tácteis ou auditivas, mas 'ouvir vozes' é a mais comum. Delírios são fortes e frequentemente estranhas ideias que vão de encontro às normas culturais e não são respaldados pela realidade” (tradução livre)

trabalho criativo, entrega-se a uma atividade mais mecânica e, ainda assim, acaba sucumbindo ao dissabor de ter que reagir a algo que fere sua própria noção de realidade. Por fim, sua reação gera um pequeno problema de relacionamento com a vizinha, pista da enormidade de problemas do gênero que seu quadro viria a acarretar⁸. A tentativa nesta cena foi criar um quadro realista⁹ do surto que apontasse para diversas relações que Magda teria a perder, no presente e no futuro.

Esta reflexão a respeito dos “elementos em jogo” é o ponto central da Parte II, no que diz respeito à função de conferir mais sentido e substância à Parte I. Embora possuam sua autonomia narrativa, as partes se correlacionam, não apenas por comporem a mesma obra, mas por tratarem da mesma personagem. Acompanhando Magda – ou Lena, como passa a preferir ser chamada – em 1989, contamos com mais informação para ressignificar sua postura de vida dez anos mais tarde. É certo que a impressão causada por uma personagem possivelmente esteja ligada mais à experiência de leitura que à de escrita. Contudo, o planejamento da Magda de 1999 em meu caderno de anotações continha as seguintes linhas gerais: pessoa reservada, sobrevivente, problemas com álcool, pistas de alguma doença crônica. E as questões práticas do momento: pleitear ou não a guarda de Marcos e Manuela, entrar ou não em um relacionamento afetivo, apostar na carreira de vendas ou permitir-se uma nova mudança.

A profissão de Magda foi algo em questão para sua curva dramática. Sabendo de seu talento e gosto para o corte e costura, colocá-la para trabalhar como vendedora de aparatos de iluminação na Parte I foi um experimento de sua capacidade de transformação e um grifo sobre as perdas que colecionamos na vida, a respeito das quais às vezes só podemos nos resignar. “The mental disorganization schizophrenia creates makes it difficult for people with schizophrenia to produce effective creative works.”¹⁰ Mais uma vez, mesmo agora não afirmo que fosse esquizofrenia a doença de Magda, já que em momento algum da história ela chega a

8 No capítulo 2, flashback de uma conversa com Roberto, Magda toma ciência do quanto suas crises poderiam ser constrangedoras para os convivas.

9 “In fact, about 75 percent of people with schizophrenia hear voices. The individual hears the voices out loud, typically at a normal spoken level. It’s not unusual for some of the voices to “belong to” someone the person knows. Usually, the voices make paranoid remarks or attack the person who hears them, but once in a while they may be helpful or kind.” KAUFMAN, Carolyn. *Idem* (Locais do Kindle 1855-1857) “De fato, cerca de 75% das pessoas com esquizofrenia escutam vozes. O indivíduo as ouve mesmo, tipicamente na altura padrão da voz falada. Não é raro que as vozes 'pertencam' a alguém que a pessoa conheça. Usualmente, as vozes fazem observações paranoicas ou atacam a pessoa que as escuta, mas de vez em quando podem ser prestativas ou gentis” (tradução livre)

10 KAUFMAN, Carolyn *Idem*. (Locais do Kindle 1636) “A desorganização mental que a esquizofrenia cria torna difícil às pessoas com esquizofrenia produzir efetivos trabalhos criativos” (Tradução livre)

receber este diagnóstico, embora fosse uma aposta provável por seus sintomas. Caso este transtorno se confirmasse, seu fardo envolveria uma jornada longa, talvez vitalícia, sob efeito de remédios controlados e desorganização mental, o que comprometeria sua vida profissional e afetiva, como ela a entendia até então. Contudo, estamos, na Parte II, acompanhando Magda no momento em que o problema está apenas surgindo.

Quis deixar algumas possibilidades em aberto mostrando ao invés de relatar¹¹, inclusive para explorar esta dificuldade que é para os portadores de transtornos mentais, e também para seus familiares, entenderem o que está se passando. Ao introduzir elementos que poderiam apontar tanto para um quadro de psicose quanto para uma depressão leve ou mesmo puro cansaço, deixei com que a incerteza entrasse na história como um de seus catalisadores, já que, ao contrário do esperado de uma convalescença de doença rotulada, situações de descontrole e insegurança poderiam render movimento à trama. Seus lapsos de memória, como aquele descoberto na já mencionada conversa com Roberto, suas maratonas de arrumação doméstica, sua discreta porém crescente compulsão ao consumo de bebidas alcoólicas, todos estes traços são marcas do momento grave que vivia, mas poderiam ter raiz em mais de uma causa. No mínimo, se tomados apenas como sintomas, a patologia poderia ser mais de uma. Por isso foram escolhidos para compor as cenas.

Se pensarmos que, dez anos mais tarde, Magda estaria vivendo de forma independente, livre de surtos, de atenção especializada e sem medicação controlada, refazendo seu cotidiano profissional e afetivo, tenderemos a concluir que as possibilidades de seu quadro clínico se reduzem. O mais provável é que não sofresse de esquizofrenia, considerando a “normalidade” de sua vida em 1999 e o raro índice de enfrentamento exitoso da doença¹². Restam outras variantes da psicose¹³, verossímeis para a narrativa¹⁴, mas não

11 Várias decisões partiram da leitura de obras que abordam a Escrita Criativa do ponto de vista técnico. “While converting telling to showing, see if there is a way you can leave an element of ambiguity, of mystery, a door open for readers to come to their own conclusions.” LUKEMAN, Noah. **The First Five Pages: A Writer's Guide to Staying Out of the Rejection Pile** (Locais do Kindle: 1416). Robert Hale Publishing, 2000. Edição do Kindle. “Ao substituir o contar pelo mostrar, veja se há uma forma de deixar um elemento de ambiguidade, de mistério, uma porta aberta para que os leitores possam chegar às suas próprias conclusões.” (Tradução livre)

12 “Schizophrenia is considered by many experts to be the most crippling mental illness. It is not curable, and few if any sufferers ever recover full functionality.” KAUFMAN, Carolyn. *Idem.* (Locais do Kindle 1927-1928). “Esquizofrenia é considerada por diversos especialistas a mais incapacitante das doenças mentais. Não tem cura, e poucos de seus portadores, se é que os há, recuperam sua total funcionalidade” (Tradução livre)

13 Estou usando o termo “psicose” como um guarda-chuva que abriga todas as doenças que envolvem surtos psicóticos, sendo esquizofrenia uma delas. Em linhas gerais, psicose é um termo amplo, relacionado a transtornos mentais com sintomas em comum. “There is some debate about just how inclusive the word psychotic should be, but all definitions agree that psychosis includes a loss of contact with reality, as in the case of hallucinations or delusions.” KAUFMAN, Carolyn. *Idem.* (Locais do Kindle 1852-1853)

14 Outras possibilidades para o caso de Lena/Magda listadas no Código Internacional de Doenças – Cid-10:

muito animadoras para Magda, que seguiria convivendo com a desgastante possibilidade de passar por um novo episódio de surto a cada vez que se expusesse a um dos gatilhos, como uma situação de estresse agudo ou um porre ocasional. Mas pouco importa o que fosse, de fato, já que a própria personagem não viria a saber.

A escolha da clínica psiquiátrica como cenário principal da Parte II ocorreu nos primeiros momentos da concepção da personagem: ela representaria uma curva notável em sua história de vida¹⁵. Boa parte dos personagens principais de diversas histórias tiveram em algum momento um tipo de comportamento, digamos, fora da curva. Mas uma patologia é diferente de um desequilíbrio eventual, ou de problemas causados por um traço forte de personalidade. Mesmo dentro da classificação médica para transtornos de saúde mental há uma distinção de gênero entre o que seria uma doença passível de ser tratada intensivamente e o que seria um desvio de personalidade¹⁶. É certo que, como quase tudo que envolva a relação entre personalidade, psicologia e química cerebral, os limites são tênues e muitas vezes de difícil demarcação. Essa imprecisão na identificação do problema foi refletida em Magda e em sua história pregressa. Embora a Parte III se comprometa a tratar da adolescência da personagem e fornecer alguma noção da trajetória que a levou até ali, à altura da Parte II dispomos de pouca – quase nenhuma – informação a respeito das conexões de Magda que vão além de suas relações com Roberto e Manuela. E estas relações andam problemáticas, como se já não bastassem as alucinações que passam a atormentá-la. Todo este quadro coloca Magda em uma situação frágil e põe em xeque suas possibilidades de defesa, o que acaba

Transtorno Esquizofreniforme (sintomas semelhantes ao da esquizofrenia, porém de duração inferior a seis meses), Breve Transtorno Psicótico (semelhante ao anterior, mas durando cerca de um mês), Transtorno Esquizoafetivo (uma combinação de depressão ou transtorno bipolar – ou transtorno maniaco-depressivo, como era chamado à época da internação de Lena – com alguma das variantes psicóticas). Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f20_f29.htm>. Acesso em: 25 nov. 2017.

15 A propósito de ser uma clínica particular e não um grande hospital psiquiátrico, como esboçado no projeto, foi uma decisão literária relacionada ao foco. Seria improvável conseguir concentrar a atenção nas nuances de recuperação de Magda estando ela em um ambiente por si capaz de roubar a cena, dadas as condições precárias destas instituições nos anos 80 e 90 – sobretudo se consideradas as primeiras impressões que suscitam no imaginário das pessoas. Barbacena, cidade onde se passa a Parte II, possuía à época um desses enormes hospitais, o Colônia, tema do livro *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, cujo título transmite um pouco do que quero dizer. Para a narrativa, seria problemático passar por um Hospital Colônia sem dar espaço às suas especificidades, como acontece por exemplo no filme *Bicho de Sete Cabeças*, ou, também possível, mas não sendo parte do tema do livro: tentando desfazer preconceitos a respeito destes lugares.

16 Refiro-me ao DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, que organiza o diagnóstico de um paciente sob diversos aspectos de sua vida, dentro de um sistema “multiaxial”, dividido em cinco categorias, as AXIS. Grosso modo, as doenças a serem tratadas com medicação ou qualquer esforço terapêutico, como transtornos psicóticos, de ansiedade ou alimentares, compõem o campo AXIS I, enquanto os traços fortes ou desvios de personalidade, como avareza extrema, agressividade injustificada ou pensamento paranoico entram no AXIS II, e geralmente acompanham a pessoa por toda a vida. Disponível em: <http://www.psyweb.com/DSM_IV/jsp/Axis_II.jsp>. Acesso em: 27 nov. 2017

culminando em internação.

Whether your character is dealing with a “normal” problem or a diagnosable disorder, it is possible for her to get well without visiting a therapist. If she gets plenty of support from people who are close to her, if the situation that’s causing the problem changes, or if she’s dealt successfully with a similar problem in the past, she may not need a therapist.¹⁷

Quanto às vozes que passam a atormentar Magda, o texto sugere tratar-se de situação inédita. Quanto ao suporte familiar, temos o caso da personagem “caindo no vazio”, pois é justamente da incerteza destas relações que aparece seu conflito – o conflito que não está ligado à doença, mas que acaba criando terreno para que Magda sucumba a ela, e acabe na clínica.

O episódio final tenta colocar em cena os ingredientes de seu tormento. Ali estão presentes as vozes, elemento concreto de seu sofrimento íntimo, que não poderia dividir com ninguém; há o marido reiterando seu plano de divórcio em um momento pouco conveniente para a mulher; e há a filha, em quem projeta seu descontentamento com o papel de esposa e mãe, contribuindo para elevar seu estresse. A agressividade que toma conta de Magda, seu cinismo aparente e sua desconexão com as âncoras da realidade – ao questionar, por exemplo, seu conhecimento prévio com Roberto – são sintomas tradicionais da pessoa sob surto psicótico, que tentei misturar a seu drama pessoal e familiar anterior para compor o clímax da história. Em termos de enredo, esperava fechar com essa cena a trajetória de Magda na Parte II, revelando *a posteriori* o que teria sido a causa de sua internação.

O planejamento dramático deste bloco da história recebeu uma atenção maior, se comparado à Parte I. Se retornarmos ao projeto inicial, veremos que ali a previsão era de que a Parte II refletisse em seu ritmo a convalescência da personagem, com uma passada mais lenta, sugerindo o que seria o fluxo de pensamentos e ações de alguém em tratamento com remédios incapacitantes como os antipsicóticos daquela época¹⁸. No entanto, após o retorno

17 KAUFMAN, Carolyn. *Idem*. (Locais do Kindle 1291-1293) “Se sua personagem está lidando com um problema 'normal' ou um transtorno diagnosticável, é possível para ela ficar bem sem visitar um terapeuta. Se ela possui bastante suporte das pessoas que são próximas, se a situação que está causando o problema muda, ou se ela enfrentou com sucesso um problema similar no passado, ela pode não demandar um terapeuta” (Tradução livre)

18 Os anos oitenta foram a década dos chamados medicamentos modernos na psiquiatria, sobretudo para o tratamento de sintomas relacionados à depressão. Foi a década da primeira comercialização dos Inibidores Seletivos de Recaptação da Serotonina, como o Prozac e o Luvox. A indústria organizava-se em torno da obtenção de resultados com a minimização de efeitos colaterais e, para muitos, com a intenção de popularizar estes medicamentos como “facilitadores do cotidiano”. Quanto aos antipsicóticos, classe de medicamento administrada a pessoas na situação de Magda, houve mudanças no paradigma quanto a dosagens e principalmente na combinação com terapias alternativas que comprometessem menos as faculdades mentais

recebido no exame de orientação a respeito da lentidão detectada na Parte I, optei por organizar mais funcionalmente a segunda parte para não correr o risco de que o tédio e a angústia experimentadas pela personagem fossem transmitidas não como emoções despertadas pelo processo de identificação na experiência de leitura, mas por ser meramente um texto tedioso ou desfocado – o que seria muito mais uma falha técnica que um experimento linguístico. Com isso em mente, minha preocupação foi traçar um fio condutor para que os eventos não se sucedessem de maneira aleatória, o que poderia comprometer o andamento da narrativa. A estratégia do uso de *flashbacks* em maior quantidade para balancear o peso dos acontecimentos na clínica, com os quais se alternariam, já estava prevista. Já o *insight* para planejar o encadeamento dos acontecimentos em torno da *vontade* de Magda veio da leitura de um clássico sobre a contação de histórias: “Todo herói precisa de um problema interno e outro externo. (...) Personagens que não têm um problema interno parecem chatos e superficiais, por mais heroicos que sejam em suas ações.”¹⁹

O quão heroico pode ser considerado o enfrentamento de uma doença mental dependerá sempre da experiência prévia do leitor em relação ao tema. Quanto às estratégias narrativas, embora não tenha pensado na trajetória de Magda a partir dos preceitos de uma Jornada do Herói, o plano de conjugar um problema interno e um externo me pareceu um bom ponto de partida para traçar a ordem – e eventualmente a função – de cada cena e cada capítulo. Magda tem um problema externo: encontra-se internada em uma clínica e deseja sair. E tem um problema interno: em meio a toda a confusão mental causada pela lide com as alucinações, o trauma do surto e mesmo a medicação, precisa conseguir olhar para dentro, assumir e quem sabe entender a violência que cometeu contra Manuela, o que provavelmente seria algo indelével daquele ponto em diante em sua vida.

O balizamento de todas essas variáveis dramáticas em um contexto que retirava de

dos pacientes. Havia, no entanto, uma predominância do uso de neurolépticos (antipsicóticos) de efeito sedativo, como o Haldol, mencionado no capítulo 8. “While side effects are a concern with any medication, they can be particularly problematic with antipsychotics.(...)Antipsychotics can be broken down into two classes: Typical or conventional antipsychotics include Haldol and Thorazine. While effective, at high doses or with long-term use, they’re notorious for causing sedation, considerable weight gain, and extrapyramidal effects (...) [that] include muscular spasms or rigidity, tremors, and other involuntary movements of the body.” Kaufman, Carolyn. *Idem* (Locais do Kindle 3421-3429). Linden Publishing. Edição do Kindle. “Enquanto efeitos colaterais são uma preocupação com qualquer medicamento, eles podem ser particularmente problemáticos com antipsicóticos. (...) Antipsicóticos podem ser divididos em duas classes: Típicos ou convencionais antipsicóticos incluem Haldol e Torazina. Embora eficazes, em altas dosagens ou uso prolongado são notáveis pelo efeito sedativo, considerável aumento de peso e efeitos extrapiramidais, que incluem espasmos musculares ou rigidez, tremores e outros movimentos involuntários do corpo” (Tradução livre) As informações sobre o histórico de uso de medicamentos foram retiradas da mesma fonte.

19 VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**: Estruturas Míticas para Contadores de Histórias e Roteiristas. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997 (p. 124)

Magda sua plena capacidade de ação também precisou ser pesado antes de que as ideias simplesmente fluíssem conforme pedisse o momento da escrita – processo preponderante na primeira parte, como comentarei mais adiante. Finalizado o capítulo dez, restou a consciência de alguma dívida quanto ao realismo do processo de recuperação da personagem. A primeira lacuna seria em relação ao tempo. Em geral, o tempo de recuperação de alguém que sofra um surto psicótico envolvendo alucinações e desconexão com a realidade varia de duas a oito semanas²⁰, sob tratamento controlado. Embora não haja nenhuma menção direta ao período de internação ao longo da narrativa, é possível que pareça ao leitor que houve uma recuperação muito rápida entre os dois últimos encontros com o médico psiquiatra. Além disso, como optei por atacar o problema interno de Magda através dos terapeutas, que vez e outra sugerem que ela busque entender sua relação com a filha, há também a possibilidade de haver certa inverossimilhança do ponto de vista médico, pois houve ênfase em uma saída psicoterapêutica para tratar algo que até então fora apresentado com sintomas de transtorno psicótico, e, embora saibamos da importância do acompanhamento psicológico no tratamento de qualquer sofrimento mental, o salto de melhoria a partir de um “olhar para dentro” frente a uma suspeita de esquizofrenia pode ter parecido forçado. Por fim, há a questão estrutural. Uma clínica que ofereça o que Magda tinha acesso – cama, alimentação, enfermeiros, medicação, psicólogo, médico, atividades alternativas – teria um altíssimo custo para uma família de classe média. Não à toa surgem suas preocupações com dinheiro durante seus lapsos de lucidez que entrecortam algumas cenas. Este talvez tenha sido o principal motivo pelo qual o tempo de internação não tenha sido mencionado e também de a questão financeira ser trazida à conversa por mais de uma vez. Secundário ou não, era também uma preocupação relevante da personagem naquela fase de sua vida, em que fazia contas e planejava negócios.

Ciente destes impasses, optei por não deixar que um comprometimento extremo com a verossimilhança se sobrepusesse ao plano narrativo, já que para isso alterações teriam de ser feitas talvez a ponto de que a própria personagem desvanecesse em meio a, por exemplo, semanas a fio de recuperação gradual – o que, por fim, enfraqueceria também o motor problema-interno-*versus*-externo comentado acima – ou demandaria muito mais páginas para

20 “Antipsychotics usually begin to help with agitation and sleep within a week, with hallucinations over two to eight weeks, and with thought disorganization in six to eight weeks, though thought disorganization is the hardest thing to treat and may persist in spite of the antipsychotic.” KAUFMAN, Carolyn. *Idem*. (Locais do Kindle 3435-3436) “Antipsicóticos geralmente começam a ajudar com a agitação e o sono dentro de uma semana, com as alucinações entre duas e oito semanas e com desorganização mental em seis a oito semanas, embora desorganização mental seja o ponto mais difícil de tratar e possa persistir a despeito do antipsicótico.” (Tradução livre)

sua execução. Esta opção por manter o plano original, priorizando o andamento em detrimento da verossimilhança, ou, posto em outros termos, priorizando um aspecto literário em relação a um de conteúdo, se deu em parte porque a percepção deste problema, assim como de tantos outros – como ocorre com boa parte dos pontos fracos que detectamos ao escrever ficção – ocorreu em meio ao processo, com boa parte da escrita já executada. E aqui abrimos uma porta para a discussão do quanto o estilo do processo criativo pode interferir no resultado – sobretudo quando lidamos com uma *deadline* como, no caso, a entrega deste trabalho. Ao idealizar a história de Lena / Magda nos esboços de meu diário pessoal e no caderno que separei para os rascunhos do projeto, tinha anotado o que considerava serem as principais características psicológicas da personagem, as suas relações afetivas mais próximas e as linhas gerais do enredo. Ou seja: um percentual pequeno dos elementos que compõem a história²¹, sendo que tanto a inclusão dos demais ingredientes quanto o desenvolvimento destes listados ficava a cargo do que conseguisse extrair de cada “sentada”²², de cada sessão de escrita.

Obrigado a encaixar os horários de trabalho em um cronograma estreito, defini alguns pontos que considerei essenciais para o desenvolvimento e finalização da Parte II. Isso aconteceu quando já tinha os cinco primeiros capítulos desta parte escritos. Então elenquei nesta lista uma cena em que Lena pudesse aparecer sem que suas ações estivessem confinadas ao círculo doméstico ou à debilidade da doença; uma cena que trouxesse o drama da chegada das alucinações, pautando seu conflito com o mundo real e, por fim, a cena-chave, o clímax explicativo da situação de internação. Os capítulos 6, 7 e 9/10 tentaram cumprir, respectivamente, essas funções.

Seguindo a estrutura até então utilizada nesta parte – cotidiano na clínica, *flashback*, retorno à clínica – o capítulo 6 pretendia deixar Lena/Magda à vontade em uma sequência de ações onde pudéssemos participar de seu drama de ter que conciliar uma vida escolhida há anos com um as novas aspirações que a seduziam no momento. A ideia de que estivessem organizando uma celebração na clínica como método de terapia alternativa²³ surgiu em função

21 Elementos como cenário, atmosfera, cores, desenvolvimento das personagens secundárias, sub-enredos e mesmo a quantidade de emoções com as quais as personagens lidam a cada cena surgiram como tópicos passíveis de serem planejados de antemão para organizar o trabalho de escrita.

22 Não por acaso o termo *pantsers* é usado nos países anglófonos para definir ficcionistas que trabalham a partir de um nível baixo ou nulo de planejamento. A expressão sugere escritores que “sentam sobre suas calças” para descobrir os rumos da história. <<https://www.autocrit.com/editing/library/plotter-or-pantser-the-best-of-both-worlds/>>. Acesso em: 5 dez. 2017

23 O trabalho coletivo é uma terapia utilizada na recuperação de pacientes com transtorno psicótico e outros que envolvam perda de conexão com a realidade. A organização da celebração teria o intuito de reforçar o

do miolo do capítulo, a sequência em que Magda vive um momento de proatividade no gerenciamento da festa de segundo aniversário de sua confecção, conjugada com uma rodada de negócios entre comerciantes locais e potenciais clientes. Ali pretendi colocar em cena uma Magda ativa, satisfeita, plena de suas faculdades mentais e contando com boa dose de presença de espírito. O fato de ter que observar Manuela à distância nos braços de um semi-desconhecido para poder desempenhar este papel coroaria parte de seu conflito que se arrasta na Parte I. Por fim, há uma quebra de clima provocada pela chegada de Roberto, o marido, que surge como elemento alheio ao universo satisfatório que ela construía para si²⁴.

Para o capítulo 7 planejei um momento de intimidade solitária de Lena, em que a consolidação paulatina de suas alucinações pudessem causar um efeito de tensão, já que, sem testemunha para fornecer um olhar externo, a experiência da narrativa faria, com sorte, o leitor identificar-se com o drama de sua confusão mental. Colocá-la para trabalhar com costura nesta cena foi uma saída para ter algo de concreto e mundano intercalando com o desarrazoado das vozes que lhe chegavam aos ouvidos²⁵, e assim tentar uma espécie de ênfase através do contraste²⁶, além de ter movimentos com que marcar o ritmo e andamento da cena. Além do mais, àquela altura sentia a necessidade de demonstrar um pouco mais detidamente a relação de Magda com a confecção, para fixar melhor a ideia de que aquilo era uma questão crucial de sua vida²⁷. Já a decisão do teor de suas alucinações auditivas, o fato de que

sentimento de comunidade, estratégia típica deste tipo de tratamento. KAUFMAN, Carolyn. *Idem*. (Locais do Kindle 3511-3514). Aqui também reforçando a ideia de ser esta clínica um espaço comprometido com a recuperação dos pacientes, como alguns de fato são. Outra pista deste tipo surge no capítulo 8 quando Lena, depois de ter o Haldol – clássico antipsicótico – substituído por um medicamento mais moderno e menos sedativo, consegue encadear melhor suas falas e pensamentos, de modo que a sessão com o psiquiatra acaba acelerando seu processo de compreensão dos eventos narrados nos capítulos subsequentes.

- 24 Duas cenas em *flashback* encerram-se de forma semelhante, com Roberto chegando esbaforido e repreendendo Magda por discordar de sua postura em relação à filha – capítulos 3 e 6. Esta simetria foi notada posteriormente e resolvi mantê-la pois, embora a princípio tenha me parecido um indício de pobreza de recursos narrativos – devido à repetição – imaginei em seguida que aquelas situações poderiam enfatizar, por acumulação, o descontentamento que a personagem vivia em seu casamento. O ponto de vista da personagem é frisado em pensamento através de discurso indireto no capítulo 9, no qual Magda reflete que estaria tudo bem pensar em divórcio, apenas o momento era bastante ingrato.
- 25 Ou, como explicado na nota 6, que *para ela* indubitavelmente lhe chegavam aos ouvidos.
- 26 Outra imagem levemente inspirada por sugestão de manuais de escrita. “For a subtler effect without melodrama, choose weather conditions, landscapes and objects which don't reflect the emotion - but evoke the mood through your word choices.” HALL, Rayne. **Writing Vivid Emotions: Professional Techniques for Fiction Authors**. (Locais do Kindle: 262) Londres: Edição do Kindle, 2017 “Para um efeito mais sutil e sem melodrama, escolha condições do tempo, paisagens e objetos que não reflitam a emoção – no entanto, evoque os ânimos através de suas escolhas de palavras.” (Tradução livre). Daí também a ideia de trabalhar um vestido leve de verão sob a luz alaranjada do entardecer enquanto os fantasmas da psicose a alucinavam.
- 27 A título de ilustração, já que tratamos aqui de uma trajetória de escrita: no fim de semana anterior à composição do capítulo 7 realizei um curso de Corte e Costura à distância, para me familiarizar e tirar dúvidas a respeito das ferramentas e materiais, assim como das etapas do processo de confecção, do desenho à finalização, passando pela escolha dos tecidos. Obtive o pacote de aulas em <<https://www.primecursos.com.br/corte-e-costura/>>. Último acesso em: 7 dez. 2017

aludissem – ainda que, digamos, psicodelicamente – à sua relação reticente com a filha, foi uma forma de aproveitar o momento de apresentação do surto psicótico em primeiro plano já visando uma preparação para a cena final.

Os capítulos finais fogem à estrutura seguida pelos seis primeiros, que iniciavam com o presente na clínica, seguido de *flashback* e retorno à clínica. O sétimo é inteiro uma visita ao passado recente, independente de ganchos ou preâmbulo. Foi um respiro estrutural. O oitavo acontece todo na internação, sendo que mesmo seu curto salto aos dias anteriores remete a um evento dentro da própria Casa de Recuperação. Este capítulo também marca o enfrentamento final da personagem com o que chamei acima de seu problema interno – ou seja: sua capacidade de aceitar a gravidade do que havia cometido durante o surto. E os capítulos nove e dez vêm mostrar o que havia acontecido, com Lena apta a recordar-se, afinal de contas, que história era essa do cinzeiro, objeto que mereceu menções breves desde a Parte 1, como algo atrelado a um evento aparentemente sinistro em sua trajetória.

Ficaram de fora alguns tópicos ou assuntos que teriam merecido espaço na narrativa caso esta Parte II fosse uma história individual, mais longa e dividida em mais camadas. Pensando na complementaridade entre as partes, e encorajado por autores que advogam pela economia da escrita²⁸, optei por contar com o poder do não-dito e deixar alguns pontos por conta da imaginação do leitor.

Notadamente, deixei de fora o evento da internação. A entrada em um hospital ou clínica psiquiátrica, ainda que não compulsória, pode ser um evento traumático e por isso possui potencial dramático, pelo que considerarei retomar o evento em *flashback* em algum momento próximo ao fim. Ao mesmo tempo, pensei ser também um possível lugar comum e, já tendo iniciado o texto com Magda sofrendo a insegurança de uma noite mal dormida durante a internação e fornecido algumas pistas de haver sido o surto narrado no capítulo 10 – e principalmente suas consequências – a gota d'água para que a situação de Magda clamasse por uma intervenção mais séria, dei-me por satisfeito sem a necessidade de narrar a ocasião.

Por fim, havia ainda um elemento que me parecia rico a ser explorado, ainda que

28 Por exemplo, Noah Lukeman: “The unsubtle writer will condescend to the reader, hit him over the head with obvious information, tell him things he already knows and generally repeat things... (...) Picture the reader as brilliant, perceptive, having a photographic memory, taking everything in the first time he reads it, able to grasp ideas before you even begin to say them, able to see where things are leading before you begin to lay them out.” LUKEMAN, Noah. *Idem*. (Locais do Kindle: 1876 e 1886, respectivamente). “O escritor não sutil será condescendente com o leitor, martelando-o com informação óbvia, contando-o o que ele já sabe e geralmente repetindo coisas... Imagine o leitor brilhante, perspicaz, com memória fotográfica, captando tudo na primeira vez que lê, apto a compreender ideias mesmo antes que você as diga, capaz de ver para onde as coisas estão caminhando antes que você comece a revelá-las.” (Tradução livre)

sumariamente, e que, assim como a cena não realizada da internação, planejava abordá-lo desde o início mas que, diferente daquela, acabei não fazendo simplesmente por não ter encontrado espaço para tal: a preferência de Magda por ser chamada de Lena durante seus dias na clínica.

Tratá-la por nomes diferentes em cada uma das partes já fazia parte do projeto desde seu esboço, como um artifício para sinalizar que, mesmo se tratando da mesma pessoa, eram ali três possíveis personagens diferentes. Magdalena é um nome pesado em nossa sociedade de referencial cultural cristão e eu tinha bons motivos para evitá-lo – inclusive pelo risco de cair na configuração, a meu ver cafona, de ter o nome da personagem indicando algo de sua personalidade ou trajetória de vida e que seria, neste caso, o fato de Magda/Lena ser identificada com uma espécie de anti-heroína. No entanto, por razões que não me atrevo a tentar teorizar, o nome me sobreviveu desde o *boom* inicial de ideias que tive para a novela e retalhá-lo foi a saída que vi para amenizar seu peso. A Parte III, ainda um *work in progress*, trará Magdalena sendo tratada por seu apelido de infância, “Madá”. A Magda da Parte I é uma abreviação prática, plausível e usual por brasileiros batizados com polissílabos. E por que Lena em 1989?

Ainda na esteira da mixagem de transtornos mentais e seus sintomas interseccionais, temos que Magda, sofrendo de um surto psicótico, tenha protagonizado uma situação catastrófica para sua memória afetiva – a agressão cometida contra sua própria filha. Este evento, ainda que recalcado em suas lembranças imediatamente posteriores ao ato, possivelmente teria se convertido em um trauma guardado. Assumir nova personalidade sob nova alcunha é uma defesa comum em pessoas convalescentes de um transtorno pós-traumático²⁹. Tal qual as especificidades de diagnósticos relacionados aos surtos que preferi evitar, deixei com que a possibilidade deste transtorno fosse mais uma em aberto no jogo.

Assim como na Parte I, este bloco narrativo encerra em seu clímax, trazendo à tona o conjunto de fraquezas que condicionam a relação da personagem com suas próprias motivações presentes e futuras.

29 “Because a part of the person’s identity is walled off with the trauma, an ‘alter’, which is another personality, is created.” KAUFMAN, Carolyn. *Idem*. (Locais do Kindle 2588-2589). “Porque uma parte da identidade da pessoa está aprisionada com o trauma, um ‘alter’, que é outra personalidade, é criado.” (Tradução livre)

7. Considerações Finais

Por fim não apresento a tempo a Parte III da história. A necessidade de sistematizar uma pesquisa, organizá-la em temas e tornar a interpretação de seus resultados inteligível dentro de um ensaio acabou tomando o lugar que havia reservado, dentro do cronograma inicial, para a escrita daquele bloco final.

Se temos, entretanto, um fruto científico que colher desta experiência, é justo o da relação entre planejamento, pesquisa e execução da obra ficcional³⁰. Durante muito tempo – digamos, desde meus primeiros escritos com intenção literária até a reta final da Parte I – depus sobre o momento da escrita o fardo de tomadas de decisão do processo criativo. Era como ter uma ideia e querer, durante o ato de composição, girar todo meu arcabouço cultural em direção à página, com a confiança, suficiente para dar continuidade ao rito, de que dali sairia uma obra a valer seu esforço. É uma dinâmica à qual ainda pretendo me entregar, sobretudo se calhar de escrever um dia sobre algo que considere já ser de meu domínio. No entanto, frente ao compromisso de explorar uma linha que mereça a classificação, rótulo ou alcunha de realista, descobri muitos novos passos metodológicos que influenciam diretamente o processo de criação e, é claro, seus resultados.

Não se trata apenas de informações sobre o mundo real veiculadas na ficção. Pode-se, é certo, dizer que um olhar criterioso nas fontes da sessão anterior mostrará que houve cuidado com o conhecimento médico e clínico na área da psiquiatria. Foi um esforço em me relacionar com algum conhecimento sólido da matéria explorada na novela para ter bases seguras a partir das quais poder improvisar – e aqui está o salto criativo na relação entre pesquisa e ficção. Como mencionado anteriormente, a título de ilustração, praticamente todo um capítulo ambientado em festas foi inspirado pela ideia de terapia coletiva de trabalho em grupo. Este é um exemplo de situação em que a literatura emergiu da pesquisa. É dizer que

30 A elaboração de uma trajetória de escrita foi o caminho que escolhi para converter a experiência em conhecimento documentado. Possivelmente uma abordagem única posterior ao término da obra poderia passar uma sensação de maior controle e consciência por parte do autor, como faz Edgar Allan Poe a respeito de seu poema *O Corvo*. No entanto, no mesmo ensaio, Poe preconiza o valor que teriam os registros sobre o processo ocorrendo em tempo real, pois embora seja possível manter e relatar em certo nível os procedimentos e justificativas das escolhas, é inevitável que boa parte dos momentos decisivos seja perdida se confiada exclusivamente à memória. “Muitas vezes pensei quão interessantemente podia ser escrita uma revista, por um autor que quisesse, isto é, que pudesse, pormenorizar, passo a passo, os processos pelos quais qualquer uma de suas composições atingia seu ponto de acabamento. (...) Bem sei, de outra parte, que de modo algum é comum o caso em que um autor esteja absolutamente em condições de reconstituir os passos pelos quais suas conclusões foram atingidas” POE, Edgar A. *A Filosofia da Composição* in: **Poemas e Ensaaios** (ePUB) São Paulo: Editora Globo, 2009 (Locais do Kindle 2308 e 2317-19, respectivamente)

um movimento dramático de minhas personagens, já com suas trajetórias em andamento, partiu de um elemento “frio” da prospecção de saberes já consolidados por outras áreas. Esta interação entre dramas humanos individuais e o conhecimento humano coletivo, seja ele histórico, científico ou filosófico, colocados em movimento dentro de um universo ficcional, me pareceu dos mais significativos pontos explorados neste projeto de pós-graduação – e posso acrescentar: muito do ponto de vista da premissa acadêmica de construção do conhecimento, mas, também e principalmente, de minha formação como escritor, que entendo seguir sendo objetivo do Programa.

Estetizar as ideias que iam surgindo e fazer com que adquirissem coerência, funcionalidade e ritmo dentro do pequeno universo de Magda foi outro passo que atribuo aos esforços gerados em função desta linha de pesquisa. E aqui entra toda a questão da técnica. O escritor sempre pode assentar-se diante de seu teclado e deixar fluir o que quer que haja dentro de si, à maneira que se sentir apto. Não seria má ideia pesar, contudo, diante de seus objetivos, o que há a ganhar ou perder ignorando ou relegando a segundo plano pelo menos dois séculos de discussão a respeito da variedade de efeitos que se pode atingir conforme se opta por uma maneira ou outra de contar sua história. No trabalho de *Esta graça que é olhar para trás* é para mim difícil refletir a questão sem promover uma comparação entre a Parte I e a Parte II, apresentadas nas seções 3 e 5 desta dissertação.

Antes, alguns esclarecimentos sobre o histórico desta produção. Diversas vezes venho me referindo, principalmente desde a seção 6, às partes I e II da novela como se fossem peças definitivas. Não são. E isso não é difícil supor, já que o menor contato com escritores e suas queixas de autor nos levarão a escutar que um livro muitas vezes não se encerra mesmo depois de publicado. O mais incômodo, no caso, é que venho me referindo a estas partes I e II como se fossem inteiramente representativas do que pretendi como autor. Não são. Algo que já está subentendido em um programa como este – mas que não custa reforçar, sobretudo para evitar qualquer efeito de petulância no discurso – é que o trabalho ficcional é mero intento do que supus ser possível almejar em termos teóricos e executar artisticamente dentro do prazo estabelecido. A maneira como me refiro a meu texto ficcional como *sendo* isto ou aquilo é efeito da boca torta pelo cachimbo, do hábito de analisar obras de terceiros, analisar obras finalizadas. Escrever sobre o próprio trabalho de criação pode ser bastante constrangedor, principalmente quando simultaneamente à sua composição, quando boa parte das questões ainda são especulativas para nós mesmos. Fazê-lo com o objetivo de desenvolver algum tipo

de conhecimento, seja no campo da crítica genética, seja mesmo quanto às técnicas e estratégias da Escrita Criativa, é responsabilidade ainda maior e, para conseguir transpor a barreira da página em branco foi preciso assumir um tom de autor com ideias relevantes acerca da criação literária. Ainda carrego, vez que outra, a sensação de charlatanismo.

Ainda não sendo a autoavaliação escopo deste trabalho – mas não deixando de ser um *plus* no que diz respeito à trajetória de escrita – confesso que, ao reler o que já apresento da novela, o texto me parece insatisfatório literariamente. Muito talvez pela comparação com outras obras, já que venho dando sequência a meus hábitos de leitor, consumindo literaturas indubitavelmente mais maduras que a minha. Mas talvez também por detectar no texto momentos em que o acadêmico roubou voz ao narrador – um possível problema neste tipo de dinâmica, em que as composições de ficção e ensaio se sobrepõem cronologicamente.

Outro elemento desta digressão que considero impactante para o resultado final é o modelo de calendário da Escrita Criativa dentro do PPGL, nesta minha entrada, em que os alunos apenas precisam apresentar o projeto ao fim do primeiro ano de mestrado. Para mim foi uma boa pedida, já que me abriu a possibilidade de desenvolver um tipo de narrativa até então não experimentada, sobretudo no que diz respeito à extensão. Como mencionado na seção 4, minha experiência prévia como escritor de ficção estava circunscrita a contos, crônicas e relatos curtos, de modo que o compromisso em pensar um projeto de narrativa longa – novela ou romance – me trouxe o tempero do desafio, mas também as dificuldades operacionais do marinheiro de primeira viagem, que talvez estejam patentes no texto – sobretudo na Parte I: Magda, 1999.

A avaliação qualitativa que posso apresentar com alguma segurança e que traz uma chave de interpretação relevante para esta dissertação é que a Parte II – seção 5 – manejou seus ingredientes com maior consciência que a precedente.

Mais uma vez o planejamento do trabalho, ou sua falta, surge como razão principal. Ao iniciar as primeiras linhas da novela, tinha ao lado um caderno com ideias gerais do que deveria acontecer ao longo de todos os capítulos, mas não do que deveria acontecer em cada um deles. Ou seja: o processo da primeira parte envolveu um certo flamar na escrita. Talvez não à toa me tenham vindo à mente cenas de Magda caminhando na rua refletindo alguma questão da vida – cenas que apareceram e se repetiram. Esta liberdade de experimentação e improvisação pode nos levar a surpresas agradáveis, como comentei na seção 4 ter sido a criação da personagem Olma, mas traz a reboque todas as inconsistências que na seção 6 listo

por me terem sido apontadas no exame de qualificação, como a lentidão e a sensação de falta de objetividade da narrativa. Na escrita da Parte II, a necessidade de precisão – tanto interna quanto externa ao texto – me levou a pensar de antemão em elementos como cenários, atmosfera, emoções trabalhadas, objetividade dos diálogos e sobretudo na função das cenas. O resultado foi a confecção de outros dez capítulos mais enxutos e, possivelmente, mais impactantes.

Outra possível frustração em relação ao projeto inicial desta dissertação (ao lado do fato de eu não haver escrito a tempo a Parte III da história) diz respeito à metodologia. A diferença é que esta não se alterou por conta de um cronograma, e sim da própria elaboração e, por que não dizer, da descoberta de um método pessoal de organização de uma narrativa longa. Mesmo antes de querer organizar um certo material de base para oferecer a uma crítica – ou autocrítica – genética de minha ficção, havia em meus diários pessoais momentos de digressão a respeito de meus personagens e suas motivações, possíveis conflitos, dramas, ideias de enredo e etc. Embora tenha pretendido organizar em um mesmo espaço os materiais específicos para os fins criativos, acabei não adquirindo o hábito. Não “emplacou”. Ao longo dos últimos doze meses, período em que me dedico à elaboração da novela, produzi diversos parágrafos manuscritos pensando e repensando os eventos e personagens de *Essa graça que é olhar atrás* (mesmo este nome já não me parece ser o que darei a um futuro livro. Uma mudança que, como tantas outras, partiu destas reflexões manuscritas a que me refiro). O caso é que todas essas anotações brotaram em meio às anotações das curvas de minha própria vida. Seguiram surgindo, às vezes se resolvendo, às vezes não, dentro de meus diários pessoais – ou, seria mais exato dizer, de meus *cadernos de anotar a vida*, como os de Clara de A Casa dos Espíritos, já que não respeito uma periodicidade. O desconforto de Magda em relação à medicação surge em meio ao relato de uma visita recente à minha psiquiatra; o descompasso entre ela e Roberto, anos depois, em meio a uma sôfrega bateria de revisita às minhas desventuras afetivas. E assim por diante. Sempre um pouco espontaneamente. Esta característica do trabalho me faz crer que, embora tenha escolhido, em um nível mais geral, lidar com temas comuns, como separação, doença e maternidade, o fiz com uma inevitável carga de pessoalidade. Se uma experiência individual será relevante para uma obra de ficção é avaliação que dependerá da força das personagens e seus conflitos, ou seja, da qualidade literária da obra. Mas, bem ou mal, suponho estar aí o elemento humano, uma possibilidade qualquer de universalidade que descobrimos sempre na literatura. Estas são as pequenas

fagulhas de vida que pretendo saber contrabandear à minha prosa, embaladas ou não no apuro técnico, que agora ganha fôlego para crescer com os anos.

8. REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel **La casa de los espíritus**. Barcelona: Contemporánea, 2012
- ARBEX, Daniela **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013
- CUNNINGHAM, Michael **As Horas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- DUEÑAS, María **El tiempo entre costuras**. Madrid: Temas de Hoy Ediciones, 2009
- FLAUBERT, Gustave **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- HALL, Rayne. **Writing Vivid Emotions: Professional Techniques for Fiction Authors**. Londres: Edição do Kindle, 2017
- HALL, Rayne **Writing Vivid Plots: Professional Techniques for Fiction Writers**. Londres: Edição do Kindle, 2016
- HUSTON, Nancy **Marcas de Nascimento**. São Paulo: L&PM, 2011.
- JAMES, Henry **A Arte da Ficção**. Osasco: Novo Século, 2011.
- KAUFMAN, Carolyn. **The Writer's Guide to Psychology: How to Write Accurately about Psychological Disorders, Clinical Treatment and Human Behavior**. Linden Publishing. Edição do Kindle.
- LISBOA, Adriana **Rakushisha**. São Paulo: Rocco, 2007.
- LODGE, David **The Practice of Writing**. New York: Penguin, 1997.
- LUKEMAN, Noah. **The First Five Pages: A Writer's Guide to Staying Out of the Rejection Pile**. Robert Hale Publishing, 2000. Edição do Kindle.
- MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MURAKAMI, Haruki **1Q84**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.
- PALLOTTINI, Renata **Dramaturgia: A construção da personagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- POE, Edgar A. *A Filosofia da Composição* in: **Poemas e Ensaios** (ePUB) São Paulo: Editora Globo, 2009
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**. Processo de criação artística. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- SARTORIUS N, JABLENSKY A, KORTEN A, ERNBERG G, ANKER M, COOPER JE,

DAY R. *Early manifestations and first-contact incidence of schizophrenia in different cultures*. Psychol Med. 1986; 16:909-28

TOLSTÓI, Leon **A Morte de Ivan Ilitch**. São Paulo: Editora 34, 2006.

TOLSTÓI, Leon **Anna Karênina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

VIGNA, Elvira **Como se estivéssemos em palimpsesto de putas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

VOGLER, Christopher **A Jornada do Escritor**: Estruturas míticas para contadores de histórias e roteiristas. Rio de Janeiro: Ampersand, 1997.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FILMES:

Bicho de Sete Cabeças. Direção: Laís Bodanzky. São Paulo: Buriti Filmes, 2000.

Melancholia. Direção: Lars Von Trier. Dinamarca, Suécia, França, Alemanha: Zentropa Entertainments27, 2011.

Thelma & Louise. Direção: Ridley Scott. Estados Unidos: Pathé Entertainment, 1991



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br